

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir esta realização.

À minha orientadora, Professora Maria Cristina Smith Menandro, que não só muito me ensinou, mas sempre me incentivou e acreditou no meu potencial. Sua colaboração não foi apenas técnica e científica, mas também pessoal!

À Professora Maria Margarida Pereira Rodrigues por suas colaborações na banca de qualificação e de Defesa, bem como à Professora Célia Regina Rangel Nascimento por sua participação na banca de qualificação e ao Professor Fabrício de Souza por sua contribuição na banca de Defesa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia / UFES que muito colaboraram na minha formação. Sobretudo, agradeço àqueles que me ensinaram a ser pesquisadora, em especial os professores da Redepto e a Professora Claudia Broetto.

Ao Professor Paulo Menandro pelas dicas importantes e pela cessão de tantos livros!

À minha família, por acreditar em mim. Especialmente, às minhas irmãs, por terem me permitido o uso contínuo do computador. Obrigada pela gentileza!

Ao meu noivo, Rafael, pelo incentivo e paciência, além de ser acalento nas horas angustiantes. Tudo se tornou mais colorido com a sua presença!

Aos amigos de pesquisa que muito me ensinaram e souberam me orientar, especialmente Mariane, Mariana Bonomo, Milena e Paola. Obrigada pelas conversas terapêuticas!

Às colaboradoras da minha pesquisa, Juliana Brunoro e Elisa Avellar, que muito ajudaram em atividades importantes. Vocês foram fundamentais! Obrigada!

À Paola, pelo auxílio de última hora com o idioma inglês.

Ao CNPq, pela bolsa que me foi concedida no período do mestrado.

Aos participantes desta pesquisa, pela delicadeza de terem dividido comigo suas experiências e expectativas de família.

Wanderley, Thaís Caus (2009). *Vivência da fecundidade por famílias capixabas – estudo intergeracional*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

## RESUMO

Os papéis sociais e afetivos desempenhados pelos integrantes da família são temas que têm sido discutidos nas diversas áreas das ciências humanas, inclusive na Psicologia. Porém parece existir uma tendência a dar enfoque nos aspectos da maternidade, da paternidade, ou até mesmo em outras dinâmicas internas, ao passo que o papel estruturador que o filho apresenta na família parece ser pouco aprofundado. Nesse sentido, o presente estudo buscou compreender, por meio do estudo da vivência da fecundidade no ambiente familiar durante o século XX, o papel que o filho apresentou e vem apresentando nas famílias capixabas. Procurou-se também estudar as práticas de criação de filhos vigentes no século XX; relacionar a fecundidade às questões de gênero e de conjugalidade; verificar as práticas de controle de natalidade e de planejamento familiar assumidas no decorrer do século XX, o uso e aceitação delas; buscando, assim, entender em que posição os filhos se encontram na organização familiar. Para tanto, foi feito um estudo intergeracional, comparando três gerações de seis famílias diferentes, totalizando dezoito participantes. Houve distinção de gênero para que comparações nesse sentido fossem realizadas. Assim, foram convidados a participarem desta pesquisa, três trios de mulheres – filhas, mães e avós – e três trios de homens – filhos, pais e avôs, sendo estas tríades constituídas por pessoas de uma mesma família. O instrumento utilizado na coleta de dados foi uma entrevista individual semi-padronizada para que os dados fossem coletados em profundidade. Foram construídas narrativas individuais a partir das unidades de significado que interessavam ao estudo

diagnosticadas no discurso dos participantes. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa com base nestas narrativas e buscando fazer comparações entre as gerações, para que se chegasse ao entendimento da experiência e dos significados vivenciados pela família brasileira quanto à fecundidade ao longo do século XX. Os resultados mostraram que o filho permanece como essencial à constituição familiar, mesmo que isto se dê de formas diferentes nas diversas gerações. O modelo de família nuclear ainda é o tomado como referência e a família tem grande valor social. Porém, verificaram-se mudanças expressivas nas práticas de criação de filhos, nas relações de gênero e conjugalidade, no uso da contracepção e no planejamento familiar. Todos estes elementos foram estudados em relação à história do século XX, o que permitiu a confirmação de que as práticas familiares afetam e são afetadas pelas circunstâncias sociais em que estão inseridas.

**Palavras-chave:** FECUNDIDADE; FILHO; FAMÍLIA, ESTUDO INTERGERACIONAL; PAIS.

Wanderley, Thaís Caus (2009). Experiencing fertility in capixabas families – an intergeneration study. Master's degree dissertation. Postgraduation Program in Psychology, Human and Natural Center at Federal University of Espírito Santo.

### **ABSTRACT**

The social and affective roles experienced by family members are themes that have been discussed in many areas of human science, including the Psychology. However, it seems to exist a tendency in focusing only on the aspects of motherhood, fatherhood, or even other internal dynamics, while the structuring role played by the child in the family seems to be neglected. In this direction, the present study sought to understand, through the study of the experience of fertility in the family environment during the 20th century, the role that the child has been playing in capixabas families. It was also the objective of this research to study the raising of children during the 20th century; relate fertility to the matters of gender and conjugality; verify practices of contraception and family planning used during the 20th century, as well as their acceptance; trying to understand in which place children are in the family organization. To accomplish that was done an intergenerational study, comparing three generations of six different families, reaching a total of eighteen participants. It was done a gender distinction so comparisons could be made. Therefore, were invited to participate of this research three groups of women – daughters, mothers and grandmothers – and three groups of men – sons, fathers and grandfathers, each group being composed by the same family. The instrument used in the data gathering was a semi structured individual interview, so the information could be gathered in depth. Were constructed individual narratives from the units of meaning that were related to this study in the participant's speech. The data analysis was qualitative based on the narratives, comparing generations so an

understanding could be reached from the experiences lived by the Brazilian families about fertility during the 20th century. The results showed that the child continues to be essential to the construction of the family, even being in different ways among the generations. The model of nuclear family is still used as a reference and the family has great social value, even though were found expressive changes in the ways of raising children, in the relations of gender and conjugality, in the use of contraceptives and family planning. All those elements were studied related to the history of the 20th century, which allowed the confirmation that the family practices affect and are affected by the social circumstances they belong.

Key words: FECUNDITY; CHILD; FAMILY; INTERGENERATIONAL STUDY; PARENTS.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	6
<b>1) INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1) <i>Família Brasileira: algumas questões sobre o estudo deste objeto social.....</i>	11
1.2) <i>Homem e mulher na família no Século XX.....</i>	13
1.3) <i>Família e Fecundidade.....</i>	17
1.4) <i>Família e o controle da fecundidade.....</i>	19
1.5) <i>A criação dos filhos e o papel deles na família.....</i>	21
1.6) <i>O enfoque intergeracional no estudo da família.....</i>	25
1.7) <i>Objetivo.....</i>	27
<b>2) MÉTODO.....</b>	<b>31</b>
2.1) <i>Participantes.....</i>	31
2.2) <i>Instrumento.....</i>	33
2.3) <i>Procedimentos de coleta dos dados.....</i>	34
2.4) <i>Procedimentos de análise dos dados.....</i>	35
2.5) <i>Aspectos éticos.....</i>	38
<b>3) RESULTADOS.....</b>	<b>40</b>
QUADRO 01 – <i>Caracterização dos participantes.....</i>	41
3.1) <i>Narrativas das famílias femininas.....</i>	43
3.2) <i>Narrativas das famílias masculinas.....</i>	69
<b>4) DISCUSSÃO.....</b>	<b>95</b>
4.1) <i>Geração mais velha: Avós e Avôs.....</i>	95
4.1.1) <i>Mudanças intergeracionais apontadas pela         geração do início do século XX.....</i>	113

<b>4.2) Geração intermediária: Mães e Pais</b> .....	117
4.2.1) <i>Mudanças intergeracionais apontadas pela geração intermediária – geração nascida entre as décadas de 50 e 60 do século XX</i> .....	132
<b>4.3) Geração mais nova: Filhas e Filhos</b> .....	137
4.3.1) <i>Mudanças intergeracionais apontadas pela geração do final do século XX</i> .....	148
<b>5) CONCLUSÕES</b> .....	153
5.1) <i>Família e o significado de filho</i> .....	153
QUADRO 02 – <i>Importância do filho</i> .....	155
5.2) <i>Vivência da fecundidade por famílias brasileiras do século XX</i> .....	165
5.2.1) <i>Relações de gênero e práticas de criação de filhos</i> .....	165
5.2.2) <i>Contracepção e planejamento familiar</i> .....	169
5.2.3) <i>Considerações finais</i> .....	171
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	174
<b>ANEXOS</b> .....	180
ANEXO 01.....	180
ANEXO 02.....	183

## 1) INTRODUÇÃO

### *1.1) Família Brasileira: algumas questões sobre o estudo deste objeto social*

Estudar a família tem sido um desafio aceito e aprimorado por diferentes áreas de conhecimento, tais como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia. Muitos são os elementos que perpassam este tema, tornando-o rico, interessante e diversificado. São vários os sistemas familiares presentes nas diferentes sociedades - inclusive na brasileira. Dificilmente se conseguiria falar em um único tipo de família que englobasse toda a organização desta sociedade, como já disse Diniz e Coelho (2005): “Enfim, não existe um único modelo de família, mas sim muitas famílias brasileiras” (p.143).

O que se percebe é que existem organizações familiares diversas nas quais podem ser constatados padrões de comportamento e sistemas simbólicos diferenciados (Biasoli-Alves, 1997), caracterizando-se como organizações constituídas por pessoas que, juntas, constroem seus mitos (Sarti, 2004), condições essas que fazem da família um sistema multifacetado.

Neste contexto, apesar da diversidade, a idéia de família nuclear merece destaque devido ao seu valor em termos de tradição cultural, pois de acordo com Romanelli (2003), a importância dela

não reside apenas no fato de ela ser o arranjo doméstico estatisticamente preponderante, mas resulta do significado simbólico de que ela foi revestida, convertendo-a em um modelo hegemônico, isto é, em referencial e em ideal de ordenação da vida doméstica para a grande maioria da população. (p.74).



O modelo de família nuclear, de acordo com Romanelli (2003), é o que se configura pelos seguintes elementos: autoridade do homem sobre os filhos e a mulher, efetiva demarcação dos papéis femininos e masculinos, restrições à sexualidade feminina e maior liberdade para a masculina, afetividade específica entre marido e mulher e entre pais e filhos. Famílias constituídas de forma compatível com tal modelo estiveram muito presentes na sociedade brasileira, especialmente do início até meados do século XX, e só aos poucos outras configurações familiares ganharam visibilidade e níveis de aceitação lentamente crescentes. Tal realidade também se verificou em muitos outros países. Na Espanha, por exemplo, o quadro era muito similar e, apesar do processo de diversificação dos arranjos familiares ocorrer de forma mais lenta do que a verificada nas condições brasileiras, diversos outros tipos de família podem ser constatados em um quadro no qual a família nuclear mantém a soberania (Campo e Rodrigues-Brioso, 2002).

No século XIX e no início do século XX, famílias nucleares predominavam no Brasil, quase constituindo o único modelo de família constatável nos segmentos da população brasileira que não viviam situação de exclusão social, o que se ajustava às transformações sociais que estavam em curso. De acordo com Diniz e Coelho (2005), naquela época o Estado moderno começou a perceber a necessidade de implantar controle demográfico e aprimorar o controle político. Um dos acontecimentos que facilitaram tais propósitos foi o movimento higienista da Medicina, que estipulou padrões de comportamento e de cuidados a serem observados em diversas esferas da vida familiar, comportamentos e cuidados esses que passaram a integrar o cotidiano das famílias, em nome da saúde individual e coletiva. Os processos de modernização, urbanização e industrialização exigiram a adoção de novas formas de organizar o tempo

e as atividades familiares. A necessidade do trabalho masculino extradomiciliar foi reforçada e, complementando este papel, a mulher assumiu a responsabilidade pela casa e pelos cuidados com os filhos, sob as orientações da medicina, da religião, da moral, dos interesses do Estado. Assim, foi se configurando um esquema de família com presença marcante na sociedade brasileira, que tem suas características amparadas na realidade social da época, à qual se ajustava.

Bilac (1995) ressalta que o estudo da família requer íntima ligação com os estudos da sociedade em que ela se encontra. A família já foi pensada como um organismo que projetava seus valores e características na sociedade, o que fazia desenvolver a sociabilidade das classes. Posteriormente, percebeu-se que a sociedade afeta diretamente a família e sua constituição, e a família impregnada pela realidade social e cultural acaba sendo fonte de formação de opinião e visão de mundo de seus membros.

A família se mostra, então, como organismo social que está inserido em um contexto sociocultural, é por ele diretamente influenciado. Percebe-se, então, que mudanças na história afetam também as configurações familiares, ajudam a moldá-las e a transformá-las. Dessa forma, estudar as transformações ocorridas nos sistemas familiares em certo período de tempo pode ajudar a entender melhor comportamentos e práticas atuais, no intuito de pensar formas adequadas de lidar com elas.

Assim, o presente estudo tem como temática a família brasileira no século XX, elegendo como foco principal o tema da fecundidade e sua importância no ambiente familiar. Entende-se aqui por fecundidade, a capacidade e a disponibilidade em ter filhos, e a importância dos filhos no sistema familiar relaciona-se diretamente ao papel que eles desempenharam e desempenham na família.

Em levantamentos feitos a partir dos dados publicados na ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais - as discussões sobre a fecundidade versaram sobre temáticas diversas. Na década de 1980, predominaram temáticas relacionadas à demografia, à nupcialidade, às tendências regionais, à mulher e à família; na década de 1990, foram discutidos com maior frequência os assuntos mortalidade infantil, aborto, esterilização e demografia; a partir do ano 2000 os estudos se voltaram mais para a questão da saúde sexual e reprodutiva e da contracepção, com as questões de gênero e de planejamento familiar ficando em maior evidência. Entretanto, estes estudos ainda não contemplam as dinâmicas sociais e afetivas, assim como as práticas cotidianas da família brasileira reconfigurada a partir de mudanças na fecundidade e no papel que o filho vem ocupando neste contexto, o que justifica a escolha do tema do presente estudo.

### *1.2) Homem e mulher na família no Século XX*

Ao longo do século XX, pôde-se perceber que muitas mudanças ocorreram na família até mesmo quanto à fecundidade, especialmente no que diz respeito ao número de filhos por família, às práticas de criação destes filhos e à relação que os pais estabelecem com eles. Em um estudo realizado por Biasoli-Alves (1997) a partir do estudo de três trabalhos feitos com relato oral sobre formas de criar e educar crianças no século XX, a autora aponta que no início do século XX (até a década de 30, aproximadamente), o número de filhos era elevado, o respeito aos mais velhos era prioritário, o cultivo aos valores morais era bem acentuado, a criança tinha grande parte do tempo livre e os padrões de vestimenta e alimentação eram mais restritos. Em comparação com fase posterior, percebem-se mudanças em direção à valorização da

ternura, do lúdico e da estimulação da criança, aspectos estes que passaram a ocupar um pouco do espaço da prioridade que a moralidade tinha anteriormente. Ao final do século XX - anos 80/90 - observa-se uma tendência à busca por diálogo, compreensão dos filhos, afeição a eles, preocupação com sua autonomia e seu bem-estar subjetivo. O número de regras na criação dos filhos diminuiu; em contrapartida, o número de permissões aumentou; o tempo da criança passou a ser mais demarcado e, por isso, mais escasso para atividades livres; a criação dos filhos voltou-se para a formação de adultos competitivos que possam alcançar sucesso no mercado de trabalho. Nota-se, então, que as mudanças no século XX - como o aumento da industrialização, a demanda por qualificação, a expansão dos centros urbanos – são refletidas imediatamente na organização familiar e na forma como os filhos são desejados, reconhecidos e criados.

Neste sentido, um aspecto relevante, que vai influenciar a forma de perceber o filho e sua função na família, é o das mudanças nas relações de gênero ocorridas dentro ambiente familiar e na sociedade. De acordo com Bilac (2003) as mudanças na família têm acontecido prioritariamente a partir das transformações ocorridas no universo feminino, o que acaba afetando os papéis masculinos. No início do século XX vigorava a idéia do homem viril e responsável pela provisão moral e material da família, enquanto a mulher, frágil e delicada, deveria ser a responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos (Vaitsman, 1994). A mulher era vista como subalterna e com funções que se resumiam às atividades ligadas à reprodução e aos filhos, conforme indica Coutinho (2008) quando escreve: “a procriação era uma das únicas capacidades das ‘fêmeas’, para a qual estavam devidamente equipadas, sendo superadas em tudo mais pelos machos” (p.29).

Assim, parecia vigorar “uma ideologia que passou a exaltar o papel natural da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação do(a)s filho(a)s e limitando a função social feminina à realização da maternidade” (Scavone, 2001. P. 49). De acordo com Trindade (1993), esta é uma ideologia dos papéis parentais que coloca a mulher na posição de figura sacrossanta, emotiva, vulnerável e dependente; e o homem como um ser mais independente, racional, com certo distanciamento afetivo da família. Seria, então, a mulher a responsável pela manutenção do vínculo familiar.

Além da distribuição de papéis de gênero na família, também era necessário que esta família fosse legitimada por regras sociais. Para tanto, o casamento – altamente valorizado no início de século (Coutinho, 2008), mostrava-se importante componente em relação à organização familiar, principalmente para as classes mais abastadas, pois legitimava a produção de filhos e as relações homem-mulher, vinculando-as à família - apesar de ser alto o número de uniões consensuais, principalmente nas classes populares (Diniz e Coelho, 2005). Era dentro do casamento que os filhos deveriam ser acolhidos e esta era sua função principal, a qual era plenamente apoiada pela cultura e doutrina católicas que tanta influência exerceram sobre a instituição familiar (Saraceno e Naldini, 2003).

No primeiro momento da modernização brasileira, por volta da década de 1930, as diferenças nos papéis familiares entre homens e mulheres foram reafirmadas pela organização da industrialização e pela própria legislação brasileira, que regulamentava o trabalho e colocava limitações ao trabalho feminino fora de casa. Foi somente a partir de meados do século XX que movimentos na industrialização e na urbanização começaram a reduzir a desigualdade entre os sexos (Vaitsman, 1994) e a mulher começou a sair do espaço estritamente familiar.

A partir de então o trabalho ganhou espaço na vida das mulheres, as quais, especialmente na classe média, começaram a buscar maior escolaridade. Segundo Torres (2000) a idéia de que as mulheres preferem a maternidade e a família às atividades profissionais passou a ser contestada. Entretanto, ainda assim os planos profissionais parecem sempre estar condicionados à realidade familiar e, principalmente, à conciliação com a criação dos filhos; realidade esta ainda bem diferenciada da masculina.

Apesar das mudanças nas formas de enxergar a maternidade e a paternidade, Trindade e Menandro (2002), em estudo sobre a paternidade adolescente, puderam perceber que entre os jovens ainda se fazem presentes idéias tradicionais sobre a maternidade e a paternidade. Os dados encontrados pelas autoras mostraram que a concepção de “mãe” é a daquela pessoa que dá amor, cuidado, carinho e tem um papel fundamental na vida da criança, enquanto que a idéia de “pai” passa em primeiro lugar pela condição de trabalhador e provedor da família. Assim, percebe-se que, ainda que haja modificações importantes nos papéis de gênero dentro do ambiente familiar, muitas concepções tradicionais permanecem em vigor e tendem a permear as práticas e construções da família contemporânea.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha publicada na Revista “Família Brasileira”, publicada pela Folha de São Paulo (2007), os dados levantados mostram que a participação dos homens no cuidado com os filhos alcança apenas 22% deles, e que são as mulheres que assumem todas as tarefas restantes para com os filhos. Quanto às tarefas domésticas, 89% das mulheres são as responsáveis por estas, enquanto apenas 44,7% dos homens as realizam (Canzian, 2007). A mulher acaba, então, por estabelecer em seu cotidiano uma jornada dupla, dividida entre a vida profissional e a vida familiar,

especialmente quanto aos aspectos relacionados aos cuidados com os filhos e às atividades domésticas.

Apesar da ênfase dada ao papel da mulher na família e às várias funções que inegavelmente ela ocupa, parece existir uma tendência de se repensar a paternidade e o papel do homem na família. De acordo com Lamb (1997, citado por Balancho, 2004), “os dados empíricos mais recentes parecem indicar, no entanto, a complementaridade das funções, comportamentos e atitudes de pais e mães, justificando a importância central de ambos no processo de desenvolvimento dos filhos e a sua especificidade funcional” (p. 374).

Assim, percebe-se que a família brasileira ainda mantém aspectos marcantes das diferenças de gênero, mas também passa a se reorganizar diante das diferentes demandas sociais, o que leva a modificações na dinâmica familiar e, assim, no espaço ocupado pelos filhos. Isso pode ser constatado quando se considera o número de filhos por família.

### *1.3) Família e Fecundidade*

Segundo Berquó (1998), mudanças vêm marcando o padrão familiar brasileiro dos últimos anos. O número de uniões conjugais sem formalização legal aumentou, o número de famílias monoparentais também tem crescido, mas o número de integrantes por família vem diminuindo.

Dados do Censo Brasileiro de 2000 realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000) - mostram que o número de filhos por famílias vem decrescendo. No contexto brasileiro, 26,45% das famílias possuem dois filhos, seguidos

por 22,25% que possuem apenas um filho. Em seqüência, tem-se 18,66% das famílias com três filhos, 9,78% com quatro filhos, 6% com cinco filhos e 16,85% com seis ou mais filhos. Chama à atenção o percentual elevado de famílias com seis ou mais filhos. Porém, ao se verificar a idade dos genitores que compõem essa categoria, percebe-se que são idosos – mais de 45% dessas mães com seis ou mais filhos estão acima dos 60 anos. São pessoas que tiveram filhos em meados do século XX, quando as práticas sociais e culturais eram mais favoráveis a tal padrão reprodutivo.

Estes números revelam queda gradativa na quantidade de filhos por família, o que se coaduna com o conceito de transição demográfica apresentado por Santos (2006) definido pela “passagem de níveis mais elevados para níveis menos elevados de fecundidade e mortalidade” (p. 11). Este fenômeno, segundo a autora, já se consolidou nos países desenvolvidos e vem se desenrolando nos países em desenvolvimento. Porém, enquanto tal transição nos países desenvolvidos ocorreu em um tempo médio de 80 a 100 anos, no caso brasileiro o fenômeno da transição demográfica se iniciou como um todo nos anos 40 e amadureceu em apenas 30 anos, o que caracteriza um alto nível de alteração nos índices de fecundidade em pouco tempo. Entre as décadas de 1940 e 1960, o número médio de filhos por mulher atingia 6,2. No ano 2000, já atingia 2,4; e a tendência é de chegar brevemente em 2,1 filhos por mulher (Simões, 2006).

Este índice já é bastante próximo ao dos países desenvolvidos, que apresentam taxas de fecundidade máximas de 2,0 filhos por mulher – como no caso dos Estados Unidos – ou taxas ainda menores como as da Europa: por exemplo, a da França que é de 1,2 filhos por mulher. Em alguns países da Europa, o número de nascimentos por ano já é menor que o número de mortes, o que já vem acarretando diminuição da população destes países (Population Reference Bureau, 2004). Em relação aos países em



desenvolvimento, as projeções dos demógrafos apontam provável ocorrência futura de maiores declínios em suas populações (World Population Data Sheet, 2005).

Como ilustração é possível mencionar o caso da Espanha. Na década de 1940 a família tinha o número médio de 4,22 integrantes. No ano de 2001, já se contavam 3,07 integrantes por família (Campo e Rodrigues-Brioso, 2002). Tais números implicam a necessidade de reelaboração de estratégias no ambiente intrafamiliar para a administração desta nova realidade.

Assim sendo, percebe-se que o declínio da fecundidade vem se configurando como um fenômeno mundial – guardadas as devidas peculiaridades de cada região ou país, que tem chamado a atenção de muitos estudiosos das várias áreas de conhecimento. Este fenômeno atinge diretamente a constituição familiar em caráter mundial. Conforme Saraceno e Naldini (2003)

Este processo, que acontece em vários tempos e fases, é acompanhado por uma transformação, por assim dizer, quantitativa na presença dos filhos na família, que vê diminuir progressivamente o número de filhos por família à medida que a sua importância afectiva aumenta. Também este fenômeno teve tempos muito diferentes em várias sociedades e classes e atravessou diversas fases, modificando de maneira substancial não só a experiência de ter filhos como também a de ser pai ou mãe, e a própria cultura e experiência da sexualidade de casal (p.178).

#### *1.4) Família e o controle da fecundidade*

As mudanças na fecundidade são justificadas por transformações sociais, culturais e econômicas (Berquó, 1998; Simões, 2006) e por fatores como a característica demográfica específica de cada região e o conhecimento e acesso aos métodos anticoncepcionais (Simões, 2006) - mudanças estas que se deram especialmente ao longo do século XX e que vieram a modificar intensamente a estrutura familiar.

Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o costume de ter muitos filhos parece ter sido reavaliado. Ocorreu, naquela época, uma onda de controle da natalidade no Terceiro Mundo. Este fato foi fortalecido pelos avanços tecnológicos dos anticoncepcionais - que se tornaram mais acessíveis, pela esterilização e pelo uso de dispositivos intra-uterinos (Therborn, 2006). Com estas novas tecnologias reprodutivas, iniciou-se uma desvinculação das relações sexuais da reprodução biológica (Sarti, 2004), dando à procriação um caráter diferenciado, de algo possível de ser escolhido e planejado e não simplesmente uma ocorrência vivenciada como natural e inerente aos casais.

Os métodos contraceptivos aparecem como fator importante para colaborar na alteração na forma de lidar com a fecundidade no ambiente familiar. O acesso mais fácil a estes métodos permite cada vez mais que os pais escolham o melhor momento de ter filhos. Além disso, o controle sobre o número de filhos passa a ser facilitado. Este fato é confirmado por estudos sobre o Planejamento Familiar, tais como o de Remoaldo (2001) que entende a Saúde Reprodutiva como o direito de as pessoas terem “uma vida sexual satisfatória e segura e que tenham a capacidade de se reproduzir e decidir se, quando e com que frequência o fazem” (p.141). Com o acesso a contracepção, o

controle da fecundidade passa a estar nas mãos do casal e, assim, parece ser concedido às pessoas o direito de escolha por ter ou não filhos.

No Brasil, a tendência à redução no número de filhos é confirmada por dados do Instituto Datafolha que revelam que vem crescendo o número de famílias brasileiras que optam por não ter filhos (Barbieri, 2007). Geralmente, estas famílias são constituídas por pessoas de maior escolaridade e poder aquisitivo e que possuem outras prioridades que não se coadunam com as da maternidade ou da paternidade. É a chamada “dink family” (sigla resultante das expressões: *double income, no kids*) – ou seja, família constituída por casais de dupla renda e sem filhos.

#### *1.5) A criação dos filhos e o papel deles na família*

A queda no número de filhos por família revela uma mudança nítida no papel do filho no sistema familiar. É possível dizer que no final do século XX a qualidade da formação do filho passou a ter importância maior do que a quantidade deles, mesmo porque, com as exigências do mercado de trabalho, a formação pessoal demandou maiores custos e, por consequência, cada filho também ficou mais caro. Também é importante lembrar que a mulher não está mais dentro de casa à disposição dos filhos e do marido, como antes estava. Assim, cuidar dos filhos, além de ser mais caro, se torna mais difícil e trabalhoso. Como diz Souza (1995):

Essas noções, que certamente acabaram ganhando ampla aceitação, foram formando a percepção de que criar filhos é algo muito complexo e difícil, além de caro e trabalhoso, resultando em encargos muito pesados para os pais,

sobretudo para as mães, em termos materiais e subjetivos. E de que, portanto, é mais racional ter poucos filhos. (p.213)

Criar filho, então, de tarefa comum passou a missão sofisticada, que necessita de apoio especializado e de equipamentos que possam enriquecer a socialização dos mesmos (Rosemberg, 1995). No início do século XX, com o maior número de filhos por família a atenção direcionada a cada filho era menor e mais geral, visto que esta deveria ser distribuída entre muitos. A partir da segunda metade deste mesmo século, ocorre “uma importante movimentação em torno da pequena infância, de suas necessidades educativas e de suas competências” (Rosemberg, 1995, p.170). A própria forma de enxergar a criança parece ter sido modificada. Esta, agora, não é apenas um alguém a ser educado e moldado, mas um sujeito ativo em sua criação, que pode também criar, questionar e dar caminhos a sua educação. Liberdade, autonomia e independência das crianças tornaram-se temas em vigor no ambiente familiar (Biasoli-Alves, 1997).

Essa nova elaboração do papel do filho na família leva a uma nova forma de vivência da afetividade entre pais e filhos – uma afetividade melhor expressada. Saraceno e Naldini (2003) relatam que os filhos deixaram de ser vistos como força de trabalho em miniatura e ocuparam o espaço central e simbólico da afetividade da família.

No final do século XX, o diálogo foi importante elemento promotor das relações entre adultos e crianças permitindo maior aproximação entre eles. Em tal situação o filho passou a ser um construtor ativo das práticas familiares, que, em muitos casos, estão voltadas prioritariamente para ele. Esse quadro mais atual é bastante diferente da realidade do início daquele século, em que a observância das regras morais tinha muita

força - chegava a ser opressora - e o respeito aos mais velhos regia as formas de educação, colocando o filho no lugar apenas de receptor de informações e formações e gerando distância entre o mundo das crianças e dos pais. Esta realidade é confirmada por um estudo de Wagner (2005), que compara as práticas educativas de pais com filhos novos e a postura educativa dos pais destes pais. Wagner (2005) relata:

A nova geração de progenitores tem condenado a educação exercida em gerações passadas sob o pretexto de ter sido autoritária e em muitos momentos castradora, quando estava permitida a utilização de estratégias que incluíam a força física, por exemplo. (p.33)

De acordo com Romanelli (2003), as mudanças mais significativas na afetividade intrafamiliar se dão exatamente no relacionamento entre pais e filhos. Nota-se que no início do século XX, as práticas familiares levavam a autoridade do pai sobre o filho a intermediar esta relação, o que dificultava expressões de afeto por parte do pai para com os filhos. Diferentemente da mãe que, apesar de também punir, apresentava maior proximidade dos filhos. Atualmente, fatores como a nova noção de infância, a presença do diálogo nas relações e a reconfiguração das relações de gênero facilitam as expressões de afeto.

O estudo de Trindade, Andrade e Souza (1997) mostra que a relação que os homens têm com seus filhos vem mudando com o passar do tempo e com o nível de escolaridade destes pais. A mudança na relação afetiva estabelecida entre pais e filhos com o passar do tempo é confirmada por Balancho (2004) em estudo que levanta as transformações intergeracionais na paternidade. Os dados obtidos por esse estudo mostram que a forma de agir dos pais que já são avôs inclui características como a

prepotência e a imposição de autoridade e da disciplina, a ausência na vida dos filhos e a distância emocional. Já os pais mais novos se caracterizam por serem mais compreensivos e propensos ao diálogo, além de se mostrarem mais presentes na vida dos infantes, características estas que dão ao filho um espaço de construtor ativo das relações familiares e de alvo de uma afetividade mais explícita e elaborada.

Diante dessas novas demandas familiares, teorias especializadas se propõem a estudar e a amparar essa nova infância e passam a ser reafirmadas pelas práticas familiares que as reproduzem e que as reivindicam. Nesse sentido, a criação e a educação dos filhos passam a ser discutidas por ciências como a Psicologia e a Pedagogia, na busca de se estudar estes processos em seus contextos reais, partindo de uma abordagem multidisciplinar (Coll, 2004) que atenda as demandas das famílias em consonância com as das instituições educadoras.

No século XX é muito marcante o surgimento de saberes científicos sobre a infância, de conhecimentos que possam definir as características supostamente intrínsecas à criança, os quais devem dirigir as práticas de socialização (Gouvêa, 2003). Estes saberes produziram efeitos sobre a família e atuaram no sentido de remodelar práticas antes não necessariamente pensadas, simplesmente reproduzidas. Assim, o estudo da infância no século XX pode ser também entendido como um importante fator disparador de mudanças na forma de as famílias educarem suas crianças.

De acordo com Bilac (2003) a reprodução vem sendo socializada mediante uma lógica capitalista e nela as profissões relacionadas à educação, à saúde e à assistência em geral acabam por tirar dos pais a autoridade sobre a reprodução, sobre os filhos. “Os pais abdicam de seus juízos e emoções em prol do conhecimento técnico dos especialistas. A autoridade se impõe de fora para dentro e os efeitos são vários” (Bilac,

2003. p.34). Nesse sentido, parece que o papel da família na educação dos filhos vem sendo diminuído e cada vez mais dividido com os conhecimentos externos à realidade da intimidade familiar.

Permeada pelos discursos especialistas e pela lógica capitalista, a família pretende atualmente para os filhos uma educação mais ampla, condizente com o mundo contemporâneo industrializado, rápido, competitivo e até individualista. Para tanto, as crianças tendem a ir mais cedo para o ambiente coletivo, extrínseco ao seio familiar, fazendo com que elas sejam educadas não só pela família, mas também pelo contexto que as envolve. Isto se refere ao que Biasoli-Alves (1997) chama de dupla socialização, a qual se dá pela formação das crianças caracterizada por uma introjeção de normas e valores externos, além dos familiares.

Os aparatos educacionais são cada vez mais solicitados, o que confirma esta importante mudança na forma de criar os filhos – a educação, então, não está mais restrita à família. São acionados mecanismos especializados para a educação das crianças, que desde cedo devem ter uma educação que favoreça seu desenvolvimento psíquico, intelectual e social. As creches não são mais apenas para as mães pobres que precisam trabalhar e não tem com quem deixar seus filhos. Atualmente também famílias de melhores condições financeiras buscam recursos como estes, porém mais especializados, para desde cedo inserirem seus filhos em um ambiente de socialização diferenciado do familiar. A institucionalização da primeira infância indica uma forma de educação das crianças que vai além da necessidade de cuidar delas na ausência dos pais, mas já tem a função de formá-las e capacitá-las para um porvir competitivo que exige que o indivíduo seja altamente qualificado.

### *1.6) O enfoque intergeracional no estudo da família*

Considerando todos esses aspectos levantados, pode-se dizer que a fecundidade na família brasileira vem sendo construída e significada de acordo com as práticas sociais acionadas e vivenciadas em cada época. Barros (2006) diz que “A questão das gerações está (...) intrinsecamente ligada à problemática das mudanças sociais” (p.11). Partindo desta idéia, percebe-se que um caminho interessante para se aprofundar na compreensão destas mudanças é estudar as relações entre as gerações de familiares.

Entende-se por geração um conjunto de pessoas que possuem aproximadamente a mesma idade, mas tal significado também comporta a idéia de um conjunto de pessoas que participaram de um mesmo contexto histórico, social, político. Em relação ao contexto familiar, concorda-se com Saraceno e Naldini (2003) ao definirem gerações

as gerações constituem um elemento de diferenciação no âmbito da família, embora de formas e por motivos diversos: se as relações entre as gerações e a sua sucessão constituem efetivamente o instrumento para a continuidade no tempo, constituem também por isso o elemento para uma diferenciação das experiências dos interesses, para uma ruptura ou redefinição dos limites (p.21)

Biasoli-Alves (1997) afirma que estudar a família sob o enfoque intergeracional “significa vê-la como espaço em que se constitui a personalidade e focalizar sobretudo a qualidade dos vínculos, as necessidades de pertença e de liberdade, a estrutura de equilíbrio que se estabelece ao longo do tempo entre elementos que a compõem”. (p.34)

O estudo intergeracional permite que sejam visualizadas semelhanças e diferenças nas vivências das diversas gerações e isto possibilita o estudo das reformulações que ocorrem ao longo do tempo, no sentido de o sistema familiar se



manter, mas também se equilibrar com a realidade social em que está inserido. A geração mais antiga traz consigo o substrato de formação para a mais nova e esta vai reelaborar este substrato de acordo com suas necessidades sociais. A conveniência de estudar diferentes gerações da forma como é pretendido nesta pesquisa, então, se justifica por ser uma forma interessante de “descrever a tendência de um grupo aparecer na história como força política ativa, gerando alternativas intelectuais e organizacionais para a visão de mundo” (Benicá & Gomes, 1998, p.179), o que facilita a localização e o entendimento das mudanças familiares.

### *1.7) Objetivo*

A partir do que já foi exposto, pretende-se com a presente pesquisa conhecer, com base em enfoque intergeracional, como a fecundidade foi vivenciada, valorizada e representada por famílias brasileiras ao longo do século XX. Objetiva-se ainda verificar a importância do filho para a constituição familiar de acordo com a visão das mães e pais nas diferentes gerações.

Como consequência desta questão de pesquisa, alguns objetivos específicos foram traçados:

- Estudar as práticas de criação vigentes em parte do século XX;
- Relacionar a fecundidade às relações de gênero e de conjugalidade;
- Verificar as práticas de controle de natalidade assumidas no decorrer do século XX, o uso de métodos contraceptivos, a aceitação deles no ambiente familiar, as implicações de gênero quanto à responsabilidade da utilização destes; buscando, assim,

levantar quando e se as pessoas passaram realmente a ter escolha quanto o direito de ter ou não filhos.

Em estudo preliminar feito com mulheres de famílias de classe popular, os resultados apontaram para uma diferenciação marcante da vivência da fecundidade nas diversas gerações das famílias.

Observou-se que para a geração mais antiga, era importante ter vários filhos, pois eles seriam a segurança destes pais no futuro e ainda dariam retorno financeiro para a família, assim que começassem a trabalhar. Na geração intermediária, percebeu-se uma transição dos valores em relação aos filhos, que estavam deixando de ser vistos apenas como benefício passando a representar também um custo. O número de filhos começou a cair. Já na geração mais nova, poucos filhos são desejados, no máximo dois. Este fato é justificado pela falta de tempo dos pais para se dedicar aos filhos, pelas despesas altas para a criação de uma criança e pela inserção da mulher no mercado de trabalho e suas metas profissionais. O planejamento familiar, aqui, é necessário para a organização das várias demandas familiares.

Quanto à criação dos filhos, pôde-se perceber que, na geração mais próxima ao início do século XX, as regras eram rígidas, a obediência e o respeito dos filhos para com os pais eram fortemente exigidos, a autoridade dos pais não era questionada e havia muito apego à moralidade. Na geração intermediária, as regras passaram a ser utilizadas de forma mais flexível, surgindo tanto diálogo com os pais quanto questionamentos sobre a moralidade acirrada. Na geração mais nova já existe maior negociação entre pais e filhos e a desobediência aos pais passa a ser mais comum. A moral é relativizada, há maior liberdade na criação dos filhos e a modernidade das técnicas de saúde,

alimentação e educação adentram a família, trazendo tecnologias e saberes externos para o ambiente familiar e para a formação dos filhos.

Considerando os papéis de homem e de mulher na família, notou-se, na primeira geração, demarcação nítida e até mesmo aspectos de submissão da mulher ao marido. Alguma transformação em tais condições começou na segunda geração, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Na geração mais nova, pelo fato da mulher já ser integrante deste mercado de trabalho, existe uma tendência ao discurso pela igualdade entre os gêneros e por maior independência entre os pares, mesmo que ainda exista muita influência da demarcação dos papéis de gênero das gerações passadas.

Quanto à fecundidade e à contracepção, percebeu-se que na geração mais antiga muito importava ter vários filhos e a contracepção não era prática vigente. Ter família grande era sinônimo de segurança e estabilidade da família, que, assim, se constituiria como uma rede forte de ajuda e defesa mútua. Na geração intermediária, o anseio por ter filhos já era menor. Os métodos anticoncepcionais se tornaram mais presentes na vida do casal, mas a acessibilidade a eles ainda não era tão facilitada. Já na geração mais nova, percebeu-se uma tendência a planejar o ter filhos e, para tanto, a contracepção é utilizada como recurso essencial, também em vista da facilidade de acesso aos métodos anticoncepcionais. As justificativas para ter filhos de maneira planejada e em menor quantidade são as dificuldades financeiras, a violência do cotidiano e a falta de tempo para cuidar desses filhos, ou seja, ter filhos parece, nesta geração, algo mais arriscado e trabalhoso.

Assim, as diversas mudanças ocorridas no século XX implicaram constante reordenação do ambiente social, que, por sua vez, afetou diretamente a instituição

familiar e suas práticas. O papel do filho na família está mudando de acordo com as demandas sociais em que a família está inserida – de prioridade familiar e investimento de retorno, o filho passa a ser alvo de investimentos custosos e trabalhosos. A existência dele na família passa a ser postergada, pois as prioridades são outras, como a estabilidade financeira, a realização profissional dos pais e afetiva do casal.

Neste sentido, a presente pesquisa buscou levantar dados empíricos que comprovem e delimitem esta vivência familiar do século XX quanto ao ter filhos, tanto para mulheres quanto para homens integrantes de classe média, visto que a literatura e dados preliminares apontam muitas mudanças nesta direção, refletidas especialmente na visível queda no número de filhos por famílias.

Estudar as mudanças na relação entre vida familiar e fecundidade, principalmente quanto à diminuição no número de filhos, pode ajudar a dar visibilidade a questões de impacto mundial, por envolver a discussão de temas como a diminuição das populações, aumento percentual da população idosa, sobrecarga nos sistemas de previdência social – questões estas ligadas diretamente à queda das taxas de fecundidade.

Além disso, estudos como este podem ajudar no entendimento da construção de novas configurações familiares e estratégias de manutenção dos vínculos afetivos e sociais em meio às mudanças sociais e econômicas vigentes.

Para tanto, partiu-se da hipótese de que a diminuição do número de filhos nas famílias está diretamente relacionada com questões sociais, econômicas e afetivas que foram fortemente modificadas ao longo do século XX. Nesse sentido, parece que diante das mudanças nos diferentes contextos sociais do século passado, o papel do filho

dentro da família vem sendo reconstruído, o que ajuda a configurar novos arranjos familiares.

## 2) MÉTODO

### 2.1) *Participantes*

Participaram deste estudo 6 conjuntos de sujeitos de famílias diferentes, todas de classe média. Cada conjunto foi composto por três pessoas do mesmo sexo, mas de gerações distintas da mesma família. Foram três os conjuntos formados por uma mulher que era avó, uma de suas filhas e uma de suas netas e 3 os conjuntos formados por um homem que era avô, um de seus filhos e um de seus netos, totalizando 18 sujeitos entrevistados. Todos os participantes nasceram entre 1924 e 1986, e foram escolhidos por conveniência, observando os pré-requisitos desejados.

Inicialmente, foi estabelecido o critério de que todos os participantes já tivessem passado pela experiência efetiva do ter filhos, mas de acordo com o estudo preliminar realizado este critério restringiu bastante a amostra. Optou-se, então, por alterá-lo no caso das pessoas mais novas, as quais não mais precisariam ser pais e mães, mas apenas se mostrassem capazes de refletir sobre a possibilidade destas vivências. A confirmação deste critério foi viabilizada pela percepção de que as expectativas sobre o ter filhos e de constituir família já eram consideradas como parte de planos de vida futura de pessoas jovens. Portanto, foram aceitos como integrantes dos conjuntos de familiares: avôs/avós, pais/mães e filhos/filhas com ou sem filhos, desde que os sem filhos tivessem no mínimo a idade de 21 anos, considerada legalmente como idade em que o sujeito goza de plena autonomia sobre suas escolhas, seus direitos e deveres. Entende-se que esta também é uma idade em que a pessoa já tem condições de pensar sobre suas escolhas e concepções, inclusive sobre planos futuros de constituir família e ter filhos.

Rocha-Coutinho (2006) registra, em reflexão teórica sobre família, transmissão geracional e contemporaneidade, que

“Estudiosos de família têm se preocupado com questões relativas ao encontro de gerações no ambiente familiar. Alguns pesquisadores atuais apontam para uma descontinuidade nos valores e comportamentos de uma geração para a(s) seguinte(s), enquanto outros falam de uma semelhança nos valores e comportamentos de diferentes gerações, ou seja, na reedição de modelos comportamentais de uma geração pela geração seguinte”. (p.98)

A escolha de conjuntos de três pessoas de uma mesma família se justificou pelo fato de ser provável ocorrer transmissão intergeracional de ensinamentos, condutas e posturas, o que possivelmente explicaria discursos parecidos entre os familiares. Mesmo não sendo a transmissão geracional objetivo desta pesquisa, este aspecto poderia ajudar o entendimento de alguns contextos.

De acordo com Turato (2003) “amostra significa uma parcela selecionada, segundo uma determinada conveniência, e extraída de uma população de sujeitos, constituindo assim num subconjunto do universo” (p.351-352). Partindo deste princípio, buscou-se a confecção de uma amostra conveniente a este estudo, que se mostrasse como um subconjunto de diferentes gerações das famílias brasileiras do século XX. A escolha da amostra como ela se apresenta se justifica pelo fato de existir a intenção de se verificar as transformações na vivência da fecundidade dentro do contexto familiar ao longo do século passado e verificar também as possíveis diferenças de gênero no trato deste tema. Por isso, foram escolhidas três gerações dentro das famílias e houve diferenciação de gênero para a formação dos grupos.

## 2.2) *Instrumento*

Nas últimas décadas do século XX, as ciências sociais passaram a lançar olhares sobre o homem como um ser histórico e social. Nesse sentido, foram procuradas soluções metodológicas para as pesquisas que se propunham a estudar o homem sob este enfoque, o que levou às chamadas estratégias indiretas de investigação, principalmente ao relato oral (Biasoli-Alves, 1998).

A possibilidade de fala dada ao sujeito permite que sejam acessados conteúdos sobre atitudes, sentimentos e valores que contextualizam o comportamento (Biasoli-Alves, 1998), explicitando relações e construções afetivas, sociais e psíquicas que viabilizam um aprofundamento nas questões humanas, até mesmo em relação a fatos longínquos.

O relato oral foi, então, escolhido como fonte para a coleta de dados do presente estudo, o que se deu por meio de uma entrevista com roteiro semi-estruturado. Esta escolha se justifica pelo fato deste tipo de entrevista permitir que os dados sejam coletados sem perder as informações relevantes para a pesquisa.

De acordo Bauer, Gaskell e Allum (2002) a entrevista é um modo de apreensão de dados sociais, os quais são construídos nos processos de comunicação. Estes autores entendem a entrevista como um dos meios de comunicação informal – informal, por não possuir regras explícitas, pois deixa os entrevistados se expressarem como preferirem. Esta espontaneidade dos sujeitos é desejada na pesquisa social, quando se propõe a um estudo sobre como uma pessoa viveu certas experiências, como é o caso do presente estudo.



A escolha da entrevista como instrumento desta pesquisa também foi conveniente pelo fato de viabilizar uma análise de inspiração fenomenológica – ou seja, uma análise de como o fenômeno da fecundidade foi/é vivenciado, por ser uma técnica que permite captar a descrição das significações de um objeto para as pessoas (Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento, 2007).

O roteiro de entrevista semi-estruturado (ANEXO 01), de acordo com Flick (2004), é constituído de perguntas voltadas para a teoria temática em questão, o que possibilita a construção de hipóteses a serem investigadas. Neste sentido, a entrevista foi direcionada para os seguintes núcleos temáticos: o papel do filho e concepções de fecundidade e de família; organização familiar e práticas de criação dos filhos; relação entre fecundidade, gênero e conjugalidade; contracepção; e mudanças percebidas entre as gerações.

### *2.3) Procedimentos de coleta dos dados*

As pessoas selecionadas de acordo com os pré-requisitos acima mencionados foram convidadas a participar da pesquisa e, ao concordarem, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 02).

As entrevistas foram feitas individualmente em locais apropriados para um bom decurso das mesmas e para a garantia do sigilo das informações. Todas elas foram gravadas com a autorização dos participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra para proporcionar uma análise mais completa dos dados.

O material textual adquirido com a transcrição das entrevistas pode ser entendido como o conteúdo manifesto a partir do qual foi possível a construção de

relações e inferências também sobre o conteúdo oculto, caracterizado por uma gama de significados simbólicos que precisavam ser identificados e classificados (Franco, 2003). As relações e interligações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo oculto, configuraram-se como objeto da análise e possibilitaram discussões que garantiram a sua exploração de forma mais aprofundada.

#### *2.4) Procedimentos de análise dos dados*

Esta pesquisa buscou lançar um olhar qualitativo sobre os dados coletados. De acordo com Bogdan e Blikem (1999) “aquilo que os investigadores qualitativos tentam fazer é estudar objectivamente os estados subjectivos dos seus sujeitos” (p.67). Sendo este também objetivo deste estudo, a presente pesquisa se caracterizou, então, como qualitativa, o que também está de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2002) que propõem que a pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais e busca fazê-lo em profundidade.

Segundo Flick (2004) “a relevância da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida” (p.17), a qual requer um olhar sensível para estudar empiricamente os novos contextos e perspectivas sociais. Assim, a pesquisa qualitativa leva à compreensão da experiência e do comportamento humano, permitindo melhor entendimento de como são construídas as diversas redes de significações e em que consistem estes significados (Bogdan e Biklen, 1999).

O tratamento qualitativo dos dados pretende, de acordo com Biasoli-Alves e Silva (1992), garantir fidelidade à realidade cotidiana dos sujeitos e assim apreender as

várias dimensões dos fenômenos experienciados nos contextos vividos pelos participantes, já que é indispensável, segundo Franco (2003), considerar que a emissão das mensagens está vinculada ao contexto de seus produtores. Esta proposta foi coerente com o objetivo do presente estudo de levantar as formas e variáveis implicadas no processo de vivência da fecundidade por famílias brasileiras a partir da década de 1940, no século XX, já que é reconhecida a importância de se considerar a realidade e as experiências destes familiares para uma análise contextualizada do objeto de estudo – a fecundidade.

Neste contexto, a análise dos dados se inspirou na fenomenologia, buscando a compreensão dos significados das experiências vividas e como eles foram construídos (Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento, 2007). Buscou-se entender, a partir de explicações dadas pelos participantes, como a fecundidade e a família foram experienciadas e elaboradas nas diferentes gerações, ou seja, procurou-se entender a estrutura do fenômeno da fecundidade na família brasileira.

De acordo com Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007),

ao investigar determinado fenômeno a partir de um conjunto de sujeitos-participantes, o pesquisador tem em consideração que as trajetórias pessoais de experiência do fenômeno devem ser analisadas e consideradas conjuntamente de forma a aproximá-lo do fenômeno vivido coletivamente. (p.74)

As condições para a aplicação deste método são: em primeiro lugar, a necessidade de maior clareza do fenômeno proposto; em segundo, saber se a experiência vivida era a melhor fonte de dados para a compreensão do fenômeno e, por

último, a avaliação das condições necessárias para a execução do método, como tempo, estilo do pesquisador, dentre outras. Todas estas condições foram satisfeitas no presente estudo, o que confirmou e viabilizou o emprego desta metodologia de análise.

Para tanto, são propostas algumas etapas para a organização do trabalho de análise dos dados. São elas: a já citada transcrição literal das entrevistas; a leitura integral e exaustiva destas transcrições e a determinação das unidades de significado; a reorganização das entrevistas de acordo com as unidades de significado, com a distribuição das falas dos sujeitos; a padronização da linguagem, na qual o pesquisador irá reescrever em terceira pessoa o conteúdo das unidades de significado, incluindo citações literais de falas; construção de uma narrativa coerente com base nas unidades de significado (Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento, 2007).

No presente estudo, estas etapas foram seguidas integralmente, gerando como resultado uma narrativa para cada participante baseada em temas centrais – unidades de significado, totalizando 18 narrativas, as quais trouxeram em si características dos participantes e suas significações e experiências sobre a fecundidade na família.

De posse das narrativas individuais, foi possível a construção de narrativas por gênero e, logo depois, por geração. Ou seja, as narrativas individuais serviram de substrato para a confecção de outros textos sobre a vivência da fecundidade por parte daqueles sujeitos divididos, primeiramente, por gênero – foram feitas 3 narrativas, englobando as mulheres das três gerações, respectivamente, e o mesmo foi feito para os homens. Posteriormente, as 6 narrativas geradas foram agrupadas por geração, ou seja, foram feitas narrativas para todas as pessoas – homens e mulheres – de acordo com cada uma das gerações.

A escolha desta organização se deu para que se chegasse de maneira coesa e bem fundamentada em narrativas geracionais e para que possíveis diferenciações de gênero fossem mais bem visualizadas, o que permitiu o estudo intergeracional, com suas análises e comparações, de acordo com o objetivo inicial da pesquisa.

Os dados, então, foram organizados de acordo com os objetivos da pesquisa, e discutidos de forma a identificar concepções e processos familiares relacionados à fecundidade e aos temas afins. Buscou-se, assim, fazer comparações entre as informações trazidas pelos participantes das diferentes gerações, visando um aprofundamento na vivência familiar brasileira no século XX quanto à importância do ter filhos e ressaltando o aspecto intergeracional da pesquisa, bem como discussões sobre relações de gênero, inserção no mercado de trabalho, práticas de criação de filhos, planejamento familiar, contracepção, tarefas domésticas, dentre outras.

### *2.5) Aspectos éticos*

A presente pesquisa resguardou o anonimato dos participantes. Os nomes citados nos resultados e divulgados para o meio acadêmico são todos fictícios.

Todos os participantes foram informados claramente a respeito dos objetivos da pesquisa e da forma como os dados seriam coletados. Foi garantido o direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento em que o participante solicitasse.

Considerando a metodologia empregada e os objetivos desta pesquisa, afirma-se que o presente estudo não implicou qualquer risco à saúde física ou mental dos participantes. No entanto, as poucas manifestações emocionais ou demandas dos

sujeitos foram também tratadas com cuidado e respeito, bem como lhes foi garantido o direito de não responder alguma questão ou até mesmo de desistir de participar da pesquisa quando achassem conveniente, o que não aconteceu.

### 3) RESULTADOS

Para facilitar a compreensão dos dados, os nomes fictícios estabelecidos para os participantes começaram com a mesma letra para a mesma família, dispondo, assim, um encadeamento de três nomes por família da seguinte forma:

Família feminina 01: Ana – Ângela – Alice

Família feminina 02: Berenice – Beth – Bárbara

Família feminina 03: Cátia – Carla – Carina

Família masculina 01: Alfredo – Anderson – Allan

Família masculina 02: Bernardo – Breno – Bruno

Família masculina 03: Celso – Carlos – Cauã

Com o objetivo de dar maior clareza às características dos participantes deste estudo para que melhor sejam entendidos os resultados posteriormente apresentados, segue abaixo uma tabela com a caracterização da amostra.

QUADRO 01 – Caracterização dos participantes

Família	Nome	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Nº de filhos
Feminina 01	Ana	83	Viúva	Quinto ano primário	Dona-de-casa	3 gravidezes 2 filhos vivos
	Ângela	47	Casada	2º grau	Gerente da empresa da família	3 gravidezes 3 filhos vivos
	Alice	23	Solteira	Superior Completo	Fisioterapeuta	Intenção: 2 filhos
Feminina 02	Berenice	70	Casada	2º grau	Dona-de-casa	3 gravidezes 1 filha viva
	Beth	50	Casada	Superior Completo	Médica - dermatologista	2 gravidezes 2 filhas vivas
	Bárbara	21	Solteira	Cursando nível superior	Curso: medicina	Intenção: 3 filhos
Feminina 03	Cátia	77	Separada/ Viúva	Quinto ano primário	Dona-de-casa	3 gravidezes 3 filhas vivas
	Carla	51	Divorciada do primeiro marido / Possui um companheiro há 25 anos	Superior Incompleto	Bancária (Aposentada)	3 gravidezes 3 filhos vivos
	Carina	23	Solteira	Superior Completo	Professora de Educação Física	Intenção: 2 filhos
Masculina 01	Alfredo	80	Casado 2 vezes. Atualmente, distante da mulher.	2º grau técnico agrícola	Fiscal do Banco do Brasil (aposentado)	6 filhos
	Anderson	51	Casado	Pós-graduação	Empresário / Engenheiro Eletricista	2 filhos
	Allan	22	Solteiro	Cursando nível superior	Curso: Engenharia Mecânica	Intenção: 4 filhos (considera inviável)
Masculina 02	Bernardo	79	Casado	4ª série primária	Ferrovário (aposentado)	6 filhos
	Breno	53	Casado	1º grau	Gerente na área de estradas	3 filhos
	Bruno	21	Solteiro	Cursando nível superior	Curso: Administração de Empresas	Intenção: 2 filhos
Masculina 03	Celso	81	Viúvo	1º grau incompleto	Trabalhava em plantações no meio rural	12 filhos
	Carlos	46	Divorciado	2º grau técnico em Contabilidade	Encarregado de financiamento	2 filhos
	Cauã	22	Solteiro	Superior Completo	Auxiliar Financeiro (administração)	Intenção: 2 filhos



A caracterização da amostra permite um mapeamento inicial das peculiaridades das gerações estudadas. A geração mais velha foi a correspondente às pessoas que nasceram entre os anos de 1924 e 1937, a geração intermediária foi composta por participantes que nasceram entre 1954 e 1961 e a geração mais nova, por participantes que nasceram entre 1984 e 1986 e, atualmente, estão vivenciando a juventude.

O casamento é fenômeno presente nas gerações mais velha e intermediária e não se fez ainda presente na geração mais nova. A escolaridade era baixa na geração mais velha e foi crescendo com o tempo, o que se percebe pela alta escolarização presente na geração mais nova. As mulheres foram mudando seus trabalhos ao longo do tempo, saindo da função inicial de donas-de-casa na geração mais velha e chegando a profissões especializadas na geração mais nova. O número de filhos e de intenção de tê-los diminuiu.

Para cada participante foi feita uma narrativa que condensa os temas importantes para o estudo, coletados na entrevista. E para uma melhor organização, optou-se por apresentar as narrativas individuais agrupadas por famílias e por ordem geracional, começando da geração mais velha.

### 3.1) Narrativas das famílias femininas

#### *Família – 01 – Avó*

##### *Ana*

Ana é mãe de Ângela e é avó de Alice. Ela é uma senhora de 83 anos, que estudou até o quinto ano primário e sempre foi dona-de-casa. Foi casada por quase vinte anos e é viúva há 30 anos. Teve três gravidezes, mas um filho faleceu. Atualmente, tem um casal de filhos, um homem com 50 anos e uma mulher com 48 anos.

Ana aponta o significado de filho como um amigo, um companheiro, que vai evitar a solidão dos pais, e como um amparo na velhice ou na enfermidade, já que nesta época da vida os pais precisam de cuidados específicos. Para ela ter filhos passa prontamente pelo sentimento de alegria. Ana fala sobre seus filhos: “*eu tive os meus com muita alegria*”. E ainda acrescenta que filho é essencial à constituição familiar.

Para definir família, refere-se enfaticamente ao termo “*união*”. Família seria, então, a união de pessoas, de irmãos, de filhos. E na concepção dela, a família deve ser formada por pai, mãe e filhos. Assim, ela aceita a existência de família sem filhos, mas a denomina como incompleta, o que reforça a idéia de filho com algo essencial à família.

Ana mora sozinha e apesar de definir família com os elementos pai, mãe e filhos, quando ela fala sobre sua família, diz ser composta pelos seus filhos, mesmo que eles já tenham formado suas próprias famílias. Seu referencial de núcleo familiar ainda é o seu, aquele que foi formado a partir de seu casamento e coma presença de seus

filhos. Com a viuvez, os únicos companheiros passaram a ser os filhos, o que confirma significado de filho que Ana aponta.

Como vantagem de ter filhos, Ana aponta o fato de ter bons filhos, ou seja, serem boas pessoas, íntegras, respeitadas, enquanto que a desvantagem seria exatamente o contrário - ter filhos maus – filhos que tragam desgosto e preocupação. Então, a vantagem ou não de ter filhos, para esta senhora, não está especificamente no fato de ter filhos, mas na qualidade da pessoa que será formada.

Quanto à organização das tarefas familiares em sua família, Ana faz referência à época em que seus filhos eram pequenos e seu esposo era vivo. As responsabilidades dos filhos eram de estudar, a do pai de trabalhar e prover a casa e a dela (mãe) era de cuidar da casa e dos filhos. Estes papéis eram bem demarcados, tanto em relação aos cuidados gerais com a casa, quanto nos cuidados com os filhos. Ana define como muito boa sua relação com o marido quando este era vivo: “(...) *maravilhosa! (...) Tudo de bom que você imagina sem tirar nem botar, era ele*”. Ela traz aspectos de companheirismo, afinidade e amizade na vida conjugal.

Atualmente, defende a proposta de um planejamento familiar com duas finalidades principais: a de ter tempo de curtir o casamento e a de ter filhos apenas quando os recursos forem suficientes. Porém, em sua época, ela não planejou o momento e a forma de ter filhos. Seus filhos eram desejados e vieram ao acaso. Diz que está satisfeita com dois filhos, já que Deus tirou o terceiro filho, o que foi compensado pelo fato de viver com a família dela um enteado.

Esta senhora diz nunca ter usado anticoncepcionais. Parece até falar com algum repúdio à idéia de fazê-lo. A estratégia máxima foi o uso de uma organização básica, tipo tabelinha, e era sua a responsabilidade da manutenção desta estratégia. Porém, após

a morte de seu filho, por questões de saúde, foi necessário que ela se submetesse a uma histerectomia tornando-se estéril.

Ao comparar sua geração com a de sua filha e a de sua neta, Ana diz que a importância dos filhos na família continua sendo a mesma: de respeitar os pais. Quanto à forma de criação dos filhos, ela faz diferenciação. Aponta especialmente o fato de na atualidade os recursos serem maiores e mais disponíveis do que em épocas anteriores. Quanto às tarefas de homem e mulher na família, Ana defende a ideia de que nada mudou nas relações de gênero nas três gerações e que com sabedoria, eles podem se organizar quanto a isso. Em relação à contracepção, ela aponta o uso crescente dos anticoncepcionais nas diferentes gerações, ressaltando a importância do uso dos anticoncepcionais atualmente, considerando que a prática sexual está muito mais liberal.

Ao finalizar seu relato, Ana chama a atenção para a rebeldia dos jovens da atualidade. Segundo ela, as regras são menos obedecidas pelos filhos e os comportamentos, em geral, são mais flexíveis ao ponto de indicarem libertinagem. E isso é apontado por ela como um fato negativo.

### *Família – 01 – Mãe*

#### *Ângela*

Ângela é mãe de Alice e é filha de Ana. Ela tem 47 anos, ensino médio completo e trabalha na gerência da empresa em que é sócia com o marido. É católica, casada há 27 anos e tem três filhos – Daniela, com 25 anos; Alice, com 23 anos; e Pedro, com 18 anos.

Ângela apresenta uma vivência intensa da maternidade, ao ponto de falar que sente o que seus filhos sentem. Para ela, filhos são como ter pedaços de si na vida do outro. *“Então é um pedaço de mim, se meu filho se machuca eu sofro com ele, se está triste eu sofro com ela”*.

Diz que filho, em primeiro lugar, é uma realização pessoal e também matrimonial. Além disso, é uma grande responsabilidade pela necessidade de saber lidar com a individualidade de um novo ser na família, para a qual ele será sempre muito importante, pois se constitui no fruto do casal, que a família gera.

Pensando a maternidade, Ângela a aponta vantagem da realidade de ter filhos - o fato de conseguir ter filhos para ela é motivo de satisfação. As desvantagens são negadas prontamente, levantando a idéia de que nada é ruim na realidade de ter filhos.

Ângela pensa que a família é a base formadora do indivíduo. Para ela, marido e mulher já podem ser considerados família, mesmo ainda não tendo filhos. Mas esta aceitação parece ser apenas por um tempo, pois Ângela também defende a idéia de que uma família sem filhos não é o ideal assim como sua mãe também o faz. Descreve sua família como sendo composta por seu marido e seus filhos, que moram na mesma casa, e posteriormente faz referência a sua família extensa. Diz também que teve três filhos, mas gostaria de ter tido quatro. Brinca, falando que o quarto filho veio sempre representado por parentes que ao longo dos anos ela tem ajudado e acolhido em sua casa. Ou seja, sempre existe em sua casa outra pessoa morando com a família.

Quanto à organização das tarefas familiares, Ângela diz que atualmente todos de sua família trabalham e possuem suas responsabilidades individuais, como cuidar de suas coisas e de seus compromissos próprios. Falando de sua vida conjugal, Ângela a descreve como “maravilhosa”. Ressalta este aspecto dizendo que sempre se deu muito

bem com seu marido e nunca brigaram. Quanto às tarefas familiares em relação a marido e mulher, ela faz uma demarcação de gênero. Diz ter tarefas específicas para cada um e ressalta a coordenação da casa como responsabilidade sua. Ela relata isso como vaidade, dizendo que o jeito de arrumar a casa passa pela vaidade feminina e o marido dela sempre respeitou os gostos dela. Seu marido sempre trabalhou e providenciou o sustento da casa.

Quanto aos cuidados com os filhos, quando eles ainda eram pequenos, o marido era viajante, então Ângela diz ter criado os filhos na infância praticamente sozinha. Com os filhos com mais idade, ela descreve diferença de pai e mãe em relação aos filhos, como a mãe sendo aquela que vai “acobertar” os filhos, enquanto o pai se mostra mais possessivo.

Os filhos de Ângela não foram planejados. Ela diz que eles vieram ao acaso e que gostaria até de ter mais um filho, mas não foi o caso. Ângela chegou a usar o DIU como método contraceptivo após a gravidez de sua primeira filha, mas houve rejeição de seu organismo, o que fez com que ela parasse de usá-lo e assumisse o uso da tabelinha, com a qual permaneceu durante cinco anos, quando engravidou do terceiro filho. Depois desta gravidez, fez ligadura, devido a questões de saúde, pois não era aconselhável mais de três cesarianas. Houve um tempo em que ela conversou com o marido sobre ele fazer vasectomia, mas ele pareceu não estar disposto a isso.

Quanto à manutenção do método contraceptivo, Ângela diz que a mulher é sempre mais responsável, por ela ser mais cuidadosa. Porém, a decisão sobre a contracepção sempre foi do casal. Apesar de Ângela não ter se planejado para engravidar, ela acredita que atualmente o planejamento familiar é muito importante,

principalmente porque é importante a avaliação dos recursos necessários para a criação dos filhos.

Sobre diferenças entre sua geração, a geração de sua mãe e a da sua filha, Ângela diz não ver diferença na importância dada ao filho nestas três gerações. Em relação à forma de criar os filhos, ela reconhece diferenças e destaca o fato de que a educação na época de sua mãe era baseada na imposição da obediência. Com o tempo isso mudou e os filhos agora têm espaço de expressão. Quanto às questões de gênero, ela diz que na geração mais antiga a mulher era submissa, o que também foi mudando e fazendo com que a mulher ocupasse o lugar de parceira. Em relação ao trato da fecundidade, Ângela aponta o uso crescente dos anticoncepcionais, passando de uma primeira geração que não fazia uso e chegando a geração da sua filha, que já tem acesso fácil a métodos anticoncepcionais.

### *Família – 01 – Neta*

#### *Alice*

Alice é filha de Ângela e é neta de Ana. Ela tem 23 anos e é fisioterapeuta. É solteira, católica e não tem filhos. Atualmente, gerencia uma loja de material odontológico - uma das empresas da família.

Alice ainda não constituiu família, mas pretende casar e ter filhos. Para ela, filho significa responsabilidade e uma benção divina, pois é Deus concedendo a graça de ter uma nova vida sob sua responsabilidade. O fato de ter filho para Alice significa uma grande alegria. E este filho, na família, teria a importância de concretizar a existência humana, de permitir a multiplicação da vida. Como vantagem de ter filho, Alice cita a

realização pessoal – ser mãe é a concretização de um sonho. A única desvantagem que cita é a de inicialmente ter dificuldades para dormir, na época de cuidar do bebê novinho.

A família parece ser muito importante para Alice. Ela a define como “*tudo, um berço de aprendizado*”. A jovem parece reconhecer a família como uma base de formação e educação do indivíduo. Diz que família deve ser constituída minimamente por pai, mãe e filhos, porém, assim como sua mãe e sua avó, aceita a existência de família sem filhos, apesar de demonstrar não ser o indicado e apontar a adoção como solução para casais que não podem ter filhos. Relata que, quando for constituir sua própria família, deseja que ela seja formada por ela, seu marido e dois filhos, que morarão na mesma casa, separadamente de outros parentes ou pessoas próximas.

Quanto à organização familiar, Alice acredita que todas as tarefas devam ser divididas. Todos serão responsáveis pelos serviços domésticos e pelo provimento da família, ou seja, Alice defende igualdade nas tarefas de homem e de mulher em relação à família, o que diverge da opinião da avó. Esta concepção também aparece quanto ao cuidado com os filhos. Diferentemente da mãe, ela expõe a idéia de que tanto o pai, quanto a mãe, deve cuidar com a mesma responsabilidade dos filhos, a não ser em exceções, como no caso da amamentação, que só pode ser exercida pela mulher. Alice espera que sua vida conjugal seja “*ótima*”, baseada na afinidade do casal, na reciprocidade e equilíbrio das tarefas entre homem e mulher.

Alice demonstra concordar com o planejamento familiar. Pretende que seus filhos sejam planejados, pois no início do casamento, pensa em ter um tempo apenas para ela e seu marido. Posteriormente, quando se achar preparada, se permitirá ter filhos. A jovem relata nunca ter usado métodos contraceptivos, pois ainda não foi



necessário. Acredita que usará em seu casamento um método de auto-conhecimento indicado pela Igreja Católica, enquanto não quiser ter filhos. Diz que a opção pela contracepção deve ser feita pelo casal por meio do diálogo assim como a manutenção do método.

Ao comparar sua geração com as de sua avó e de sua mãe, Alice diz que a importância dada ao filho na família é a mesma nas três gerações. Quanto às formas de criação dos filhos, a jovem indica diferenças. Ela acredita que tanto o contato como a criação dos filhos foram passando gradativamente de métodos agressivos e rudes da geração mais antiga para uma realidade de mais carinho com os filhos nas gerações mais novas. Em relação às funções de gênero, Alice conta que na geração mais antiga, as mulheres tinham o papel de dona-de-casa e cuidadora dos filhos e o homem, o papel de provedor. Isso mudou até chegar, em sua geração, na igualdade de funções que ela defende. Em relação à contracepção, a jovem afirma ter percebido uma evolução nos métodos e no acesso a eles, de tal forma que acredita que sua avó nem fazia uso destes recursos, sua mãe já usava, e, na geração dela, o acesso é bem mais fácil.

Alice conclui seu relato falando de algumas situações atuais que chamam a atenção em relação à formação pessoal e a família. Ela aponta o acesso mais fácil aos estudos como um recurso importante da atualidade e discorre sobre os riscos de alguns comportamentos da geração jovem, como o uso de drogas, a irresponsabilidade com o sexo, o desleixo com o trabalho, o apego ao computador. E ressalta ainda a preocupação dos pais com seus filhos devido a realidades como estas.

## ***Família – 02 – Avó***

### ***Berenice***

Berenice é mãe de Beth e é avó de Bárbara. Ela tem 70 anos e seus estudos foram equivalentes ao atual ensino médio. Até se casar, trabalhava dando aula para alunos do primário. Depois de casada, as únicas atividades remuneradas foram com vendas de roupas e jóias. É casada há 51 anos e se considera católica, além de participar da Seicho-No-Ie. Teve um casal de filhos, e entre o nascimento dos dois, sofreu um aborto. O segundo filho também faleceu quando já era adulto.

Para Berenice, filho significa realização e complemento da vida matrimonial. É aquele que dará seqüência à vida do casal e plenitude à realização feminina. Sua experiência de ter filhos confirma estas significações. Pensa que para a família importância do filho, além de dar continuidade à família, é dar alegria à casa e amadurecimento aos pais, que, ao passarem pelo processo de educação dos filhos, precisam se reavaliar constantemente.

A concepção de família de Berenice é totalizadora. Para ela, *“família é o todo (...) você ta sempre participando das mesmas coisas, mesmo com alguns desentendimentos”*. Chega a apontar, como componentes de uma família mínima, pais, mães, filhos, avós, sogros, tios. Ressalta a importância de estarem todos juntos, convivendo, pois *“sem os filhos, sem o avô, sem os tios, eu acho um negócio muito monótono (...) fica muito individualizado”*. Esta concepção é confirmada na própria vivência de Berenice, que aponta sua família como composta por aproximadamente 600 pessoas, entre irmãos, genros, sobrinhos, etc. Porém na sua casa, moram apenas ela e seu esposo, o que mostra que para esta senhora a concepção de família está além dos limites da residência em comum. Berenice afirma a existência de família sem filhos,

inicialmente por conta de uma impossibilidade, depois aceita a possibilidade da opção de não ter filhos.

Discorrendo sobre sua organização familiar, até mesmo em relação à época de criação dos filhos, Berenice diz que as tarefas eram bem definidas para homem e mulher – a mulher cuidava da casa e dos filhos e o homem trabalhava para prover a família. Em relação aos filhos, a atividade do homem parecia se restringir às exigências quanto aos estudos e à prática de esportes. Apesar das responsabilidades, ela não vê nenhuma desvantagem em ter filhos, ao contrário, ressalta a vantagem de filho ser “*continuação da gente e é uma felicidade*”.

No que diz respeito a sua relação conjugal, Berenice a define como boa, mas admite insatisfação ao dizer que o marido era machista e não a deixou trabalhar depois de casada. Também se refere a certa acomodação do parceiro. Mas, apesar de dizer que gostaria que sua vida matrimonial tivesse sido um pouco diferente, diz estar satisfeita com a vida de casada. Aponta diferenças entre as atividades familiares femininas e masculinas. Diz que antigamente isso era mais acentuado – mulher cuidava da casa e dos filhos e homem do provimento, e que hoje isso é muito diferente devido à inserção da mulher no mercado de trabalho.

Berenice diz nunca ter usado métodos anticoncepcionais, mas seu marido, depois da primeira filha, passou a usar camisinha, responsabilizando-se totalmente pelas exigências do método. O interesse em evitar filhos era do marido e não de Berenice, tanto que as duas outras gravidezes foram devido a problemas da própria camisinha. Este método só deixou de ser usado quando ela tentou engravidar muito tempo depois e percebeu que não conseguia mais.

Berenice gostaria de ter tido mais filhos, porém não era desejo de seu marido. Seus filhos não foram planejados, mas atualmente Berenice considera o planejamento familiar muito importante, pois segundo ela “*aquela época tudo era mais fácil, hoje tudo você tem mais dificuldade*”. Considera que a função do planejamento é de permitir que o casal se organize para ter filhos de acordo com os recursos disponíveis. Ressalta também dificuldades da sociedade atual, como a insegurança e a falta de estabilidade profissional, como fatores que devem ser pensados antes de se ter filhos. Esta é uma mudança intergeracional apontada por esta senhora.

Sobre o papel do filho na família, Berenice acha que nada mudou. Entretanto aponta outras diferenças existentes entre sua geração e as posteriores, tais como: a forma de criar os filhos, pois os recursos para a criação dos filhos na atualidade são maiores; e, diferenças nos papéis de homens e mulheres na família. Considera que a inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que ela assumisse algumas atividades que se confundiram com as dos homens, diminuindo a diferença nas funções dos dois. O trabalho trouxe mais autonomia à mulher. Além disso, atualmente, é necessária a participação masculina nas tarefas de casa e com os filhos, já que a mulher também trabalha fora. Em relação à utilização de métodos contraceptivos, Berenice também vê diferenças entre as gerações e justifica isso evocando os avanços da medicina - os anticoncepcionais evoluíram e a tendência é melhorar ainda mais.

Finaliza seu relato apontando a liberalidade atual, especialmente quanto aos relacionamentos, como uma importante diferença entre as gerações, que antigamente possuíam valores hoje considerados descartáveis, como o da virgindade para o casamento.

## *Família – 02 – Filha*

### *Beth*

Beth é filha de Berenice e é mãe de Bárbara. Tem 50 anos, é médica dermatologista há 27 anos, é casada há 25 anos e tem duas filhas, uma de 21 anos – Bárbara, e uma de 18 anos. É católica e pratica ativamente sua religião.

Ao conversar sobre sua vivência familiar, Beth apontou o filho como um projeto, algo desejado e esperado e que se mostra como algo muito importante para a família, como fonte de aprendizado, de troca de experiências, de continuidade da vida. Ao mesmo tempo considera que filho é algo que requer responsabilidade, pois a todo o momento solicita cuidados. Ressalta que a possibilidade de ter filhos é uma realização, tanto matrimonial “*eu acho que, do ponto de vista do relacionamento, do amor, eu acho que isso daí é um ponto assim, um ponto alto*”, quanto pessoal “*eu acho que uma parte da realização do ser humano*”. Para a família, a importância dos filhos está em proporcionar crescimento e amadurecimento aos pais ao passo que também traz à família a sensação de realização de um projeto: o filho. A vantagem de ter filhos seria para Beth, então, a realização e o amadurecimento, enquanto que a desvantagem traduz-se pela preocupação que se tem com os mesmos e com seu bem-estar.

Beth entende a família como um espaço de educação e formação do indivíduo. Também a vê como um ambiente de vivências humanas íntimas, como alegrias e tristezas. Relata que a família é um *porto seguro*, um lugar de segurança e refúgio do indivíduo e que uma família pode existir apenas a partir de um casal, se esta for a opção deles. Entretanto quando fala dos componentes de uma família, faz referência não somente ao casal, mas aos tios, filhos, avós, etc. No caso de sua própria família, ela a

define como sendo composta por seu marido, suas filhas, seus pais e sogros. Moram juntos em sua casa apenas ela, suas filhas e seu marido.

Para cuidar das tarefas domésticas em casa contam com o recurso da empregada doméstica. Marido e esposa trabalham fora, são médicos, e suas filhas estudam. Mas ela diz que as tarefas em geral são divididas, especialmente entre ela e o esposo. *“Algumas coisas eu fico responsável, outras é dele, um vai suprindo o outro”*. Considera sua vida conjugal muito boa, ressaltando a existência de respeito e admiração mútuos no casal.

Mesmo havendo divisão de tarefas entre marido e esposa nesta família, Beth afirma que de alguma forma existem diferenças entre as tarefas familiares para homens e para mulheres *“Eu acho que todos dois podem, assim, ajudar em tudo, mas eu acho que algumas coisas são mais inerentes a mulher e algumas coisas mais inerentes ao homem (...)Tem algumas coisas que eu tenho dificuldade(...) Tipo (...) Trocar lâmpada”*. Ela também indica que o espaço da organização da casa está sob a autoridade feminina. Revela considerar estas diferenças importantes, pois do contrário se perde um pouco das características de homem e de mulher. *“Achar que é igual, você acaba perdendo um pouco dessa feminilidade, dessa... então, eu não sou muito, acho que tem algumas coisas que eu prefiro, assim, que ele troque o pneu do carro pra mim”*.

Quanto aos cuidados com os filhos diz que as responsabilidades de pai e mãe são diferentes, apesar de ser interesse seu e de seu marido estarem presente na vida dos filhos. Mas na prática, os cuidados básicos parecem ter ficado mais sob a supervisão feminina e o lazer mais sob o cuidado do pai. Beth reafirma estas diferenças apontando o fato de a mulher se envolver com os filhos mais emocionalmente e com mais preocupação, enquanto que o homem se mostra mais racional.

Beth diz ter utilizado pílulas, preservativos, DIU e, finalmente, ligadura de trompas como métodos contraceptivos. Começou o uso de contraceptivo oral um pouco antes do casamento, porque o casal pretendia vivenciar o casamento sem a presença de filhos por um tempo. Esta foi uma decisão do casal. Porém a escolha do método e a manutenção dele, geralmente era decisão sua pelo fato de afetá-la fisicamente. Ela se julgou no direito de escolher aquele que mais desse conforto a ela, o que aconteceu com o DIU, associado ao preservativo, até fazer a ligadura.

Por sua organização familiar pode-se perceber que Beth é favorável ao planejamento familiar. Ela planejou com o marido suas duas filhas e disse que gostaria de ter tido mais filhos, mas não teve coragem. Em sua opinião, para ter filho são necessários recursos, pois o bem-estar deste é fonte de preocupação para os pais. Ao mesmo tempo lembra a importância da adequação de marido e mulher à vida de casado antes da chegada de um bebê, para que tudo ocorra de maneira organizada e tranqüila.

Beth relata não ver diferenças de sua geração em relação à de sua mãe e de sua filha na importância dada aos filhos. Contudo afirma que elas existem no que diz respeito à forma de criá-los. Ela acredita que, com o passar do tempo, algumas concessões são feitas de acordo com a realidade vigente, apesar da essência não mudar. Para ela os papéis de homem e mulher na família também mudaram, principalmente devido a inserção da mulher no mercado de trabalho e pelo fato de o homem estar superando preconceitos e se aproximando mais das tarefas domésticas. Quanto à contracepção, Beth aponta que antigamente tinham-se mais filhos. Considera que o que leva à diminuição no número de filhos são as dificuldades para sua criação que vêm aumentando. Finaliza relatando a liberdade de expressão que acredita ser maior, dando

como exemplo a abertura ao diálogo entre pais e filhos que vem aumentando com o passar do tempo.

### *Família – 02 – Neta*

#### *Bárbara*

Bárbara é filha de Beth e é neta de Berenice. Tem 21 anos e é estudante de medicina. É católica, mas não costuma freqüentar sua igreja. Tem um namoro estável.

A jovem pretende um dia se casar e constituir família. Em sua concepção, filho é sinônimo de vivência de um amor incondicional, de algo que está acima de tudo. O fato de ter filhos, por sua vez, é visto como uma responsabilidade, pois o desafio de formar uma pessoa é grande. Considera que na família filho é tido como alvo de formação, como centro das atenções e como forma de dar continuidade a mesma. Ao mesmo tempo, tem papel de mediador, revelando-se como a pessoa que vai proporcionar novas reflexões, posicionamentos e negociações dentro do ambiente familiar.

Indica como vantagens de ter filhos a realização pessoal, a satisfação de uma vontade, de um sonho e o fato do filho dar prosseguimento à família. Para ela uma desvantagem seria a possibilidade de falha na educação, ou seja, o risco de não conseguir fornecer uma boa educação para o filho.

Assim como sua mãe, Bárbara entende a família como um espaço de pessoas ligadas entre si por fortes vínculos, como o biológico e o de convivência, além de ser um ambiente de educação, formação, refúgio e proteção do indivíduo. Para ela, a família já existe apenas a partir da mãe e dos filhos, onde um vínculo forte já está estabelecido. *“O filho é uma coisa que não tem como você separar, então, um casal*



*você olha e separa, filho não, filho é pra sempre*”. Bárbara não reconhece a possibilidade da existência de família sem filhos, apesar de dizer que existem exceções, o que revela a extrema importância que esta jovem dá ao papel do filho na família, que não é descartável em nenhum momento, diferentemente do que pensa sobre a presença de um pai. Ao falar de sua família atual, assim como sua mãe, não se restringe apenas à família nuclear, fazendo referência à família extensa que inclui pais, filhos, avós e primos. Porém, ao falar da família que pensa em constituir, a referência imediata de família é feita ao marido e aos filhos afirmando que serão estas as pessoas que morarão na mesma casa com ela.

Bárbara imagina que as responsabilidades domésticas futuras serão divididas. Todos terão que dar conta da casa e de suas necessidades básicas: *“Eu acho que tem que dividir as coisas, não que sempre vai fazer isso, mas que não fique sobrecarregado pra ninguém, mais distribuído*”. Apesar disso, afirma acreditar que algumas diferenças nos comportamentos de homem e mulher irão persistir, mas que tudo dependerá da relação estabelecida entre o casal, que deverá ser baseada na confiança, na cumplicidade e no diálogo.

Quanto aos cuidados com os filhos, Bárbara aponta algumas diferenças: mãe é mais protetora e cuidadosa e pai, mais racional. *“Mãe é uma coisa assim que já é instintiva de proteger, e tentar cuidar*”. Porém acredita que a participação na vida dos filhos é dever dos dois. *“Acho que os dois sempre têm que fazer, os dois sempre têm que participar*”.

Bárbara diz usar de métodos contraceptivos. Há dois meses faz uso de camisinha e pílula. Afirma que foi uma decisão sua e de seu namorado e considera que a responsabilidade da manutenção do método é dos dois. No futuro, pensa em usar DIU

“porque o DIU ele é recomendado só depois de ter o primeiro filho, e porque assim, não é uma coisa tão segura, mas se acontecer, você já está casada e assim, não vai ser uma coisa tão trágica”. A jovem reconhece que o planejamento familiar é importante para que as pessoas se prepararem economicamente e psicologicamente para receberem um filho, já que esta é uma forte mudança. Ela tem a intenção de planejar os seus e pretende ter três filhos. Apesar de desejar ter um número maior de filhos considera que é preciso olhar as condições, então, “Três. Quatro já é demais!”.

Sobre possíveis mudanças intergeracionais, Bárbara aponta que antigamente o número de filhos era bem maior e o valor individual de cada um deles era menor. Para ela o fato de ter vários filhos dificultava que as particularidades fossem percebidas e cuidadas. Com a redução no número de filhos por família, a importância individual aumenta. Ao mesmo tempo, quando se refere à criação dos filhos, a jovem afirma que “os pais não tão ligando pros filhos, tem meio que um descaso na educação dos filhos”. Avalia que esta é uma característica da vida moderna. Com relação aos papéis de homem e mulher na família, Bárbara ressalta o fato da mulher ter saído do papel de submissa e passar ao de detentora de conhecimento, o que provocou uma mudança em seu papel social. Segundo seu ponto de vista o planejamento familiar começou a existir na geração da mãe dela, tanto que o número de filhos diminuiu nesta geração em relação à anterior. Conclui dizendo que, em sua opinião, uma mudança marcante nestas três gerações ocorreu nos processos de gênero, mais precisamente mudança nos papéis masculinos e femininos.

***Família – 03 – Avó***

***Cátia***

Cátia é mãe de Carla e é avó de Carina. Tem 77 anos, estudou até o quinto ano primário e sempre foi dona-de-casa. Foi casada no civil e no religioso por 34 anos até ficar viúva, apesar de ter se separado do marido quando as filhas já eram adultas. Tem três filhas com idades de 58, 56 e 52 anos.

Esta senhora diz que os filhos significam “jóias” e que ter filhos é um dom de Deus. Considera que a importância dos filhos para a família é grande ao ponto de eles ocuparem posição central na vida desta.

Para definir família, Ana aponta enfaticamente o termo “conjunto”. Família seria, então, a união de pessoas, de irmãos, de filhos. Significa também a oportunidade de companhia, de ter pessoa amadas por perto.

Em sua concepção a família deve ser formada por pai, mãe e filhos. Aceita a existência de família sem filhos e afirma que esta é constituída a partir do momento que as pessoas se reconhecem como tal “*isso vai muito do casal, se sentir família*”.

Cátia mora sozinha. Apesar de definir família como o conjunto formado por pai, mãe e filhos, quando fala sobre sua família, diz que esta é composta por seus filhos, mesmo que eles já tenham formado suas próprias famílias, netos e bisnetos. Sendo assim, aponta como sua família sua descendência, ou seja, aquilo que ainda lhe é próprio, pois seu casamento terminou e seu marido faleceu.

Como vantagem de ter filhos, Cátia aponta a possibilidade da continuidade, ou seja, o fato de que o filho dá prosseguimento àquela família. Em contrapartida, aponta como desvantagem a preocupação com os filhos.

Quanto à organização das tarefas familiares em sua família, faz referência à infância de suas filhas. A responsabilidade das filhas era estudar, a do pai era trabalhar e

suprir as necessidades materiais da família - pouco auxílio era dado diretamente aos filhos - e a dela (mãe) era de cuidar da casa e dos filhos: “*E eu fazia tudo, elas estudavam*”. Os papéis de homem e mulher eram bem demarcados, tanto em relação aos cuidados gerais com a casa, quanto nos cuidados com os filhos, pois o pai não se implicava muito com a educação e cuidados para com as filhas, “*no meu caso, eu que tomava conta delas, ele não se metia*”. Cátia concorda com essa demarcação de papéis existente naquela época, mas, para a geração de hoje, acha que devem haver mudanças, pois a mulher também está trabalhando fora, tal como o homem.

Cátia mostrou-se insatisfeita com a relação conjugal que viveu. Ela admite certo desconforto com a vida matrimonial por questões de infidelidade e de falta de reconhecimento, o que culminou com a separação do casal. Relata que seu marido era “*muito mulherengo*” e que gostaria “*que ele fosse mais caseiro, desse mais valor, me desse mais valor, desse mais valor aos meus afazeres, que ele não ligava*”. Afirma que depois de sua separação nunca mais teve ninguém. Demonstra preceitos morais rígidos e parte considerável de sua insatisfação matrimonial parece estar ligada a este aspecto, que acabou não sendo valorizado por seu marido, como ela valoriza e gostaria que ele o fizesse.

Cátia afirma já ter feito uso de métodos contraceptivos, mesmo em meio a muitas limitações e ineficiência dos métodos. Ela usava um método que não soube nomear, mas disse ser uma espécie de supositório usado antes da relação sexual. A opção por usá-lo e a responsabilidade por sua manutenção foram somente suas, pois seu marido gostaria de ter tido mais filhos. “*Ele gostava da mesa cheia, mas o serviço era meu*”. Foi assim que ela conseguiu planejar razoavelmente suas filhas, apesar da última

gravidez ter ocorrido por causa de uma falha no remédio. Só parou de usar o remédio quando chegou na menopausa.

Quanto ao planejamento familiar, Cátia se mostra bastante favorável “*antigamente tudo era mais fácil, a comida era mais fácil, as coisas eram mais fácil, tinha mais e tudo. Agora, hoje está tudo mais caro. Pra se botar uma criança no colégio, pra ter uma educação boa tem que colocar em um colégio particular*”. Defende a idéia de que para ter filho são necessários recursos suficientes, pois o bem-estar do filho exige cuidados e custos.

Sobre mudanças intergeracionais, Cátia diz que a importância dos filhos na família mudou, pelo fato do comportamento deles para com os pais ter mudado. Os filhos têm deixado de respeitar aos pais. Ela acredita que muito disto também tem a ver com a forma com que os pais têm educado seus filhos, que atualmente tem sido muito liberal. Outra mudança na criação dos filhos se deu por causa da inserção da mulher no mercado de trabalho, o que a retirou de dentro de casa e limitou sua disponibilidade aos filhos. A distância da mãe, na opinião de Cátia, parece ter deixado a educação dos filhos mais frouxa. Para ela esta nova posição da mulher afetou diretamente os papéis femininos e masculinos dentro da família. Quanto à contracepção, esta senhora vê um uso crescente nas gerações posteriores a sua. Na sua geração, o acesso aos métodos anticoncepcionais era restrito e envolvido por muitos tabus “*tinha que ser casado pra ter certas liberdades pra... pra evitar os filhos*”, o que é bem diferente da atualidade. De todas as diferenças entre as gerações, a mais marcante para Cátia é a forma de criar os filhos “*A educação, o temperamento, assim, os pais largaram muito à vontade*”, que considera muito mais liberal que a da sua época, o que relata com certa revolta.

### *Família – 03 – Filha*

#### *Carla*

Carla é filha de Cátia e é mãe de Carina. Tem 51 anos e é aposentada há quase três anos. Era bancária, chegou iniciar a faculdade de ciências contábeis, mas não concluiu. Tem três filhos – um homem de 29 anos, uma mulher de 23 anos (Carina) e um rapaz de 21 anos. O primeiro filho é de seu primeiro casamento, que durou dois anos e meio. Atualmente divorciada e tem um companheiro há 25 anos, pai de seus outros dois filhos.

Para o significado de filho, Carla trouxe muitos elementos. Falou em primeiro lugar do fato de eles poderem dar continuidade à vida, relatou que filho significa realização pessoal, possibilidade de continuar tendo contato com a juventude por meio da juventude dos filhos, que é graça, presente de Deus, e ainda que é fonte de orgulho e satisfação para os pais. Ter filhos serve como um complemento do casal, como algo que concretiza e permite a realização matrimonial “*ter filhos para mim, que eu acho que completa o casal*”. Dentro da família, a importância dos filhos é de dar prosseguimento e significação à mesma. Como vantagens de ter filhos, Carla cita que o contato com a juventude dos filhos fornece aos pais uma oportunidade de “reciclagem” e como desvantagem, a questão financeira, pois filho traz gastos.

Ao pensar a família, Carla a define como um espaço de orientação certa e segura. Entende como família mínima a composta por pai, mãe, filho e avós, o que está de acordo com sua vivência de família, quando ela identifica sua família como seu marido, seus filhos e sua mãe. Já que sua mãe está junto dela quase que cotidianamente

e ela é reconhecida como da família. Na opinião de Carla a definição dos componentes da família acaba incluindo também os avós apesar de morarem na mesma casa apenas marido, esposa e filhos.

Carla também não reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos e constituir família *“acho que... não sei, para mim tem que ter filho, eu acho assim, estranho a opção de não ter filhos. Tem que ter filhos”*.

Com relação às responsabilidades na família, relata que tanto marido quanto mulher ajudam nas atividades da casa. Mas tudo isso fica muito facilitado pelo fato de terem empregada doméstica e algumas necessidades são supridas com serviços terceirizados. Porém, as atividades da mulher ainda são as de gerenciamento da casa e dos cuidados com os filhos, enquanto o homem tem atividades específicas como cuidar dos cachorros e lavar o carro, *“quando a empregada não tá, quem limpa o cocô de cachorro é o J. né... ele lava o carro né”*, o que confirma sua concepção a respeito dos papéis de gênero, já que ela afirma considerar que existem diferenças entre as tarefas familiares para homem e para mulher – o homem fica com o trabalho pesado e a mulher com atividades mais de organização da casa, apesar de relatar a participação masculina em tarefas tidas como femininas. Quanto aos cuidados com os filhos, Carla não vê muita diferença e afirma que as responsabilidades de pai e mãe acabam sendo semelhantes, pois a presença na educação dos filhos é tarefa dos dois.

Quanto ao seu casamento, Carla o avalia positivamente e ressalta a inexistência de brigas. Porém, relata um defeito do homem: o egoísmo. Ela diz que os homens tendem a pensar em si em primeiro lugar e que ela gostaria que isso mudasse. *“Para mim, o grande defeito do homem, não ele, acho que o homem, ele é muito egoísta (...) ele acha que os interesses dele em primeiro plano”*.

Carla procurou fazer uso de métodos contraceptivos desde jovem, quando ainda não havia se casado, mas o médico que buscou se recusou fornecer informações e acesso aos anticoncepcionais pelo fato dela ser solteira. Carla aponta este fato como um dos motivos de sua primeira gravidez, que não foi planejada e também como causa de um casamento às pressas, que não deu certo. Depois de casada, passou a usar pílula, camisinha, tabela, até fazer ligadura. Seu objetivo era de contracepção mesmo. Carla começou a usar anticoncepcionais por sua conta durante o primeiro casamento, por falta de interesse do marido em conversar sobre o assunto. Quando se separou, interrompeu o uso de pílulas porque percebeu que se sentia mal. Ao se unir ao companheiro atual, resolveram juntos usar a tabelinha associada à camisinha, por questões de saúde e conforto da mulher. A manutenção das condições exigidas pelo método contraceptivo era sua e de seu marido. A ligadura só foi feita após o terceiro filho. Os filhos não foram planejados, somente a hora de parar de tê-los – fazer a ligadura – foi planejada. Carla acredita que teve o número ideal de filhos. Atualmente, reconhece a importância do planejamento familiar, já que para ter filho é necessário se organizar, especialmente quando ao tempo viável para se dedicar a ele.

Carla não vê diferenças quanto à importância dada ao filho nas diferentes gerações. Sobre a forma de criar os filhos, ela concorda com sua mãe ao dizer que a liberdade está bem maior atualmente - na época da geração mais velha, a educação dos filhos era baseada no controle, na geração intermediária, já muda, o filho tem direito a expressar suas vontades e opiniões e tem mais liberdade de atitudes. Em relação aos papéis de homem e de mulher na família, Carla considera que ocorreram diferenças apesar da persistência do machismo. Além disso, diz que nas gerações mais velhas, mulheres divorciadas eram rotuladas negativamente, o que prendia a mulher em



relações matrimoniais prejudiciais a ela. A possibilidade do divórcio mudou isto e deu mais autonomia e direitos a mulher, até mesmo de vivenciar sua sexualidade. Considera que a forma da sociedade tratar a mulher divorciada mudou. A mulher também vem ocupando vários espaços e desenvolvendo novas competências, ao passo que os homens deixam de ter espaços exclusivos, na opinião de Carla. Com relação à contracepção, Carla diz que na geração mais velha o uso de anticoncepcionais era muito restrito ou não existia. Em sua geração era utilizado, mas ainda com limitações. E na geração mais nova o uso de anticoncepcionais é prática corrente entre os jovens. Termina seu relato reafirmando as mudanças na vivência da sexualidade feminina, a inserção da mulher no mercado de trabalho e as alterações de papéis e funções na família.

### *Família – 03 – Neta*

#### *Carina*

Carina é filha de Carla e é neta de Cátia. Tem de 23 anos e é formada em Educação Física. É professora de Educação Física concursada em uma prefeitura. Trabalha também em uma academia, dando aulas de natação. É solteira e não tem filhos. É católica, mas não frequenta a igreja.

A jovem descreve que filho significa alguém que vai dar prosseguimento a uma família, o que está de acordo com a visão de sua mãe, e é o que dá sentido a vida matrimonial, “*É aquilo que dá o sentido ali pro casamento*”. Para Carina, ter filhos significa ter companhia, ao mesmo tempo em que ela imagina que deve ser a vivência de um amor incondicional. Dentro da família, é o filho que vai dar significação, sentido às práticas e aos laços afetivos “*eu acho que o quê dá mesmo um sentido pra família são*

*os filhos*”. Como vantagens de ter filho, a jovem aponta o reconhecimento social e a vivência de um amor incondicional. Como desvantagens, cita as dificuldades financeiras e as noites de sono perdidas.

Ao falar sobre família, Carina pareceu ter dificuldades em defini-la e esboçou alguma definição relatando sobre ser um espaço de contato e apontando a necessidade de ser bem aceita neste espaço. Família para ela parece ser também um espaço de avaliação. Na opinião da jovem, uma família deve ser composta por pai, mãe e filhos, o que indica a presença de concepção baseada no modelo de família nuclear. Ela reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos, mas faz ressalvas, emitindo a idéia de que a formação de uma nova família só acontece quando se tem filho. *“Quando você casa, tem seu marido e tem seus filhos, aí a sua família já não é mais seu pai, sua mãe e seus irmãos. Sua família são você, seu marido e seu filho”*. Quanto a sua família futura, Carina imagina que será composta por ela, seu esposo e filhos, estes mesmo se morando em casa separada. Ela deseja ter dois filhos, um menino e uma menina.

Carina se mostra bem dinâmica e empenhada em sua vida profissional. Quanto às tarefas domésticas em sua futura família, ela é bastante enfática em dizer que as responsabilidades com a casa e com o provimento da família serão divididas. Em alguns momentos a jovem relata como parte do seu jeito de ser o fato de não gostar de serviços domésticos e nem de atividades na cozinha, o que a impele ainda mais a ter uma postura de não assumir para si as responsabilidades domésticas. *“Eu brinco com ele, “Prefiro estudar!” (...) não gosto de nada doméstico”*.

Carina possui expectativas positivas a respeito da vida conjugal que pretende ter, ressaltando aspectos de tranquilidade e ausência de brigas. Afirma não ver distinção entre as tarefas familiares para homens e mulheres, porque os dois são seres humanos

com direitos e deveres e não há porque ter diferença entre suas tarefas. O mesmo deve acontecer em relação aos cuidados com os filhos – pai e mãe devem estar implicados no processo de criação e em todos os cuidados com os filhos, “*Principalmente, quando for pequenininho. Revezamento!*”.

Quanto à contracepção, Carina expõe que faz uso de camisinha e pílula. A jovem iniciou o uso de pílulas anticoncepcionais quando adolescente por problemas hormonais, que lhe causavam acne. Posteriormente, ao iniciar sua vida sexual, continuou o uso também por contracepção e acha que no futuro também continuará usando estes métodos. A decisão sobre contracepção atualmente é do casal e Carina imagina que assim também será no futuro. Contudo, acha que a manutenção das condições exigidas pelo método contraceptivo é de responsabilidade da mulher, devido ao fato de ela estar implicada fisicamente de forma mais direta. Ressalta que não é uma postura passiva por parte da mulher, pois ela tenta conscientizar o homem a respeito do papel dele neste processo.

A jovem é favor do planejamento familiar, pois considera importante ter filhos quando possuir uma estrutura suficiente para que a criação deles se dê da maneira considerada adequada. A estabilidade financeira é pré-requisito para que se passe ao momento e ter filhos. Sendo assim, Carina pretende planejar o momento ideal para ter filhos.

Carina diz que vê diferença na importância dada ao filho nas diferentes gerações. Essas diferenças estão principalmente na quantidade de filhos na função deles na família. Relata que na geração mais velha tinham-se mais filhos, o que foi diminuindo com o tempo. Além disso, os filhos desta geração mais velha tinham também o papel de ajudar no provimento da casa, o que mudou nas gerações mais

novas. Quanto à criação dos filhos, Carina lembra a existência de diferenças na criação dada pelos pais conforme o gênero das crianças. Para ela, nas duas gerações mais velhas, meninos e meninas eram tratados de forma diferentes quanto às práticas domésticas o que pretende que não ocorra com a geração mais nova. Quanto aos papéis de homem e mulher na família, ela também aponta mudanças e relata que à mulher cabia o papel de cuidar da casa e dos filhos e ao homem o de trabalhar e prover as necessidades da casa. Afirma que na geração de sua mãe ocorreu mudança que deve permanecer na sua própria geração. Em relação à contracepção, Carina relata que na geração mais velha o uso de anticoncepcionais era muito restrito ou não existia. Na geração intermediária as retaliações ao uso dos anticoncepcionais eram grandes. E na geração mais nova o uso de anticoncepcionais é prática comum entre os jovens. A finalização de sua fala reforça mais uma vez as mudanças nas relações de gênero - as mulheres saem da posição de submissão aos homens, fato justificado especialmente pela inserção da mulher no mercado de trabalho, o que dá a ela a independência financeira e direito à voz. Também ocorrem menos preconceitos com a mulher, especialmente, em situação como a do divórcio, dado este também relatado por sua mãe.

#### *Narrativas das famílias masculinas*

##### ***Família – 01 – Avô***

##### ***Alfredo***

Alfredo é pai de Anderson e é avô de Allan. Tem 80 anos e possui segundo grau técnico agrícola. Trabalhou como fiscal do Banco do Brasil e está aposentado há mais de 20 anos. Foi casado duas vezes: o primeiro casamento durou 23 anos e o segundo

dura 32 anos, apesar das instabilidades. Relata que tem problemas no casamento atual, que está vivendo separado de sua mulher, mas que ainda está casado, pois não se divorciou. Tem seis filhos. Do primeiro casamento, são dois homens, de 56 e 54 anos e duas mulheres, de 52 e 42 anos. Esta filha de 42 anos é adotiva. Do segundo casamento, são dois homens, um de 31 anos e um de 25 anos.

Alfredo aponta o significado de filho como uma recompensa certa da relação matrimonial. É o que fica de certo da vida de casado. Também entende o filho como um referencial na vida “*O filho para mim é uma referência que eu acho que não podia ficar sem ter*” e como prioridade na vida de um pai “*minha preferência maior é os filhos*”. Além disso, filho também é fonte de satisfação, já que ele promove no pai um bem-estar e para com ele uma reciprocidade de afetos. O fato de ter filhos para Alfredo é uma realização pessoal, uma satisfação poder ter “*Os filhos para seguir os passos da gente*”. Para a família, filho também significa realização, mas o enfoque é na realização matrimonial, já que vem reforçar os elos entre esposo, esposa e os próprios filhos. Como vantagem do fato de ter filhos, Alfredo aponta o fato de que estes completam a vida da pessoa. E como desvantagem, ele aponta as dificuldades econômicas para a criação dos filhos, o que faz com que um número grande de filhos seja inadequado.

Alfredo entende a família como algo perfeito e necessário, pois esta satisfaz adequadamente as necessidades humanas. Também entende a família como base, o que dá a idéia de espaço de formação do indivíduo. Na opinião dele, uma família é constituída por pai, mãe e filhos. Ele reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos, mas acredita que esta família seja permeada pela insatisfação, pelo fato de não ter gerado filhos. Alfredo nem cogita a possibilidade de um casal optar por não ter filhos. Este senhor diz morar com sua esposa e o filho mais novo, apesar de estar passando

uma temporada na casa de filhos, devido aos problemas no casamento que diz estar estremecido. E ele define como sua família seus filhos, noras e genros, não citando a esposa.

Ao discorrer sobre as responsabilidades domésticas, Alfredo retoma a demarcação tradicional de papéis femininos e masculinos. Diz que a mulher sempre cuidou da casa e dos filhos e ele trabalhava fora para suprir as necessidades materiais da família: “*É, isso é uma tradição né (risos), uma tradição de sempre a mulher é do lar e o marido é provedor*”. Quanto aos cuidados com os filhos, ele afirma que as responsabilidades de pai e mãe acabam sendo diferentes – a mãe parece ter mais destreza com a criança, porém no afeto não há diferença. “*Eu acho, não no sentido de afeição não né, mas ela naturalmente tem mais habilidade com o neném*”. A diferença que existe é justificada, segundo Alfredo, pelo jeito da mulher que permite que ela cuide da criança de maneira mais adequada.

Alfredo já fez uso de métodos contraceptivos, no caso, a camisinha, que começou a usar no segundo casamento com o objetivo de evitar filhos. Esta decisão foi tomada em conjunto com sua parceira, porém a responsabilidade da manutenção do método era apenas dele, o que pode ser justificado pelas características do método utilizado pelo casal. Pensa que o planejamento familiar é importante porque para ter filho são necessários recursos financeiros que devem estar adequados. Ele considera o número de filhos que teve adequado e diz que os filhos foram planejados nos dois casamentos, porém no segundo o espaço de tempo entre os filhos foi maior. Disse também que adotar uma filha não fazia parte dos planos do casal, mas acabou acontecendo, em parte por pressão de circunstâncias.

Refletindo sobre as mudanças intergeracionais, Alfredo diz não reconhecer diferenças na importância dada aos filhos nas diferentes gerações. Porém, ressalta que nas práticas de criação dos filhos ocorreram mudanças, tais como o surgimento de recursos que modificaram a educação dos filhos, como brinquedos novos e internet. Nos papéis de homem e mulher na família também houve modificações. Na geração mais velha, as mães estavam disponíveis dentro de casa para cuidar dos filhos, o que mudou com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Diz que atualmente os filhos acabam sendo criados por estranhos. Isso aconteceu mais na última geração. Afirma também que o fato de a mulher trabalhar fora de casa provoca mudanças em sua posição financeira e ela passa a buscar seus interesses e modifica suas atividades. Para ele a independência financeira da mulher também tem permitido um maior número de divórcios. Em relação às práticas contraceptivas, Alfredo não vê diferenças entre as gerações, o que talvez possa ter acontecido, na opinião dele, foi o surgimento de métodos contraceptivos mais cômodos. Conclui, levantando outras diferenças intergeracionais que considera importante, como a evolução da ciência e da tecnologia e a liberdade maior para os filhos.

### *Família – 01 – Filho*

#### *Anderson*

Anderson é pai de Allan e é filho de Alfredo. Tem 51 anos, é formado em Engenharia Elétrica e pós-graduado em logística de produção integrada, na área de Engenharia Mecânica. Ele é empresário, tem uma empresa de reciclagem. É casado há 29 anos e tem dois filhos, uma mulher de 25 anos e um homem de 22 (Allan).

Ao significar filhos, Anderson aponta a alegria e a possibilidade de continuação da família, ou seja, ele entende filhos como aqueles que irão perpetuar a família, fazer com que ela permaneça. O fato de ter filhos para Anderson é um presente e é visto como fonte de satisfação e realização pessoal. É também uma oportunidade de amadurecimento dos familiares diretamente envolvidos com ele, ao mesmo tempo em que se mostra como algo desafiador, uma dificuldade a ser vencida. Anderson entende como vantagem de ter filhos a realização pessoal e nega a existência de qualquer desvantagem.

Para a família, a importância do filho é novamente apontada como a possibilidade de perpetuá-la. Os filhos se mostram como “*os frutos*”, ou seja, como uma consequência boa e lógica ao casamento e da família, “*e o fruto dessa família naturalmente é a prole, são os filhos*”.

Como família, Anderson entende um espaço de educação e formação do indivíduo, “*a família acho que é o sustentáculo do relacionamento de modo geral das pessoas*”. Para ele, a família mínima é composta por 3 gerações – avós, pais e filhos, o que se coaduna com sua vivência de família, que ele define como sendo composta por seus avós, filhos, genros, e outros. Ou seja, a concepção de família de Anderson parece ser voltada para a idéia de família extensa, apesar de morarem na mesma casa apenas ele, sua esposa e filhos. Anderson não reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos e constituir família, “*é meio difícil você imaginar uma família sem filhos*”, o que mostra que o filho, para este senhor, é peça fundamental para a constituição de uma família.

Ao falar sobre as responsabilidades domésticas, Anderson mostra certa divisão de tarefas, até mesmo porque ele e a esposa trabalham juntos na empresa que possuem.



Porém, a gerência das necessidades da casa é de responsabilidade da esposa. Os filhos estudam. Todos colaboram quando necessário, inclusive Anderson faz algumas tarefas domésticas, como alguns consertos e cuidados com a fazenda.

Ele diz ter sempre sua esposa caminhando com ele e parece considerar isto algo muito bom. Isto reflete no seu parecer sobre a vida conjugal que diz ser muito boa, harmônica e madura. Reconhece que existem diferenças nas tarefas masculinas e femininas na família, mas são apenas algumas e por questão de habilidade em saber fazer algo e não por hierarquia. Esta diferença também existe no cuidado com os filhos, pois Anderson os vê como mais próximos da mãe. Atribui essa ocorrência à sensibilidade feminina e ao fato de que a gestação proporciona uma maior aproximação entre mãe e filhos. Apesar disso, considera que a participação do pai é fundamental, *“Então certamente a mãe é mais ligada e mais presente com os filhos, mas a responsabilidade é dividida, aliás, eu acho que nem é dividida, ela é concentrada, a responsabilidade acaba, pode partir de cada um dos pais, (...) Eu e O. sempre tivemos o mesmo procedimento”*.

Anderson diz fazer uso de métodos contraceptivos. Começou este uso na sua juventude, por iniciativa própria e no casamento voltou a usar depois do segundo filho, pois o casal decidiu por não ter mais filhos. Os métodos utilizados são camisinha, tabela e pílula. A manutenção das condições exigidas pelos métodos contraceptivos é de responsabilidade do casal. Relata que seus filhos foram planejados e que acredita ter tido o número ideal de filhos. Considera importante o planejamento familiar, pois é necessária uma preparação por parte do casal para o recebimento de um filho.

Quanto às mudanças intergeracionais, Anderson vê diferenças na importância dada aos filhos. Na opinião dele, existem mais possibilidades dos filhos se distanciarem,

já que com as mudanças no mundo atual o controle e a proximidade destes filhos tornaram-se mais difíceis, o que faz com que a importância e o valor de cada filho aumentem. Maior aproximação e atenção para com os filhos são vivenciadas. Quanto à criação dos filhos, Anderson a percebe como um desafio, já que as condições atuais são difíceis. Os papéis de gênero também mudaram, pois as mulheres assumiram novas tarefas e estão sobrecarregadas “*hoje a mulher ta mais atarefada do que tava, (...) ainda acham que ela tem que ser super-mulher*”. Com a inserção no mercado de trabalho, a mulher passa a ser mais independente e a ter mais autonomia. Ela passa a ter mais liberdade de expressão. Em relação à contracepção, Anderson também vê mudanças. Para ele, na geração mais velha o uso de anticoncepcionais era apenas uma alternativa. Atualmente é uma necessidade, devido às características da vida atual. E conclui sua fala, dizendo que as oportunidades no mundo de hoje são maiores que nas gerações passadas, especialmente a de seus pais.

### ***Família – 01 – Neto***

#### ***Allan***

Allan é filho de Anderson e é neto de Alfredo. Ele é um jovem de 22 anos, que estuda Engenharia Mecânica e namora há 2 anos.

Ao ser solicitado a falar sobre o significado de filho para ele, Allan diz ser uma ocorrência natural da vida, um etapa que deve ser vivenciada, um passo a ser dado, ao mesmo tempo em que se mostra para os pais como uma oportunidade de crescimento pessoal, devido às responsabilidades. Ele imagina que ter filhos seja algo desafiador, uma dificuldade a ser vencida, mas também parece ser algo bom, algo concretamente

feito por você, o que traz satisfação. Resume apontando a dualidade do fato de ter filhos – um misto de dificuldades e alegrias. Considera que a importância dos filhos para a família está em perpetuá-la, fazer com que ela permaneça. Além disso, a presença do filho provoca o amadurecimento dos familiares diretamente envolvidos com ele. Como vantagem de ser ter filhos, Allan imagina que seja algo divertido e pensa na importância de ter seus filhos como companheiros. Como desvantagem, cita o fato de ter que “sair de si”, ou seja, ter atitudes e tomar decisões, pensando no outro em primeiro lugar.

Allan define família como “*porto seguro*”, como um espaço de convivência e de confiança. Para ele, a família mínima é composta por pai, mãe, filhos e pessoas próximas, como tios e avós. Imagina que sua família futura será formada por sua esposa, seus filhos e futuros cônjuges de seus filhos. Mas morarão na mesma casa ele, sua esposa e seus filhos apenas. Allan aceita a existência de família sem filhos. Acredita que um casal possa se considerar família.

Quanto às responsabilidades domésticas, ele diz que na família atual é prática todos dividirem as tarefas em um clima de amizade e acredita que também será assim em sua família futura, na qual todos irão colaborar, e os pais irão coordenar este processo, “*todo mundo responsável pela organização da casa, e ter uma figura paterna, materna pra coordenar, fazer isso, fazer aquilo, direcionando também com os filhos, organizando tudo direitinho*”. Allan afirma considerar que não existem diferenças entre as tarefas familiares para homem e para mulher, já que tanto homem quanto a mulher são seres humanos que devem estar em igualdade e possuírem os mesmos direitos e deveres. Porém, afirma que, nos cuidados com os filhos, os cuidados de pai e de mãe são diferentes em alguns pontos, porque a mulher é mais sensível e o homem mais racional, e apesar de ser necessária sempre a busca pelo equilíbrio, a mãe parece mais

próxima aos filhos: “*mãe vira mãe quando engravida, e o pai só vira pai quando vê o neném. Tem uma ligação muito grande com o filho, diferente do pai*”. Ele se refere de forma positiva a respeito da vida conjugal que pretende ter, ressaltando aspectos de honestidade, confiança e compreensão.

Em relação às práticas contraceptivas, Allan diz fazer usos de métodos anticoncepcionais, por prevenção de doenças e por contracepção. Atualmente, ele e sua namorada usam caminha e pílula e imagina que assim também será no futuro. Acredita que só pararia de usá-los quando quiser ter filhos, mas sempre haverá participação da mulher e do homem na decisão quanto à contracepção. Imagina que acontecerá o momento ideal para a chegada dos filhos. Gostaria de ter quatro filhos, mas reconhece as dificuldades disso. Relata que o planejamento familiar é necessário, porque é importante ter filhos quando tiver uma estrutura suficiente para que sua criação se dê da maneira considerada adequada.

Em relação às mudanças intergeracionais, Allan percebe que elas aconteceram. A primeira diz respeito à importância dos filhos na família. Ele considera que na geração mais antiga, os filhos eram tidos como força trabalhadora, pois ajudavam nas propriedades rurais auxiliando no provimento da família. Naquela época, a distância entre pais e filhos era maior, havia menos carinho, o que tem mudado. Esta mudança tem afetado também as práticas de criação dos filhos, pois as relações estão mais próximas. Quanto às tarefas familiares, Allan também vê mudanças. Na geração mais antiga, a mulher tinha mais o papel de cuidar da casa e dos filhos e o homem de trabalhar e prover as necessidades da casa, o que tem mudado devido à inserção no mercado de trabalho. Essa situação permitiu à mulher desenvolver mais independência e autonomia. Como a mulher passou a trabalhar fora, o homem também precisa assumir

uma maior participação na vida dos filhos. Em relação à contracepção, Allan destaca o uso crescente de contraceptivos. Pondera que na geração mais velha o uso de anticoncepcionais era muito restrito ou não existia. Entretanto na geração mais nova é prática comum entre os jovens o uso de anticoncepcionais. Essas mudanças são justificadas pelo acesso a informação e pelas mudanças no estilo de vida, como da ruralidade para a vida urbana. Allan termina discorrendo a respeito da distância entre o pai e os filhos na geração mais velha, o que mudou com as gerações.

### *Família – 02 – Avô*

#### *Bernardo*

Bernardo é pai de Breno e é avô de Bruno. Ele tem 79 anos e estudou até a quarta série primária. Trabalhou como ferroviário e atualmente está aposentado. Freqüenta a igreja Assembléia de Deus. É casado há 57 anos e tem seis filhos: uma mulher de 55 anos, um homem de 53 anos, uma mulher de 52 anos, um homem de 51 anos, outro homem de 48 anos e uma mulher de 41 anos.

Ao falar sobre o significado de filho define este como sinônimo de família, “*Filho é família*”. O sentido de ter filhos está ligado à realização e à satisfação pessoal. Ter filhos significa também a possibilidade de estes darem suporte aos pais e cuidarem deles, especialmente em momentos em que mais é necessário. Para a família, o filho é visto por Bernardo como alguém que deve seguir o direcionamento dos pais. Esta também é a vantagem de ter filhos citada por Bernardo. Como desvantagem ele fala apenas da possibilidade de um filho nascer doente.

Bernardo entende família como auto-afirmação “*quando você tá novo você pensa em querer uma família,(...) que é quando você começa se achar, por exemplo, um pai, então já acha que ele é um homem de confiança*”. Constituir família parece ser uma oportunidade de se auto-afirmar diante da sociedade. É também uma forma de sair da solidão e se unir a outras pessoas por um vínculo de amor. Como família mínima, Bernardo entende pai, mãe e filhos. Porém, ao falar de sua família, ele faz referência a seus filhos, noras e genros, voltando-se para sua descendência. Nem chega a citar sua esposa, que é a única que mora com ele e que, inclusive, estava presente no momento da entrevista. Reafirmando a importância que este senhor dá ao filho na família, Bernardo não reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos e constituir família, “*porque quando a moça e o rapaz, eles casa e eles não tem filho, eles não tem família*”.

Bernardo avalia sua vida conjugal como sendo boa, indicando tanto momentos felizes como de insatisfação. Ele relata que as responsabilidades domésticas sempre foram bem demarcadas em sua família – para a mulher, a responsabilidade era de cuidar da casa e dos filhos; e para o homem, a responsabilidade de trabalhar e prover as necessidades da casa, “*Essa é a mãe que cuidava, ela que tinha o cuidado, eu trabalhava*”. Ao mesmo tempo mostra dificuldade de reconhecer esta diferenciação dizendo que não há diferenças nas tarefas domésticas para homens e mulheres e nem mesmo no cuidado com os filhos, “*As vezes existe umas coisas que muda, mas acho que o dever do pai e a mãe com os filhos é igual*”. Apesar disso enfatiza que o papel do pai em relação do filho é o de aconselhamento, comportamento este não atribuído à mulher.

Com relação à contracepção, Bernardo afirma nunca ter feito uso, o que explica o número de filhos tidos e o pequeno espaço de tempo entre eles. Bernardo considera que teve a quantidade de filhos adequados, apesar de não terem sido planejados, apenas

desejados. Quanto ao planejamento familiar, pondera que *“Eu sinceramente, eu acho que eu sou contra de um lado e a favor de outro. Eu acho que tem muitas pessoas aí que eles têm filho de qualquer maneira, que fica jogando no mundo aí de qualquer maneira, e eu acho que isso aí deveria de evitar”*, o que dá a entender que o planejamento deve para que a pessoa tenha o número de filhos adequado a sua capacidade de suprir as necessidades deles.

Quanto às mudanças intergeracionais, Bernardo se mostrou confuso. Negou qualquer mudança nas várias esferas perguntadas, só reconheceu variações nas práticas de criação dos filhos, apontando o fato de que as mudanças na sociedade exigem cada vez mais formação escolar, o que gera alterações na forma de educar os filhos.

### ***Família – 02 – Filho***

#### ***Breno***

Breno é filho de Bernardo e é pai de Bruno. Tem 53 anos e possui ensino fundamental completo. Trabalhou como gerente na área de estradas por 24 anos e se aposentou. É casado há 31 anos. Tem três filhos, duas mulheres de 31 e 27 anos e um homem de 21 anos.

Breno percebe filho como uma realização do casamento *“O filho pra mim é uma complementação, né, de uma união”*. Mas filho também é sinônimo de responsabilidade, pois a todo o momento solicita cuidados. Entende também filho como um projeto realizado, algo que deve frutificar, que é desejado que dê certo, como a formação de uma nova vida autônoma. Pensa que para a família o filho é uma questão central, *“eu acho que é tudo”* e é também fonte de amadurecimento e crescimento para

os pais. Esta é uma vantagem de ter filho citada por Breno. Outras vantagens seriam a possibilidade de o filho dar prosseguimento àquela família e fornecer amparo na velhice e na enfermidade dos pais. Breno negou qualquer desvantagem ao fato de ter filhos.

Como família, Breno aponta a expressão de união, um conjunto de pessoas próximas. É o espaço de educação e formação do indivíduo e se mostra como refúgio e proteção. Família também é motivação, realização e, conforme suas palavras, é tudo: *“Então, eu acho que a família também é, é tudo na vida da gente”*. Este senhor entende que uma família começa no casamento e deve ser constituída por pai, mãe e filhos, que são também as pessoas a que ele se refere quando fala de sua própria família e que moram na mesma casa que ele. Apesar de ter ficado em dúvida inicialmente, Breno não reconhece a possibilidade da existência de família sem filhos.

Breno considera sua vida conjugal boa, ressaltando aspectos de afinidade entre o casal. Quanto às responsabilidades domésticas, traz uma vivência ainda tradicional da mãe cuidando da casa e dos filhos, do pai trabalhando e suprindo a casa e dos filhos estudando. A participação na vida dos filhos foi maior por parte de sua mulher devido ao fato dele trabalhar. Ele chega a mencionar alguma ajuda de sua parte nas atividades domésticas agora, quando aposentado. Apesar disso, deixa bem demarcado os espaços de ação femininos e masculinos, especialmente quanto aos filhos. Breno aponta uma maior proximidade da mãe com os filhos, devido à sensibilidade feminina e à gestação. Pensa que a tarefa do pai é mais o diálogo e o provimento, o que combina com a postura de seu pai: *“a tarefa do pai com os filhos, sabe, eu vou falar por mim, tá. O diálogo. Sempre gostei de sentar com meus filhos na mesa, conversar com eles (...) E nunca deixar faltar nada pra eles”*.



Breno diz já ter feito uso de contraceptivos, especialmente para organizar o nascimento dos filhos. Ele e sua esposa começaram usar pílula anticoncepcional depois do nascimento da primeira filha, que não foi planejada e ocorreu antes de se casarem. Os outros dois filhos foram planejados. A decisão pela contracepção foi do casal, mas a manutenção das condições exigidas pelo método contraceptivo era apenas de sua mulher. Breno considera que teve o número de filhos adequado e acredita na importância do planejamento familiar, pois para ter filho são necessários outros recursos pelo fato de que o bem-estar do filho é fonte de preocupação para os pais.

Em relação às mudanças intergeracionais, Breno indica variações na importância dada ao filho pela família. Segundo sua opinião passou-se da obrigação do trabalho à necessidade do estudo, pois antigamente os filhos deviam trabalhar cedo para ajudar a família. Isso mudou e os filhos passaram a ter a responsabilidade de estudar para a sua formação. Também aponta mudança em relação à obediência, dizendo que na época da geração mais velha a educação dos filhos era baseada no rigor e na imposição. Na geração intermediária, o filho tem direito a expressar suas vontades e opiniões, sem retaliações. Com relação à educação dos filhos, Breno indica que valores como o respeito e a adequação aos ambientes estão menos presentes, o que deixa os filhos mais atrevidos. Sobre os papéis de homens e mulheres na família, Breno diz que na geração mais velha, as mães estavam disponíveis dentro de casa para cuidar dos filhos, o que mudou com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Diz que com isso os filhos acabam sendo criados por estranhos. Isso aconteceu mais na última geração. Existem também, na opinião de Breno mudanças na forma de lidar com a fecundidade. Com o passar do tempo, as informações tornaram-se mais acessíveis, o que possibilitou às pessoas usar melhor os métodos contraceptivos, apesar da falta de informação ainda

existir. Conclui seu relato falando das mudanças que ocorreram da década de 70 em diante, como o planejamento familiar que começa a se fazer presente nas famílias tendo como consequência a diminuição do número de filhos. Ressalta também a independência feminina devido à inserção no mercado de trabalho.

### *Família – 02 – Neto*

#### *Bruno*

Bruno é filho de Breno e é neto de Bernardo. Tem 21 anos, é solteiro e faz faculdade de Administração de Empresas.

Bruno entende que filho é aquele que dará prosseguimento à família. Esta também é para Bruno a importância do filho para a família. Ao imaginar o fato de ter filhos, Bruno aponta a possibilidade de realização e satisfação pessoal. Acredita que filho é uma produção boa, “*ter alguém que saiu de você*”, e vê o filho como centro das atenções e formações da família. Como vantagens de ter filhos, aponta a possibilidade de formar alguém como você, ao mesmo tempo que é sentido e motivação para a vida. Como desvantagem, aponta a preocupação com os filhos convivendo no mundo atual com tantas dificuldades.

Para Bruno, família é “*tudo, é... a base de tudo*”. É o espaço de educação e formação do indivíduo. Também se mostra como apoio para as situações da vida: “*Se você tem uma família, realmente ela te dá apoio necessário, tudo que você quer fazer*”. Para ele, a família é composta por pai, mãe e filhos e imagina que a família que irá constituir também será assim e todos estes residirão na mesma casa. Bruno reconhece a

possibilidade de um casal não ter filhos, mas denomina essa família como incompleta, não ideal, *“Existir, existe, mas sempre vai faltar alguma coisa”*.

Relata que quanto às tarefas familiares em sua família atual, a responsabilidade dos cuidados com a casa é da mãe. A responsabilidade do pai é trabalhar suprir as necessidades materiais da família e é atribuição dos filhos é cuidar de suas responsabilidades pessoais e de suas necessidades básicas. Imaginando sua família futura, o jovem repete a estrutura da família atual, apesar de levantar a questão das divisões das tarefas familiares. Ele afirma considerar que existem diferenças entre as tarefas familiares para homem e para mulher: *“Pode ter... ainda ter, essas diferenças, porque apesar das coisas estarem mudando, mas ainda tem a coisa das mulheres mais para a cozinha, serviços da casa e o homem mais para serviços gerais”*. O jovem justifica isso com base na naturalização de papéis, já que as diferenças nas tarefas domésticas de homens e mulheres se dão, na opinião dele, devido à educação diferenciada para cada um deles. Porém, quanto aos cuidados com os filhos, Bruno entende não haver diferenças entre as tarefas de pai e mãe, *“Cuida, do mesmo jeito. Com o mesmo carinho”*. Ele imagina, assim, constituir uma boa relação conjugal, baseada no companheirismo, e se refere de forma positiva a respeito da vida de casado que pretende ter.

Bruno diz fazer uso de contraceptivos. Ele sua camisinha desde sua iniciação sexual, porque acredita ser o método mais confiável. Acredita que no futuro, quando casar, fará uso da contracepção durante um tempo até o momento em que desejar ter filhos. Espera que haja participação da mulher e do homem na decisão quanto à contracepção e quanto à manutenção das condições exigidas pelo método contraceptivo que será utilizado. Ele imagina ter dois filhos, pois acredita ser o número ideal, até

mesmo para os irmãos se fazerem companhia. Pensa que o planejamento é importante para a organização familiar, para evitar o inesperado, “*Tudo acho vai caminhando do seu jeito, você vai ditando o ritmo, você planejando as coisas vão ser do jeito que você quer, não uma coisa inesperada acontecer*”.

Entre as gerações, Bruno não vê diferença quanto à importância dada ao filho na família, mas aponta diferenças nas práticas de criação. Na época da geração mais velha, a violência era menor e o “ir e vir” era mais tranquilo. Com o aumento do perigo, os filhos ficam mais restritos. Ele também aponta mudanças nos papéis de homem e de mulher. Na geração mais antiga, a mulher tinha o papel de cuidar da casa e dos filhos e o homem de trabalhar e prover as necessidades da casa, o que vem mudando – homem e mulher trabalham fora. Quanto à forma de lidar com a fecundidade, o jovem acredita que na geração mais velha o conhecimento a respeito dos anticoncepcionais era muito restrito ou não existia. O acesso a informação vem aumentando e atualmente ele é bem facilitado. Conclui seu relato apontando outras mudanças, comparando a atualidade com a geração mais velha, na qual acesso ao trabalho era mais fácil, a segurança era maior – havia menos violência e o número de filhos era maior.

### ***Família – 03 – Avô***

#### ***Celso***

Celso é pai de Carlos e é avô de Cauã. Ele tem 81 anos e o ensino fundamental incompleto. É católico e trabalhava em plantações no meio rural. Foi casado por 33 anos e é viúvo há 26 anos. Tem 12 filhos: um homem de 58 anos; outro de 57 anos; uma mulher de 55 anos; outro homem de 53 anos; um de 51 anos; uma mulher de 49 anos; 2

gêmeos de 47 anos; uma mulher de 44 anos; outra de 42 anos; um homem de 40 anos; e uma mulher de 39 anos.

Ao falar sobre filho, Celso aponta seu significado como amparo e suporte aos pais. Filho é alguém para cuidar deles, especialmente em momentos em que mais é necessário. Ter filho para este senhor significa dar continuidade à família, ou seja, os filhos são aqueles que irão perpetuar a família, fazer com que ela permaneça. Para a família, a importância dos filhos está em seguir o direcionamento dos pais. Como vantagem do fato de ter filhos, Celso aponta o filho como um investimento, pois trazia retorno financeiro, *“Era vantagem ter filhos, na época sim, (...) eu tinha que ter 8 filhos, porque tendo 8 filhos, uns fazia força pra ter 8 filhos, porque ganhava o auxílio do governo”*. Uma possível desvantagem seria se o filho nascesse doente.

O esquema rural vivenciado pela família de Celso parece ter trazido características interessantes, que podem se somar às características de sua geração. A própria forma de enxergar o filho e sua utilidade financeira - não só pelo auxílio do governo, mas pelo próprio fato dos filhos ajudarem na lavoura, assim como o total desconhecimento de métodos contraceptivos, chamam a atenção neste sentido.

Por família, Celso entende o sair da solidão e se unir a outras pessoas por um vínculo de amor, a partir de uma união entre homem e mulher, *“Família é uma resposta bem dada, a gente abandonar o só e se unir em outra, uma mulher, formar uma família. Aí existe o amor um ao outro”*. Para ele, a família é composta por pai, mãe e filhos, mas também pela descendência, como os netos. Como sua família atual, ele aponta seus filhos, apesar de morar na mesma casa, ele, um filho, a esposa deste e um neto. Celso não reconhece a possibilidade de um casal sem filhos ser definido como família, *“Tendo o homem e a mulher não, tem que ter a fecundação, igual a plantar, cavar o chão, uma*

*boa planta, depositar aquela plantinha e daí sai, nasce o milho, o feijão ou o ser humano”.*

A relação conjugal de Celso foi definida por ele como boa, trazendo aspectos de união e cumplicidade. Como responsabilidades domésticas, ele relata que a da mãe era cuidar da casa e dos filhos. A do pai era trabalhar e prover as necessidades da casa. Em sua casa atual é a esposa de seu filho que toma conta das atividades domésticas, *“é ela mesma. O problema é dela”*, o que está de acordo com o que este senhor reconhecia na época de sua esposa como trabalho feminino – o trabalho doméstico.

Apesar de o participante relatar que não existem diferenças nas tarefas de homem e mulher na família, seu discurso está carregado de exemplos destas diferenças, mesmo que não reconhecidas, *“hoje na cidade, é necessário a mulher trabalhar e o homem trabalhar, porque na cidade, e na roça também é assim. Lá em casa era assim, a mulher fazia o almoço, levava pra mim, ficava lá até 3 horas da tarde e vinha embora pra fazer a janta, cuidar da casa”*. Quanto aos cuidados com os filhos, isso também acontece. Ele diz não haver diferenças nas práticas de criação, mas seu discurso revela pontos de distinção, *“a diferença não tem, porque quando a mulher, a mãe ia dar banho nos filhos que não queria falava, chamava o pai, né, o pai mandava ir se não arrancava a orelha, tem que ir o pai cuidava...”*.

Com relação à contracepção, Celso diz não ter usado, pois nem ele, nem seus vizinhos tinham conhecimento de práticas como estas: *“Não conhecia. É por isso que tem muitos filhos, né (risos)”*. Em relação ao número de filhos, Celso se abstém de qualquer parecer, pois considera que a quantidade de filhos não é questão a ser pensada por ele e sim pela vontade divina. Ele acredita que, para a atualidade, o planejamento

familiar deva existir para que a pessoa tenha o número de filhos adequado a sua capacidade de suprir as necessidades deles.

Quanto às mudanças intergeracionais, Celso não vê diferenças na importância dada aos filhos, mas reconhece que as práticas de criação mudaram, especialmente pelo fato de os pais estarem trabalhando, o que faz com que os filhos sejam criados por pessoas estranhas. Apesar de se confundir quanto às tarefas de homem e de mulher, Celso chega a ver algumas diferenças, não quanto ao trabalho feminino, porque ele diz que mulher sempre trabalhou, mas quanto a prática dos homens mais novos de ajudarem na casa. Em relação à contracepção, relata que com o passar do tempo e com as mudanças sociais, os anticoncepcionais passaram a ser recurso importante no planejamento familiar.

### *Família – 03 – Filho*

#### *Carlos*

Carlos é filho de Celso e é pai de Cauã. Tem 46 anos e estudou o segundo grau técnico em Contabilidade. É da igreja Assembléia de Deus e trabalha em uma concessionária há 20 anos, como encarregado de financiamento. Foi casado por 14 anos e é divorciado há mais ou menos 12 anos. Ele tem dois filhos deste casamento, um de 22 anos e outro de 20 anos.

Carlos define filho como aquele que irá perpetuar a família, fazer com ela permaneça. Para ele, os filhos são os frutos, o que pode ser entendido como uma consequência boa e lógica para o casamento e a família, “*Tem que ter árvore e os frutos, no caso, só raiz, não, os frutos, né. Tem o passado, tem o presente, tem o futuro. Então,*

*aí, pra constituir uma família, é isso aí, tem que ter os frutos*”. Ter filho para este senhor é uma realização, uma satisfação pessoal, *“Eu achava que eu era estéril, aquela coisa toda, acho que coisa de cabeça. E de repente, eu casei em uma situação um pouco, meio complicada e tive filho. Isso aí aumentou meu ego. Saber que eu tive filho*”. O fato de ter filho parecer ser para Carlos uma oportunidade de afirmação de virilidade. Além disso, a importância do filho para a família é ser alguém que complementa o matrimônio e dá seqüência à vida. Esta é também a vantagem de ter filhos apontada por Carlos. Ele nega qualquer desvantagem.

Ao definir família, Carlos a entende como espaço de educação e formação do indivíduo, um núcleo de desenvolvimento. Também é a expressão de união entre pessoas próximas, um conjunto, um todo, *“Família, eu penso num todo*”. Para ele, uma família deve ser composta por pai, mãe e filhos, mas também pela descendência, como os netos. Relata primeiramente que sua família é seu pai, cunhados, filhos, depois acaba fechando no pai e nos filhos, apesar de morar apenas com um filho e um sobrinho. Carlos não reconhece a possibilidade de um casal sem filhos constituir uma família, *“Complicado! Eu acredito que família... (pausa). Eu vou falar pra você que não (...) só o casal, eu creio que não constitui família*”.

Carlos considera sua vida conjugal como insatisfatória o que o levou à separação. Quanto às responsabilidades domésticas, ele fala da época em que era casado. Diz que tanto ele como sua esposa trabalhavam e ao chegarem em casa ajudavam nas atividades domésticas. Acha que existiam poucas diferenças, como a mulher dominar mais as atividades de cozinha e as finanças do que ele. Atualmente, o papel de gerenciar a casa e suas necessidades é de Carlos, já que a participação dos jovens que moram com ele é pequena. Afirma considerar que não existem diferenças



entre as tarefas familiares para homem e para mulher, porque os dois são capazes de desempenhar todas as tarefas necessárias. Porém nos cuidados com os filhos, diz que as responsabilidades de pai e mãe, em geral, acabam sendo diferentes. Ressalta que no caso dele sempre existiu empenho em também participar da vida dos filhos, *“a mãe, ela tem mais cuidados, né. Mas com relação a gente, no caso, não tinha porque eu sempre gostei de criança, então eu cuidava, da mesma forma que ela cuidava”*.

Com relação à contracepção, Carlos diz que durante o casamento a mulher fazia uso de contraceptivos por opção dela, pois ele desejava filhos. Ela usava pílula e depois do segundo filho com Carlos - pois ela já tinha outro filho - ela fez ligadura. O casal não conversava sobre a contracepção e a manutenção do método era toda por conta da mulher. Apesar do uso de anticoncepcionais, Carlos diz que seus filhos não foram planejados, e sim desejados, pelo menos por parte dele. Ele gostaria de ter tido mais filhos porque gosta de criança, mas isso não foi possível, pois não era do desejo na esposa. Para ele, o planejamento familiar é importante, mas deve vir já embutido no casamento, pois a partir dele, os filhos devem ser sempre bem vindos, *“Então, eu acho que não é necessário planejar ter filhos. Eu acho que, que, que você usar um, um, um meio pra evitar filho, eu já não concordo. No fundo, no fundo, eu já não concordo. Então. O filho é uma benção de Deus, uma coisa divina e eu acho que, a partir do momento que você casou, você tem que estar com essa disposição de aguardar que a qualquer momento pode vir um filho”*.

Quanto às mudanças intergeracionais, Carlos vê diferenças na importância dada aos filhos nas diferentes épocas. Neste momento, ele faz referência ao tipo de educação dada aos filhos. Acredita que a educação passou do rigor à liberalidade. Afirma que antigamente a educação era mais rigorosa e que com o passar das gerações, a criação foi

ficando mais frouxa e a liberdade aumentando. Também se refere a mudanças na função do filho na família. Segundo Carlos, na geração mais velha os filhos eram criados para trabalhar e ajudar em casa e atualmente, este propósito não existe. Quanto às práticas de criação dos filhos, aponta mudanças que vão de práticas punitivas ao diálogo. Na geração mais velha, a agressividade e as punições eram as formas de correção utilizadas. Atualmente o diálogo é o mais usado. Com relação aos papéis de gênero, a mudança vista por Carlos é que na geração mais velha, a mulher tinha o papel de cuidar da casa e dos filhos e o homem de trabalhar e prover as necessidades da casa. O homem nem se aproximava dos serviços domésticos, fato que vem mudando ao ponto de os homens participarem normalmente destas atividades. Na contracepção, ele observa um uso crescente de variados métodos. Na geração mais velha, o uso de anticoncepcionais era muito restrito, pois a moralidade restringia o acesso a eles. E na geração mais nova é comum o uso de anticoncepcionais. Ele também ressalta a contracepção como uma importante ferramenta de apoio ao planejamento familiar. Carlos conclui falando que lhe chama à atenção a liberdade acentuada que acredita terem os jovens da atualidade, coisa que não se via de maneira tão enfática nas gerações anteriores.

### ***Família – 03 – Neto***

#### ***Cauã***

Cauã é filho de Carlos e é neto de Celso. Tem 22 anos e é formado em Administração. É auxiliar financeiro há 2 anos na mesma concessionária em que o pai trabalha. É solteiro e não tem filhos.

Ao imaginar o significado de filho, Cauã fala que filho parece ser alguém que requer atenção. É também uma extensão de si, “*uma parte de mim. Uma extensão de mim*”. Para ele, filho é sinônimo de responsabilidade, pois o desafio de formar uma pessoa é grande. A importância do filho para a família é de ser mediador, é como uma pessoa que vai proporcionar novas reflexões, posicionamentos e negociações entre os pais. Além disso, é a inserção de uma nova vida na família, o que promove mudanças, novas formas de ver as coisas. É também uma forma de perceber que outra pessoa foi formada a partir de si, com características que refletem sua pessoa. Esta seria uma vantagem de ter filhos, na opinião de Cauã. A outra seria de configurar a formação de uma família. Vê como desvantagem situações em que os pais não possam atender às demandas dos filhos, mas isso, se não houver planejamento.

Cauã afirma que família é o espaço de educação e de formação do indivíduo. Também se mostra como apoio. Indica que família deve ser composta por pai, mãe e filhos e acredita que sua família futura assim será e todos morarão na mesma casa. Atualmente, ele tem como sua família seu pai e seu irmão e diz morar sozinho, por causa dos problemas de saúde do pai. Cauã reconhece a possibilidade de um casal não ter filhos, mas denomina essa família como incompleta, não ideal ou mostra estratégias para driblar esta situação, como a adoção.

Quanto às responsabilidades familiares, o jovem acredita que na família que constituirá todas serão divididas, inclusive as finanças, apesar de enfatizar em alguns momentos a necessidade de tomada de decisão, o que seria um papel masculino, “*tudo vai ser na base da conversa né, que será respeitada a opinião de todos, mas que na hora de tomar uma posição, acredito que o homem na relação, ele tem que ter essa postura*”. Ele afirma considerar que existem diferenças entre as tarefas familiares para

homem e para mulher. Em sua opinião elas não deveriam existir, pois acredita que é necessário haver equilíbrio entre as atividades desempenhadas por homens e mulheres. Pensa o mesmo em relação às atividades de pai e de mãe nos cuidados com os filhos. Para ele, excetuando a amamentação que é própria da mulher, não deveria haver diferença. Cauã tem expectativas positivas a respeito da vida conjugal que pretende ter, e está disposto a concretizá-las.

Cauã diz fazer uso de contraceptivos, desde sua iniciação sexual, por precaução, para o sexo não ter conseqüências desagradáveis. Atualmente, usa camisinha e pílulas do dia seguinte. No futuro, imagina usar a camisinha, a pílula anticoncepcional e injeções de anticoncepcionais. Acredita que só irá parar de usá-los quando quiser ter filhos. Entende que a decisão pela contracepção e a responsabilidade com a manutenção do método devam ser do casal. Considera importante o planejamento familiar para se ter filhos quando houver estrutura suficiente para que sua criação se dê da maneira considerada adequada. Deseja ter dois filhos e imagina que eles serão planejados.

Cauã aponta que ocorreram mudanças intergeracionais na importância do filho na família, no número de filhos e na atenção dada a cada um. Na geração mais velha era comum a presença de mais filhos, o que foi diminuindo com o tempo. E antigamente, a atenção para com cada filho era menor que a existente nas gerações mais novas. Na forma de criar os filhos, a mudança se deu por causa do maior carinho nos cuidados com os filhos nas gerações mais novas. Quanto aos papéis de gênero, considera que na geração mais antiga, a mulher tinha o papel de cuidar da casa e dos filhos e o homem de trabalhar e prover as necessidades da casa. Isto mudou, o homem ficou menos autoritário, a mulher deixou de estar presa a casa e submissa a ele. Sobre contracepção, Cauã aponta que seu uso foi crescendo com o passar do tempo. Na geração mais velha,

o uso de anticoncepcionais era muito restrito ou não existia. Na geração intermediária era mais utilizado e na geração mais nova é prática comum.

#### **4) DISCUSSÃO**

Atendendo a proposta de um estudo intergeracional apresentada inicialmente, optou-se por apresentar a discussão dos dados também em um encadeamento geracional, pois se acredita que assim ganharão maior visibilidade as vivências e significações das gerações do século XX aqui estudadas de acordo com a ordem cronológica e histórica dos fatos.

##### ***4.1) Geração mais velha: Avós e Avôs***

A geração aqui estudada é a que nasceu nas décadas de 20 e 30 do século XX. Neste início de século com relação à vivência da fecundidade, pode-se falar que a sociedade brasileira se mostrava disposta quanto aos seus ideais e suas práticas a incentivar o nascimento de muitos filhos por família. A procriação era favorecida pela própria estruturação da família e pelas práticas sexuais, religiosas e sociais vigentes na época, especialmente nas classes média e alta (Souza, 1995).

Ter muitos filhos parecia indicar o status de uma família que contribuía com a sociedade e exibia atributos importantes, como um matrimônio adequado, a virilidade do marido, a feminilidade da esposa e boa criação dos filhos (Hutchinson, 1959; Woortmann, 1987; Borges, 1986 citados por Souza, 1995). Esta estrutura familiar favorecia o surgimento e manutenção de redes de apoio mútuo, baseada em estratégias de solidariedade que se estendiam para além do núcleo familiar, o que dava suporte direto às práticas de criação de filhos (Souza, 1995). Além disso, não se pode negar que, em muitos casos, os filhos eram tratados como recursos importantes para a

sobrevivência da família, já que o trabalho infantil era aceito (Saraceno e Naldini, 2003). Tudo isso favorecia as altas taxas de fecundidade nesta época.

O casamento e a procriação em fins do século XIX e início do século XX também foram favorecidos por aspectos como o maior acesso a medicalização e a escolarização e a mulher começou a desempenhar novos papéis. Um deles era de cuidar da higiene e da saúde dos filhos, metas estas que naquela época começaram a ganhar destaque via discurso da medicina. Estas concepções ganharam força com a instalação de redes de serviço público de saúde (Souza, 1995) e políticas de proteção à família do Governo Federal, como auxílio natalidade, salário-família, licença-gestante e previdência social. A igreja Católica também se mostrava favorável a esta constituição familiar, em que a procriação dentro do casamento devia ser farta, a mãe cuidava da saúde e da formação dos filhos e o pai se colocava como provedor material (Souza, 1995).

Todo este contexto colocou a família como espaço de higienização e produção de saúde, mas ao mesmo tempo, partindo de um modelo tradicional, teve a função indicá-la como socialmente adequada, apresentando ao público externo todo o seu potencial procriador, que revelava um pai viril e uma mãe fecunda, capazes de produzir, cuidar e manter sua prole. Esta adequação social, de acordo com Bilac (1995) parecia ser uma característica própria da classe média, que se percebeu exigida constantemente em responder de forma adequada às exigências dos modelos sociais.

Os dados coletados de participantes desta geração confirmam em muitos aspectos estas características históricas da família do início do século XX.

Todos se casaram e constituíram família, confirmando a importância e a vigência do matrimônio neste início de século, pois era uma época em que o casamento

baseado no amor e na liberdade de escolha caminhava pareadamente com o modelo de família nuclear predominante (Rocha-Coutinho, 1994), que, de acordo com Coelho e Diniz (2005), expunha características como valorização da maternidade, uma maior liberdade em alguns costumes, uma forma diferente de pensar o amor e conjugalidade e o cuidado com os filhos.

A escolaridade dos participantes em geral foi baixa, sendo que apenas duas pessoas concluíram o segundo grau - todas as outras possuem ensino fundamental incompleto. Mas importa ressaltar que estas duas pessoas que chegaram a concluir o segundo grau refletem uma realidade diferenciada que já começava a adentrar a sociedade brasileira a partir dos anos 20 ou 25 do século XX: a expansão das redes de escolarização, apoiada pela Igreja, o que viabilizou uma melhora no padrão educacional dos cidadãos e, especialmente, das mulheres (Souza, 1995).

O número de filhos por família nesta geração variou entre 3 e 12 filhos. É importante ressaltar que houve uma diferença considerável quanto ao número de filhos entre as famílias aqui representadas por homens e por mulheres<sup>1</sup>. Nas famílias masculinas este número variou entre 6 e 12 filhos, enquanto que nas femininas, o número que se repetiu nas três situações foi de 3 filhos por família. Apesar de ser uma informação curiosa, acredita-se que isto tenha ocorrido devido ao tamanho reduzido da amostra de conveniência, o que possibilitou a coincidência de famílias – as representadas pelas mulheres - com o mesmo número de filhos.

---

<sup>1</sup> É importante lembrar que as famílias aqui denominadas masculinas e femininas são chamadas desta forma apenas por uma organização dos dados, o que não significa que elas representem apenas integrantes de um só gênero. Sendo assim, não cabe aqui uma discussão sobre gênero em relação à variação do número de filhos nas famílias, já que estas famílias são constituídas por pessoas de ambos os sexos.



O fato de esta geração ter atingido um número alto de filhos se coaduna com as concepções de família, de adequação social, que perpassavam a classe média naquela época e que conduziam e davam suporte a uma alta taxa de fecundidade, como pôde se constatar nos índices do IBGE (2000), que apontam as famílias com mais de seis filhos sendo em parte considerável as de genitores que nasceram mais no início do século XX.

Todas as participantes foram donas-de-casa e passaram suas vidas cuidando dos filhos e da casa, enquanto que todos os homens trabalhavam fora e eram os provedores das famílias, assim como a história mostra ter se comportado a maioria das famílias de classe média desta época. Isto se mostra coerente com a concepção de família e com a distribuição de papéis familiares da época, como explica Rocha-Coutinho (1994) em estudo sobre as mudanças sentimentais e familiares da época moderna, ao falar sobre a mulher-mãe, a qual ganha importância na família nuclear ao suplementar a família feudal:

Ela passa a ser a principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo e é importante intermediária entre o pai – cada vez mais ausente em seu trabalho fora de casa – e os filhos e entre a família e dois novos elementos que surgem, o médico – presença cada vez mais forte nessa sociedade que começa a se preocupar com a saúde – e a escola – que veio substituir a transmissão dos conhecimentos através da aprendizagem direta de uma geração a outra por um novo tipo de educação, baseada num regime disciplinar cada vez mais rigoroso.  
(p.29)

Tal contexto reforçou como família o núcleo pai, mãe e filhos e estabeleceu a vivência da intimidade fortalecedora dos vínculos afetivos. Naquele momento, a criança

começou a ganhar importância e foi enxergada como produto desta família. Sua formação passou a ter relevância e muitos esforços foram feitos para que os filhos fossem bem cuidados e formados (Rocha-Coutinho, 1994), ou seja, a criança, como resultado de uma família, de um casamento, passou a ser alvo de formação e dos investimentos dos pais – o pai, o investimento financeiro, a mãe, o investimento afetivo e de cuidados essenciais - dos direcionamentos da medicina e da educação escolar. Tudo isto ajudou a definir o filho como centro da família, o que é confirmado por Bilac (1995) ao relatar que a estabilidade da família parece estar no bom desempenho dos pais de satisfazer as necessidades de seus filhos e socializá-los.

Investigando o significado de *filho* para os participantes desta geração, encontrou-se uma variedade de definições. São elas: filho como *recompensa* e *complemento da relação matrimonial*, como *prioridade*, como *sinônimo de família*, como *amparo e suporte aos pais*, como pode ser notado no relato

**“pra saber que quando você chegar na velhice, já não puder mais se locomover, não tiver mais condições de fazer aquilo que você tem que fazer, você tem os filhos pra poder tá acompanhando você na hora que você não pode ir”** (Bernardo).

É também *companheiro* e *fonte de realização*. O fato de ter filhos para estas pessoas significa *alegria e fortalecimento da constituição familiar; continuidade à família; satisfação e realização pessoal; e um dom de Deus*. A importância do filho para a família está mais uma vez na possibilidade de dar *continuidade à família; seguir o direcionamento dos pais; ser elo entre o casal; e se constituir como algo essencial a vivência familiar*.

Estes dados mostraram qual é o papel do filho para as pessoas do início do século XX. As significações de filho, com as de ter filhos e a importância deles para a família parecem se entrelaçar. O filho entendido como *prioridade* e como *algo essencial à vivência familiar* confirma o que a literatura aponta ao defini-lo como centro das atenções da família. A definição de filho parece tão interligada com a experiência familiar, que filho chega a ser tido como *sinônimo de família* e fonte de *alegria e fortalecimento da constituição familiar*. No plano religioso, esta essencialidade do filho é confirmada partir do momento que é enxergado como uma importante graça para a família, um *dom de Deus*.

Também ganha destaque o entendimento de filho como fonte *de realização pessoal, realização/complemento da relação matrimonial, suporte aos pais e possibilidade de continuidade à família*. Algumas destas significações estão bem representadas no discurso de Berenice

**“é uma realização né, dentro do matrimônio e dentro da minha vida (...), porque eu acho que toda mulher, não sei, o meu desejo sempre foi casar e ter filhos (...) essa realização para mim foi um complemento, como eu falei do casamento, uma seqüência de vida”.**

O filho compreendido como fonte de realização pessoal é um dado muito pertinente, pois parece ser a concretização de algo inerente à vida, ao ser humano. Para estas pessoas, ter um filho parece ser algo desejado, sonhado e para o qual o ser humano caminha, ao ponto de só se sentir completo no momento em que realiza esta etapa da vida. Especialmente para as mulheres desta geração, isso parece ser ainda mais explícito, pois era uma época em que uma de suas funções primordiais era a reprodução, a capacidade de ser mãe e de criar sua prole. Uma mulher completa seria aquela capaz

de gerar filhos, ou seja, parecia que a mulher devia ser mãe antes de tudo (Dias e Lopes, 2003). De acordo com Coutinho (2008) em seu estudo intergeracional com 20 mulheres capixabas (10 mães e 10 filhas) no qual foram identificadas práticas cotidianas e representações sociais que orientam as mulheres na família, naquela época, a maternidade era ressaltada pelo discurso médico, religioso e político e se constituía como o cerne da identidade feminina – o que ainda parece persistir - e posição social da mulher. Assim, a mulher que era infértil era prontamente estigmatizada e tida como culpada de algo que ameaça sua condição de boa mulher. Ter filhos e exercer a maternidade se mostrava elemento forte na constituição do ser mulher, o que justifica o entendimento de filho por parte das pessoas desta geração, especialmente das mulheres, como realização pessoal.

A significação do filho além de representar realização pessoal, também permitia a *realização matrimonial*, como diz Berenice

**“os filhos são a realização do casamento (...) é um complemento né, as suas realizações”**

Isto também se confirma na concepção de filho como *elo entre o casal*. O filho parece, então, ser algo que concretiza a vivência do matrimônio e que o plenifica, o que está de acordo com a idéia de filho como produto da unidade familiar nesta época, trazida por Rocha-Coutinho (1994). Assim, o filho também é entendido como possibilidade de *continuidade da família* e de *seguir o direcionamento dos pais*, pois sendo aquele novo que nasceu do seio de um matrimônio, para complementar uma família, permitirá que esta família seja perpetuada.

Destaca-se, entre os dados desta geração, como conteúdo diferencial a significação de filho como *suporte aos pais*. Explicando esta significação, entende-se

aqui filho como alguém que cuidará dos pais no fim da vida destes – o filho que foi cuidado em sua infância deve passar a ser cuidador dos pais na época em que suas habilidades e destrezas, principalmente físicas, já estiverem limitadas. É curioso perceber que esta significação de filho aparece exatamente no discurso de pessoas que já estão na terceira idade e vivenciam a necessidade deste apoio, deste cuidado. Parece existir aqui uma representação de filho com base na experiência vivenciada por estes pais idosos – uma vivência que já passa por limitações físicas, as quais provocam a necessidade do suporte de outras pessoas. O filho, então, é solicitado a assumir este papel de quem cuida dos pais, pois alguns cuidados requerem um nível de intimidade que somente pessoas próximas teriam como se percebe na fala

**“A importância do filho é ser companheiro no final da vida? É (...) porque amanhã adoce, você teria que pedir, pedir a estranhos” (Ana).**

Além disso, os pais desta geração mais velha parecem entender que os filhos têm para com eles uma espécie de dívida pelo fato de terem sido cuidados durante parte considerável de suas vidas por seus pais. Na concepção das pessoas desta geração, a consequência lógica seria a retribuição deste cuidado, até porque um investimento de vida, de tempo, de cuidado, de dinheiro foi feito no filho para que este desse aos pais o retorno, o cuidado esperado.

As vantagens apontadas por esta geração para o fato de se ter filhos em alguns momentos estão bem entrelaçadas com a própria importância ou papel do filho, o que mostra que essencialmente, filho é algo vantajoso. São elas: o filho como complemento da relação matrimonial, como *possibilidade de continuidade da família e de criar pessoas boas e íntegras*, como *alguém que vai seguir o direcionamento dos pais* e como um *investimento*. Esta última vantagem chama atenção porque aparece apenas nesta

geração e mostra como ter filho no início do século XX podia ser financeiramente útil, o que pode ser verificado no discurso de Celso

**“eu tinha que ter 8 filhos, porque tendo 8 filhos, (...) ganhava o auxílio do governo”.**

Porém, esta utilidade do filho não fica apenas no âmbito financeiro, mas também no já citado suporte aos pais<sup>2</sup>.

As desvantagens de ter filhos em alguns momentos são negadas e, em outros, apresentadas de maneira dispersa. Estas são: *a possibilidade de um filho nascer doente*, o que, além de trazer impactos e dificuldades para o cuidado dele, impediria que este filho desse o retorno desejado pelos pais; *a dificuldade econômica para a criação dos filhos*; *a possibilidade de os filhos também se constituírem pessoas más*, o que traria desgosto aos pais; e *a preocupação que eles geram*.

A concepção de família para esta geração volta-se especialmente para a idéia de conjunto de pessoas unidas que participam das mesmas coisas. Seria a união de pessoas, de irmãos, de filhos. Esta afetividade e união de pessoas íntimas concordam com a explicação de família desta época trazida por Rocha-Coutinho (1994) como núcleo familiar envolvido por suas intimidades e afetividades. Esta união se dá com base em um vínculo de amor, que livra a pessoa da solidão, como também apontam Saraceno e Naldini (2003) ao discorrerem sobre a lei subjacente a família que determina o amor aos próprios parentes e afetividade como elemento de legitimação da família. É uma

---

<sup>2</sup> A significação de filho como investimento, apesar de aparecer neste estudo nos dados da geração do início do século XX, é muito mais enfática na geração mais velha analisada no estudo preliminar com classe popular, o que aponta como uma das funções principais dos filhos de classe popular o trazer retorno financeiro à família.

afetividade que inicialmente parece disposta a superar as diferenças entre os membros da família, como diz Berenice:

**“família é o todo (...) você tá sempre participando das mesmas coisas, mesmo com alguns desentendimentos”.**

Família também é *espaço de formação*, no qual as pessoas seriam instruídas e moldadas socialmente.

É importante ressaltar que para os homens constituir família é uma forma de se auto-afirmar na sociedade, é quando se constitui família que se passa a ser um “*homem de confiança*”, como relata Bernardo

**“quando você tá novo você pensa em querer uma família, (...) que é quando você começa se achar, por exemplo, um pai, então já acha que ele é um homem de confiança”.**

Constituir família, então, era uma forma de os homens desta geração adquirirem respeito e credibilidade social, pois a constituição de uma família expressaria publicamente o assumir responsabilidades aprovadas pela sociedade, o que lhes daria status de pessoa de respeito, de confiança.

Parece existir um modelo de masculinidade revestido de naturalidade, o qual determina uma vivência assimétrica das relações sexuais e sociais. Este modelo se mostra carregado de estereótipos que determinam o ser homem a partir de características como autonomia, autocontrole, agressividade, força, ligação com instrumentos de poder (armas, carros, etc.), capacidade de controle sobre recursos e busca pela manutenção desse controle. No caso dos homens latinos, outra questão se mostra como determinante da masculinidade: os valores de honra e vergonha (Cechetto,

2004). A honra parece engrandecer a dignidade do homem tida como um importante atributo masculino, enquanto a vergonha o desmoraliza. Sendo assim, ter família e ser um homem de confiança - o que pode ser aqui entendido como um homem de honra – declara a nítida importância que a família tem na colocação social do homem desta época, o que reafirma sua masculinidade.

A maioria dos participantes indica como família exatamente o núcleo pai, mãe e filhos, porém um homem e uma mulher citam outras pessoas como integrantes da família, como se vê no relato de Cátia

**“Família, acho que é o conjunto do pai, mãe, filhos... netos... bisnetos, genro, sogra, nora, eu acho que isso tudo é família”.**

Ao falarem sobre suas famílias, quase todos dizem que elas são compostas imediatamente pelos filhos e posteriormente por noras e genros, ou seja, sua descendência e suas relações. Apenas uma se refere a irmãos, tios, primos, dentre outros. Diniz e Coelho (2005) relatam a forte ligação que a família nuclear possui com a família extensa, muitas vezes, se configurando como rede de apoio. Isto pode ajudar a esclarecer a não colocação da delimitação entre família nuclear e família extensa por alguns participantes, pois para alguns deles, estas famílias parecem se misturar. Percebe-se, assim que o vínculo entre as pessoas parece ser o critério definidor de família.

Este dado também indica não ser a moradia o critério principal para a existência de família e, sim, o vínculo entre as pessoas, o que também se coaduna com a concepção de que “a idéia de grupo familiar extrapola as fronteiras da casa em todos os grupos sociais”, trazida por Diniz e Coelho (2005). Apesar disso, Guedes e Lima



(2006), ao estudarem a família em um bairro de trabalhadores, dizem ser a casa um local próprio da família, no qual uma socialização fundamental acontece. Esta contradição parece desfeita quando se entende estas colocações pelo prisma de que a vivência no espaço restrito da casa é importante, mas não é o que delimita e separa necessariamente a família, no caso dos participantes em questão.

Parece que a forma de enxergar sua própria família muda de acordo com o estágio de vida da pessoa. A senhora Ana, por exemplo, é muito enfática ao delimitar família como pai, mãe e filhos e considerar o restante como parentes, o que se pode notar no relato dela

**“O pai, a mãe, os filhos, só. Bom, pra mim, só. Porque o resto é resto, pra mim. Que parentes, já viu, são os dentes (risos). Tem horas que estão se mordendo”.**

Porém esta mesma senhora, ao definir sua família atual diz ser seus filhos

**“É meus filhos, né. Eu, agora fiquei eu sozinha, né, perdi o marido”.**

Ou seja, para esta senhora, a visão de família formada por apenas pai, mãe e filhos foi válida enquanto ela estava inserida neste esquema. A partir do momento em que este núcleo do qual ela fazia parte é desfeito, especialmente pela morte do marido, ela passa a considerar seus filhos como sua família, mesmo que eles já tenham constituído famílias próprias. Em relação aos núcleos familiares de seus filhos e a concepção que ela levantou de família, o posicionamento desta senhora deveria ser o de mãe, sogra e avó, ou seja, uma parenta, de acordo com a definição que ela mesma traz. Porém, parece haver uma tendência de negação desta situação, o que a leva a se

enxergar como família, mesmo destoando de sua concepção inicial quanto à constituição familiar.

O papel do filho na família parece ser norteador da constituição familiar, principalmente para os homens. Dois deles não concebem a idéia de uma família sem filhos, a não ser que seja por fatalidade:

**“porque quando a moça e o rapaz eles casa e eles não tem filho, eles não têm família” (Bernardo).**

Um deles denomina a família sem filhos como incompleta. Parece que concepção de família para os homens desta geração é bem tradicional, refletindo fortemente a idéia de família nuclear (pai-mãe-filho), na qual a ausência do filho seria suficiente para decretar a não existência de família. Estes dados confirmam a essencialidade do filho para a família e seu papel central já trazido por Rocha-Coutinho (1994) e Saraceno e Naldini (2003), pelo menos na concepção masculina.

Já as mulheres são mais flexíveis nesse aspecto. Elas consideram que é possível a existência de família sem filhos. Uma chega a fazer uma ressalva, classificando esta família como incompleta, mas as outras duas aceitam a possibilidade de um casal optar por não ter filhos.

**“Ou por não poderem ter ou não quis (...)isso vai muito do casal, se sentir família” (Cátia).**

Os pareceres quanto à conjugalidade são diversos e vão de insatisfatório a muito bom. Os homens não dão muitos detalhes a este respeito e as mulheres falam de experiências boas e ruins. Porém, dos seis participantes desta geração, apenas dois chegaram ao rompimento de uma relação conjugal, sendo que um voltou a se casar. Isto

mostra que apesar das oscilações na vida conjugal, o casamento era e é parte estruturante da família.

Porém, o rompimento de uma relação conjugal não pareceu ser algo fácil, principalmente para as mulheres. Para o homem parecia permitido o estabelecimento de uma nova vida conjugal, mas a mulher separada parecia sofrer retaliações, não sendo permitida a ela uma nova vida a dois, tanto que o participante que se separou, construiu um novo relacionamento, e a mulher, que relatou que seu marido se separou dela por ter preferido ficar com a amante, com a qual estabeleceu novo casamento, permaneceu sem a constituição de nenhum outro relacionamento amoroso até os dias atuais. Ou seja, parece ter havido a compreensão de que a fidelidade da mulher ao homem e ao matrimônio deve ser preservada, mesmo que o homem assim não proceda. Isto está de acordo com o modelo patriarcal de homem trazido por Giffin (2005) que o aponta como “sexualmente irresponsável” (p.48) e dominante, em contraposição a aceitação passiva feminina que se podia ver nas relações conjugais e sexuais. Também se coaduna com o estudo de Coutinho (2008), que apresenta em seus dados uma alta tolerância das mulheres para com a infidelidade do marido - relatando situações de descoberta de traições, contato com a “outra mulher”, etc. Essas eram situações que, ao serem relatadas, não pareciam provocar reações negativas nas esposas. A passividade foi algo perceptível, o que se justifica no fato de a separação ter sido uma ameaça para as mulheres, que para não correrem esse risco deviam suportar as atitudes infiéis dos maridos.

A infidelidade masculina se justificava na própria representação de homem naquela época. O homem era “sexualmente ativo, agressivo, dava conta de suas necessidades de intensa atividade sexual e seu interesse por outras mulheres” (Rocha-

Coutinho, 1994, p.106). Comportamentos como este eram tidos como indicadores de masculinidade, ou seja, para ser homem era preciso marcar uma forte vivência de sua sexualidade, o que não podia ser vivenciado plenamente no casamento, já que à esposa cabia apenas a vivência de uma sexualidade casta e passiva, voltada para a procriação. Assim, ocorria a permissão para que os homens satisfizessem seus desejos fora do casamento, enquanto que sobre a mulher recaía uma forte vigilância para que ela fosse totalmente fiel e devota ao marido. Como o destino da mulher era o casamento e a ele, ela devia se dedicar, uma separação conjugal indicava incompetência por parte dela, ou seja, os julgamentos decorrentes da separação decaíam sobre a parte feminina e ela era considerada a culpada pela busca, por parte do marido, de “felicidade fora de casa” (Coutinho, 2008). Este contexto ajuda a entender o porquê de vivências diferenciadas por parte dos participantes deste estudo - homens e mulheres - no que diz respeito à fidelidade/infidelidade e a casamento e divórcio.

Quanto às responsabilidades domésticas, todos eles são muito enfáticos em demarcar os papéis de homens e mulheres. Este é um aspecto marcante desta geração. Eles descrevem que a responsabilidade do homem era de trabalhar e sustentar a família, enquanto que a mulher era responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, como se nota no relato abaixo:

**“a obrigação da mulher é dentro do lar, desde que o homem trabalhe para sustentar o lar naquilo que é essencial” (Berenice).**

Isto se ajusta com a explicação de Rocha-Coutinho (1994) sobre a diferença da esfera pública para o homem e a esfera privada para as mulheres, que se complementavam nesta época do início do século XX:

Homens e mulheres vivem, em mundos distintos, uma complementaridade de funções (...). À mulher cabe servir de intermediária entre pai e filho, aliviar o homem de seus encargos com a família, poupá-lo dos problemas e dos conflitos familiares cotidianos. Por outro lado, ao homem compete protegê-la, sustentá-la e afastá-la dos árduos e complicados problemas do mundo fora de casa, a fim de que ela possa melhor desempenhar seu trabalho no lar. (p.43)

A participação dos pais no cuidado com os filhos era bem menor que a da mãe. A atuação do pai parece que se restringia aos esportes, à cobrança nos estudos e ao papel de conselheiro, enquanto a mãe cuidava de todas as necessidades básicas dos filhos, como alimentação, vestuário, remédios, higiene, dentre outros. Um exemplo de atuação dos pais no cuidado dos filhos pode ser vista nesta fala de Alfredo:

**“Nessa parte eu tava sempre fora, negócio de... colaborava em outros aspectos assim, carregar uma criança, que eu gosto né, passear com uma criança, essas coisas, mas aquele nenenzinho lá, de dar banho e limpar, como o meu filho está fazendo, eu confesso que eu fui relaxado para isso (risos), entrava nesse ritmo não”.**

Uma das justificativas para estas diferenças é que a demarcação destes papéis é uma tradição, o que indica que estas práticas de gênero são bastante naturalizadas, como se pode ver na fala de Bernardo

***“É, isso é uma tradição né (risos), uma tradição de sempre a mulher é do lar e o marido é provedor”***

Estas práticas foram condizentes com as que definiam a sociedade da época:

Ao homem, voltado para fora, para a competição e o trabalho no mundo dos negócios e da realização profissional, falta, quase sempre, o tempo, a disponibilidade e a vontade necessárias para assumir a função de educação dos filhos. Além disso, ele vive em um universo estranho ao da infância e às regras de afeição que a governam, o que explica em parte a incompreensão, severidade e impaciência do homem tradicional (Rocha-Coutinho, 1994, p.43)

Pode-se dizer que o uso de anticoncepcionais nesta geração foi bem restrito, mas existiu. Dos seis participantes, um homem e uma mulher fizeram uso de algum método contraceptivo. O esposo de outra participante também chegou a fazê-lo para evitar filhos. Os homens que fizeram uso de contraceptivos usaram camisinha e a mulher usou uma espécie de supositório, ministrado antes da relação sexual. Ela relata

**“era um tipo de supositório que a gente colocava na vagina antes da relação, tá, e não sei se, eu acho que adiantou, porque eu tive só três” (Cátia).**

Os outros dizem nunca terem tido nenhuma aproximação com estes métodos. A manutenção dos métodos era responsabilidade dos respectivos agentes. Em dois destes casos, a decisão quanto à contracepção foi unilateral. Estes dados mostram que realmente naquela época o acesso às estratégias contraceptivas e às informações ao seu respeito era restrito, porém existia um interesse disfarçado por parte de alguns em utilizá-los, mesmo que de forma incipiente. É importante lembrar também que naquela época este assunto estava envolto em preconceitos, revelados por falas de alguns participantes, quando foram solicitados a pensarem a utilização de métodos anticoncepcionais, como

**“Porque eu não queria fazer isso. (...) não quis usar aquilo, não” (Ana).**

Esse preconceito poderia se refletir também na intimidade do casal, impedindo o diálogo sobre sua utilização e explicando “decisões unilaterais”. Considerando a influência da religião nas práticas familiares e a sua defesa do alto número de filhos (Souza, 1995; Saraceno e Naldini, 2003), pode-se imaginar que conversar sobre contracepção era algo difícil, já que era uma postura inadequada aos preceitos morais e religiosos da época. Ou seja, a contracepção parece ganhar um tom de pecado e quando era feita, não era claramente assumida, às vezes nem mesmo para o (a) parceiro (a), como pode ser ver nas falas de Cátia:

**“(...) era coisa tudo escondidinha, pra ninguém ver. Não se falava em camisinha, não se falava em nada, sexo, nada, nada, nada”. [Mas foi uma opção de vocês dois?] Minha, porque, por ele, ele teria mais filhos”.**

Em contraponto com a religião, é importante lembrar que a proximidade com a medicina começou a disparar a idéia de controlar os nascimentos para melhor poder controlar a “qualidade” da criação dos filhos. Havia começado naquela época a serem pensadas formas de limitar o número de filhos, encerrando mais cedo o ciclo reprodutivo ou até mesmo usando outras estratégias para evitar filhos (Bilac, 1995), mesmo que isso ainda se desse de forma bem insipiente.

Todos acreditam que tiveram o número adequado de filhos, com exceção de Berenice, que gostaria de ter tido mais.

Percebe-se que o planejamento da família ainda não era algo presente nesta geração, até mesmo porque a contracepção – importante ferramenta no controle da fecundidade – ainda não era algo realmente acessível. Porém um esboço de organização

familiar já aparecia, como se pode constatar pela utilização de algumas estratégias básicas para a organização do ter filhos, tais como o mencionado pequeno uso dos anticoncepcionais e algumas práticas de organização das relações sexuais, como as usadas na tabelinha e até mesmo a própria evitação do ato sexual, como relata Ana

**“a gente lutava, né. [Com aquela organização que a senhora falou?] É... a gente só tem filho quando quer. [É mesmo?] Não, porque... pode evitar de outras maneiras (...)tomava jeito! (risos)”.**

Apesar da experiência do planejamento familiar ter sido insipiente nesta geração, todos os participantes são favoráveis a ele na situação atual e defendem a idéia de que para ter filho são necessários recursos suficientes.

#### *4.1.1) Mudanças intergeracionais apontadas pela geração do início do século XX*

Com relação às mudanças intergeracionais, pode-se dizer que todos os participantes negam haver qualquer diferença na importância dada ao filho ao longo do tempo, com exceção de uma senhora que diz que mudou sim, pelo fato do comportamento dos filhos para com os pais ter mudado. Esta clara negação pode indicar certa resistência das pessoas desta geração em enxergar situações como esta por diferentes prismas. Parece existir uma dificuldade de se entender o filho, a partir das diferenciações colocadas pelas realidades das outras gerações, ou seja, as concepções dos mais velhos parecem mais cristalizadas e eles mostram mais dificuldades de mudar suas opiniões e suas perspectivas de análise dos fatos.

Quanto às práticas de criação dos filhos, todos acreditam que elas foram modificadas com o passar do tempo. As principais diferenças apontadas são o surgimento de recursos que modificaram a educação dos filhos, como brinquedos novos



e internet, a necessidade de uma maior e melhor educação escolar – como se verifica na fala de Bernardo

**“eu acredito que de acordo com a situação as coisas vão mudando, né, porque hoje criar filho hoje é diferente de quem criou há um tempo atrás, porque os tempos vão mudando, as coisas vão mudando (...) hoje se você tiver o primário você não faz nada”.**

Também é apontado o fato de os pais estarem trabalhando fora de casa, o que faz com que os filhos sejam criados por pessoas diferentes de os pais, tal como se vê no relato de Celso

**“porque hoje a maioria vão para o trabalho e deixa os filhos nas creches, tomando, uma baba em casa tomando conta, ou a empregada. Tem muitos filhos que não conhece nem a mãe, conhece a babá”.**

Com relação aos papéis de homem e mulher na família, a mudança que tanto homens quanto mulheres prontamente levantam é a da inserção da mulher no mercado de trabalho, o que a tirou do recinto familiar, modificando suas atividades na casa e com os filhos, como relata Cátia

**“Na minha época, elas não trabalhavam, ficavam em casa cuidando dos filhos. O marido que trabalhava e trazia o alimento pra dentro de casa. Hoje em dia, quase toda mãe sai de casa e deixa os filhos com estranho”.**

Além disso, a independência financeira adquirida pela mulher lhe proporciona maior autonomia e os próprios comportamentos masculinos também se modificaram, como, por exemplo, o homem começou a ajudar nos serviços domésticos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho como mudança intergeracional é um dado congruente com a literatura (Vaitsman, 1994; Torres, 2000; Rocha-Coutinho,

1994; Bilac, 1995) que aponta que a mulher no início do século XX ainda estava restrita ao ambiente doméstico e somente a partir dos meados do século que ela começa a se fazer presente no trabalho extradomiciliar e a buscar maior escolaridade. Dias e Lopes (2003) confirmam isso afirmando que “essas transformações decorrem especialmente da participação da mulher no mercado de trabalho, devido às exigências econômicas atuais” (p.65). Assim, se percebe realmente o impacto desta mudança intergeracional, reconhecida e indicada pelos sujeitos desta geração e se pode entender as conseqüências deste fato nos diversos níveis – na própria mulher, na organização familiar, na criação dos filhos e até mesmo no próprio homem.

Em relação às práticas contraceptivas, todas as mulheres reconhecem o uso crescente dos anticoncepcionais nas diferentes gerações, o que passa da alta restrição ao uso liberado e facilitado, como se vê na fala de Cátia

**“Não tinha tanto como tem hoje, não era tão liberado como hoje (...) Pra uma menina ou um rapaz comprar uma camisinha era coisa, assim, de fim de mundo. Tá?! Tinha que ser casado pra ter certas liberdades pra... pra evitar os filhos”.**

Esse uso crescente da contracepção é justificado pelo avanço da medicina. Já os homens mostram dificuldade em se posicionarem. Um diz não ter nenhuma diferença, outro diz ter pouca, apenas com relação aos avanços da medicina e outro enxerga os métodos contraceptivos como importantes aliados ao planejamento familiar.

Em geral, com relação às mudanças intergeracionais, os homens não fazem muitas considerações, apenas um chega a citar a evolução da ciência e da tecnologia e a liberdade maior para os filhos, a qual se coaduna com o pensamento feminino

**“Da ciência e da tecnologia, essas coisas, vai tornando... modificando o modo de trabalho, tudo isso vai alterando, vai modificando né, não é igual o meu tempo” (Alfredo).**

Já as para as mulheres a diferença intergeracional que chama a atenção são os comportamentos liberais dos jovens. A rebeldia, a liberdade nos comportamentos sexuais e a falta de respeito com os pais são enfatizadas, como se pode ver no discurso de Ana, que traz um tom de reprovação:

***“Os filhos são mais rebeldes. (...) Eles são mais largados”***

Biasoli-Alves (1997) ao estudar três gerações do século XX já apontou que mudanças significativas ocorreram na relação pais e filhos, a qual saiu de uma posição inicial baseada em regras morais e padrões de educação e chegou, no final do século XX, a priorizar o afeto e a pessoa do filho. Neste estudo, um dado relevante é o fato de ser considerado como prioritário no início do século XX o respeito aos mais velhos por parte dos filhos, realidade vivenciada pelos sujeitos entrevistados nesta geração. Isto permite entender melhor por que a “falta de respeito” por parte dos jovens é tão destacada por parte dos idosos. O respeito à palavra e à vontade dos mais velhos tido como prioridade e sinônimo de boa conduta, com o decorrer do tempo foi sendo flexibilizado ao ponto de chegar a situações consideradas pelos idosos como desrespeito e insubmissão. Ao mesmo tempo, esta insubmissão permite comportamentos mais liberais, ao ponto dos jovens serem entendidos pelos mais velhos como “rebeldes” ou “largados”.

Com relação à liberdade nos comportamentos sexuais, Féres-Carneiro (1999) relata, como resultado de pesquisa com participantes de classe média urbana, a

virgindade como sem importância para a grande maioria de seus participantes de ambos os sexos, heterossexuais ou homossexuais e ganha relevância nos relacionamentos a experiência sexual antes adquirida pelo parceiro. Esta nova concepção se contrapõe plenamente a que participantes da geração do início do século XX indicam ter em relação às práticas sexuais e a virgindade, na qual esta parecia ser um forte valor de honra para as mulheres. Este embate de concepções explica a indicação desta diferença intergeracional pelas mulheres, até mesmo porque, algo que lhes era muito cobrado e considerado como condição para boa reputação, atualmente parece simplesmente não ter valor algum para a maioria.

#### ***4.2) Geração intermediária: Mães e Pais***

A geração aqui apresentada é a que nasceu nas décadas de 50 e 60 do século XX. Nesta época, a família nuclear ainda parecia ser o modelo ideal assumido pela classe média. Porém, algumas mudanças começaram a ocorrer e vieram a afetar a família, principalmente quanto às relações de gênero e ao número de filhos. A escolarização e profissionalização da mulher, a separação da sexualidade da reprodução, o entendimento de que menos filhos por família é o mais adequado são exemplos importantes destas mudanças que serão discutidas a seguir, junto aos dados coletados.

A demanda por uma maior escolarização já se reflete na escolaridade apresentada pelos entrevistados desta geração. A escolaridade masculina aumenta, chegando ao nível superior. Mas chama a atenção, especialmente, a escolaridade feminina. Das entrevistadas, duas disseram ter segundo grau completo e uma, curso superior completo, dado bem diferente da geração anterior, na qual apenas uma das mulheres chegou ao segundo grau e as outras tiveram apenas o primeiro grau

incompleto. Isto se insere no contexto que Bilac (1995) comenta, relatando que em meados do século XX, as mulheres diante das demandas de escolarização e profissionalização, somadas às reivindicações dos movimentos feministas dos anos 60 e às mudanças na economia devido ao pós-guerra – o que possibilitou que elas fossem absorvidas pelo mercado de trabalho – passaram a sair do isolamento do reduto doméstico e a se inserirem na sociedade como mão-de-obra economicamente ativa, o que disparou alterações importantes nas relações de gênero.

A queda brusca no número de filhos também chama a atenção. Este número variou de dois a três filhos por família, uma quantidade também bem menor e mais homogênea que a geração anterior, o que reflete padrões na fecundidade indicados pelos índices estudados (Berquó, 1998; IBGE,2000; Santos, 2006; Simões, 2006; World Population Data Sheet, 2004, 2005) e se coaduna com a situação social da época que passa a valorizar como ideal um número reduzido de filhos por família.

Os anos 60 foram marcados por muitas mudanças importantes no cenário mundial e que repercutiram no Brasil. Pode-se citar o movimento de 1968, na França; o dos direitos humanos nos Estados Unidos, os movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos (Rocha-Coutinho, 1994). Tudo isso proporcionou a propagação de informação e idéias que provocaram questionamentos sobre a limitação da mulher em seus papéis de mãe, esposa e dona-de-casa. A naturalização dos papéis de gênero era questionada e buscavam-se formas de se repensar algumas concepções, especialmente as relacionadas às mulheres. Em meio a este contexto, o advento dos anticoncepcionais mais eficientes proporcionou a vivência de uma sexualidade desvinculada da reprodução (Rocha-Coutinho, 1994), o que facilitou muito o controle sobre a fecundidade. Assim, neste contexto de efervescência, foi viabilizada a redução no

número de filhos e a opção por tê-los ou não, pois, neste momento, o controle do engravidar se mostrava mais eficaz.

Até os anos 60, as políticas públicas, a oportunidade de formação escolar, a medicalização e as redes de solidariedade favoreciam o alto número de filhos. Porém, com a crescente urbanização e assalariamento da mulher, estas condições, principalmente as redes de ajuda mútua, foram comprimidas, o que levou as mulheres a terem que dar conta simultaneamente das tarefas domésticas, dos empregos, e dos filhos (Souza, 1995). As exigências feitas aos genitores quanto ao padrão de educação dos filhos também foi aumentando. Uma consequência clara de todos estes fatores foi o interesse pela redução no número de filhos, o que se entende estar ligado às mudanças no universo feminino. Idéias anti-natalistas começaram a surgir e o número elevado de filhos passou a ser enxergado como irresponsabilidade (Souza, 1995).

Todos os participantes casaram-se e constituíram família, porém uma mulher chegou a se divorciar e constituir outra família e um homem, depois de sua separação, não voltou a constituir outro relacionamento estável. Com exceção deste último, todos possuem relacionamento estável há mais de 25 anos.

Coutinho (2008), em seus dados discute a respeito do divórcio como mudança intergeracional. A autora mostra que participantes que nasceram por volta da década de 1930/1940 relataram que a mulher separada era vítima de preconceito, vivenciavam a vergonha de um casamento fracassado e a impossibilidade de realização pessoal, pois esta para a mulher era algo ligado diretamente ao casamento. O fato de no presente estudo na segunda geração (1950/1960) aparecer o divórcio como possibilidade concreta e menos estereotipada já marca uma diferenciação importante em relação a geração anterior.

Estudando-se a vivenciada fecundidade nesta geração, puderam-se verificar as seguintes significações de filho: filho como *realização pessoal e matrimonial*, como *continuidade da família*, como *responsabilidade e fonte de alegria* e de *amadurecimento dos pais*, e também como *fruto* ou *complemento do casal*.

Para os homens, surge também o aspecto do filho como *símbolo afirmador de virilidade*, como é relatado por Carlos

**“Eu achava que eu era estéril, aquela coisa toda, acho que coisa de cabeça. E de repente, eu casei em uma situação um pouco, meio complicada e tive filho. Isso aí aumentou meu ego, saber que eu tive filho”.**

Este parece ser um ponto que confirma o filho como possibilidade de realização pessoal para os homens. É uma forma de se sentir pleno e potente diante das possibilidades humanas, especialmente as masculinas, o que está de acordo com as concepções de masculinidade construídas ao longo do tempo, as quais apontam para um homem viril. Para Jablonski (1999), esta virilidade é um dos componentes constituintes de uma representação de masculinidade. Para este autor, o ser homem se mostra repleto de características, tais como racional, dominante, viril, que não demonstra emoções, ambicioso, provedor, dentre outras. Sobre a masculinidade, o autor discute estereótipos e, ao mesmo tempo, mudanças que nela vem ocorrendo na pós-modernidade. Porém, ele também aponta a inadequação deste modelo de masculinidade nos tempos atuais, principalmente diante da emancipação feminina.

Pensando o valor da fecundidade, do filho para a família, verificou-se que o filho tem neste espaço a importância ser os *frutos* da mesma. Filho também é *complemento da união*; é ele que vai proporcionar *crescimento e o amadurecimento aos*

*pais*; além de *ocupar um lugar central na vida da família*, sendo alvo das atenções e elemento organizador da família.

O significado de filho parece estar intimamente relacionado com a possibilidade de tê-lo e ainda ao seu papel na família. Os elementos definidores de filho que se destacam neste contexto são: *realização pessoal e matrimonial, continuidade da família, amadurecimento dos pais, fruto, alegria e responsabilidade*.

Assim como na primeira geração, o filho permite aos sujeitos o sentimento de realização, tanto pessoal como matrimonial. Ter filhos parece ser a realização de uma etapa da vida, uma forma de se sentir pleno e potente, com relação a si mesmo e ao seu matrimônio, como se pode verificar na fala de Ângela

**“Uma é a realização, né. Porque quando você casa você quer construir uma família, (...)é o segundo passo que você dá, eu quero ter um filho, né, então, uma realização, né. (...) você quando você se sente realizada de ter seus filhos, você se sente dentro de você uma pessoa realizada, que você conseguiu construir uma família”.**

O *amadurecimento dos pais* aparece aqui como um dado interessante, pois é a primeira vez em que é citado. Isto indica que nesta geração o papel do filho já mostra uma importância diferenciada da anterior, pois aqui os filhos não são apenas moldados pela educação dada pelos pais, mas estes pais também são moldados e afetados no próprio contato com os filhos. É uma relação de amadurecimento recíproca, incitada por outras formas de vivência desta relação pais e filhos, como a possibilidade do diálogo e a expressão de afetos, o que é consoante com estudos anteriores, como o de Romanelli (2003) que revela que mudanças afetivas importantes ocorreram na relação pais e filhos, a qual era baseada na autoridade e imposição sobre os filhos e, posteriormente, passa a



escuta e aceitação do filho como um sujeito de vontade própria, de idéias e objetivos próprios.

Quanto ao fato de filho ser entendido como “*fruto*” de uma família - como relata Anderson

**“e o fruto dessa família naturalmente é a prole, são os filhos”**

e Carlos

**“Tem que ter árvore e os frutos, no caso, só raiz, não, os frutos, né. Tem o passado, tem o presente, tem o futuro. Então, aí, pra constituir uma família, é isso aí, tem que ter os frutos”.**

Pode-se dizer que existe uma idéia de produção de algo novo, de reprodução de vida, ou seja, é preciso frutificar, produzir algo que possa ser fecundo na posteridade. A idéia de fruto, ao mesmo tempo em que é conseqüência da vivência matrimonial e familiar, também é condição para que esta fecundidade tenha prosseguimento, o que confirma a idéia de filho como possibilidade de *continuidade da família*, também levantada pelos participantes ao discorrerem sobre a importância do filho para a família.

Pode-se destacar também a concepção de filho como *alegria*, mas ao mesmo tempo como *responsabilidade*, dado este que começa a ter destaque nesta geração. Isto parece se justificar pelo fato de que na geração anterior as exigências feitas aos pais na criação dos filhos eram diferentes e feitas de forma massificada, pois muitos filhos eram criados juntos. Parece ter sido apenas nesta segunda geração que emergiu a consideração das características de cada um e um reconhecimento de uma maior individualidade, o que potencialmente conduziu a diferenciação das crianças e a novas práticas e responsabilidades na criação dos filhos.

A partir da segunda metade do século XX, a criação do filho ganhou um entorno mais detalhado (Rosemberg, 1995), até mesmo porque as crianças passaram a ser sujeitos ativos de suas formações (Biasoli-Alves, 1997) e isso exigiu maiores responsabilidades dos pais nos cuidados com os filhos, que agora não devem mais apenas ser moldados, mas ouvidos, formados e amados. Surge uma maior preocupação com a segurança e o bem-estar dos filhos, agora sujeitos ativos e com vontades próprias.

Nesta segunda geração, enquanto apenas uma mulher o fez, os homens negaram prontamente qualquer desvantagem do fato de ter filhos - como se pode ver na fala de Anderson

**“pra mim tudo que o filho representa é só positivo, em todos os aspectos, sob qualquer condição, em qualquer momento”.**

As outras duas participantes indicam desvantagens como a preocupação com o bem-estar dos filhos e com as condições para criá-los. Uma possível justificativa para esta diferença entre homens e mulheres na forma de lidar com as desvantagens de ter filho é que a proximidade das mulheres com os filhos, nos cuidados e na intimidade, pode permitir uma melhor visualização das dificuldades geradas pelo fato de ter filhos, ou seja, o fato de a mulher ser nesta geração aquela que tem responsabilidade direta para com os filhos pode ter filtrado as desvantagens de ter filho para os homens. Esta realidade mostra ainda uma incoerência com o discurso de igualdade das funções de pai e mãe para com filhos, o qual já começa a surgir nesta geração. Também é possível pensar que ainda pode permanecer no discurso feminino a questão da posse do filho pela mãe, ou seja, este discurso pode estar indicando, mesmo que disfarçadamente, que o filho ainda está diretamente ligado à mãe e é ela quem conhece realmente as dificuldades e vantagens de se ter um filho.

Como vantagens de ter filhos foram citadas: a *realização pessoal*; o *amadurecimento dos pais*; o *complemento ao casamento*; a possibilidade de *amparo na velhice*, de dar *continuidade à família*, e de estar em *contato com a juventude dos filhos*. Muitas destas vantagens são as mesmas citadas como significados de filho, o que mostra que, assim como na geração mais antiga, filho é algo vantajoso já em sua essência.

Para os participantes desta geração, família é primeiramente um *espaço de educação e formação do indivíduo*, é também um conjunto, uma *união de pessoas próximas e íntimas*, é um “*todo*”, é um *espaço de segurança e orientação*, um “*porto seguro*”, como descreve Beth

**“acho que a família é isso, as pessoas que você sabe que realmente torcem por você, que, que lutam por você. “Nos momentos de, é onde você vai dividir as alegrias, as tristezas (...) família, eu acho que é um porto seguro”.**

Mas família também é “*tudo*”, como diz Breno

**“Então, eu acho que a família também é, é tudo na vida da gente”.**

Parece que este “*tudo*” tenta mostrar a importância soberana da família na vida das pessoas, sem ela nada resta.

Nesta geração, a idéia de família como *espaço de formação* aparece de forma mais intensa que na geração anterior, na qual esta significação só é levantada posteriormente. Aqui a família começa a ganhar com mais ênfase esta conotação de espaço de orientação pessoal, de segurança, até mesmo de refúgio. A família agora não só educa, mas também protege, orienta, ama.

Todos os participantes homens apontam o filho como elemento essencial à constituição de uma família, ou seja, não concebem ainda a idéia de uma família sem filhos. Uma das mulheres, assim também o faz

**“para mim tem que ter filho, eu acho assim, estranho a opção de não ter filhos. (...) Tem que ter filhos (risos)” (Carla).**

As outras duas aceitam a existência de família sem filhos, mas indicam de alguma forma que não é o ideal, tal como relata Ângela

**“Não é o ideal, eu acho que não é o ideal, mas consegue, olha quantos que conseguem”.**

Isto parece indicar uma maior flexibilidade das mulheres ao definirem família. Elas parecem mais abertas a pensarem novas formas de família, considerando outras relações que não somente a de pais e filhos, porém isso ainda é bem instável, pois não é considerado adequado. Já os homens parecem mais enraizados na concepção de família tradicional e ainda não conseguem pensar a família sem “frutos”. Saraceno e Naldini (2003) também discorrem a este respeito

Em nível do senso comum parece só haver verdadeiramente família quando há filhos e a expressão ‘constituir família’, relativa ao fato de casar, indica na realidade o casamento como passagem ao mesmo tempo necessária e não suficiente para a constituição da família ao dar curso (ou ao dar continuidade) a uma cadeia geracional (p.177)

Para as mulheres desta geração, uma família deve ser composta por filhos, pais, mães, avós, ou seja, elas fazem referência à família extensa. Já os homens possuem uma

delimitação de família mais restrita. Apesar de fazerem alguma referência à família extensa, a família que é prontamente apontada por eles é a nuclear, porém a descendência parece ser algo tão forte para eles, que netos também são aceitos como desta família primeira, como relata Carlos

**“é pai, mãe, filho, netos. Existe uma geração, né, complementado a outra”.**

Também para esta geração, assim como na anterior, a moradia parece não ser critério para a definição de família.

Os participantes casados possuem uma concepção muito boa e satisfatória a respeito do relacionamento conjugal. Parece que o casamento é uma possibilidade de satisfação e felicidade. Eles apontam aspectos de maturidade, harmonia, afinidade, respeito, admiração e ausência de brigas. Já o divorciado traz um parecer negativo a respeito da vida conjugal. Este dado mostra que em geral, a vida matrimonial ainda é vigente e possui um papel estruturador na família. Além disso, na vida matrimonial parecem caber escolhas, não só pela decisão de se casar e de com quem fará isso, mas também pela opção de se manter casado ou se divorciar. Percebe-se aqui que o divórcio e a oportunidade de construir uma nova vida conjugal já são possibilidades concretas, inclusive para as mulheres, as quais ainda na geração anterior pareciam não ter tais “liberdades”.

No que diz respeito às tarefas familiares, percebe-se uma organização do casal diferente da vivenciada na geração mais velha, apesar de um dos homens ainda apresentar concepções tradicionais com relação aos papéis de gênero na família. Mas, em geral, as mulheres já trabalham fora e as tarefas domésticas precisam ser reorganizadas. Fala-se já em divisão de tarefas, como expressa Beth

**“eu vou ao supermercado, meu marido ajuda, vai à feira. Tipo assim, a gente vai dividindo as tarefas”.**

Mas a esfera doméstica ainda está sob a supervisão da mulher, como diz Breno

**“É cuidar dos filhos, né, cuidar da casa, cuidar do marido, né, essa que é a responsabilidade dela”.**

O auxílio da empregada doméstica facilita muito neste aspecto, o que se pode ver na fala de Beth

**“todo mundo tenta ajudar, né. Eu tenho a pessoa que me ajuda, que trabalha aqui e tudo. A gente tenta na medida do possível colaborar”.**

Percebe-se, então, que os papéis de gênero ainda são claramente demarcados, apesar de existir uma maior flexibilidade quanto a algumas funções, o que não existia na geração anterior. Isto leva a uma movimentação diferenciada no cenário familiar com uma maior presença do homem em atividades e responsabilidades domésticas diversificadas.

Tudo isso fica mais simples para a classe média que tem a possibilidade de ter empregada doméstica, pois assim o encargo das tarefas domiciliares fica mais fácil de ser administrado, como pode ser constatado na fala de Beth

**“Eu tenho a pessoa que me ajuda, que trabalha aqui e tudo”.**

Este dado marca uma diferença em relação aos dados preliminares coletados com classe popular que em nenhum momento fazem referência à empregada doméstica como recurso auxiliar nas tarefas domiciliares. Dentro deste assunto, Bilac (1995) chega

a falar disso ao discorrer sobre a “americanização” da sociedade brasileira a partir dos anos 40. Ela relata que a presença da empregada é importante no cotidiano das famílias de classe média ao colaborar com as funções da mulher de esposa e mãe. Ou seja, ter alguém que faça as tarefas familiares da mulher colabora para que ela tenha condição de trabalhar fora de casa. Mas parece que a tradição se mantém: sempre para os cuidados da casa deve haver uma mulher responsável, mesmo que ela seja uma profissional externa em substituição à “dona da casa”. Há uma troca temporária de pessoas, mas não de gênero destas pessoas, pois aqui se fala apenas em empregada doméstica – gênero feminino. Como se pode notar na fala de Carla

**“é, de manhã eu arrumo as camas tudo, antes da empregada chegar, os quartos tão tudo arrumado”.**

Ter empregada em casa não significa se eximir totalmente das tarefas domésticas, e sim delegar parte delas a outra pessoa, pois a atividade de coordenação da casa e viabilização do trabalho adequado da empregada ainda parece estar em posse da “dona da casa”.

Quanto aos cuidados com os filhos, apesar de haver alguma tentativa em falar que não existem diferenças entre as responsabilidades de pai e mãe, a maior parte reconhece uma atuação mais presente da mãe no trato dos filhos, principalmente com relação aos cuidados básicos, como relata Carlos

**“eu sempre gostei de criança, então eu cuidava, da mesma forma que ela cuidava, eu cuidava também. Só que a mãe, ela... a mãe, ela, ela, ela tem uma forma diferente de cuidar da criança”.**

A mãe também aparece como mais cúmplice dos filhos, como se percebe na fala de Anderson

**“Mas acho que a mãe facilidade de conversar, a proximidade de sentimento, o que não é percebido, a energia ali, mas essa ligação infinita eu acho que a mãe tem mais. (...), sexto sentido acho que pra mãe e filhos deve existir mesmo”.**

O pai atua mais em necessidades secundárias, como a do lazer. Porém pode-se dizer que ocorre uma maior aproximação dos pais para com os filhos, principalmente devido ao diálogo, o que não é comum acontecer na geração anterior, como se vê na experiência de Breno

**“ter diálogo com os filhos, sempre estar conversando com eles, estar sempre procurando entender cada uma deles”.**

Mais uma vez se percebe a idéia de que filho não é mais apenas um receptor de formações da família, mas ele tem papel ativo nas relações desta família e em sua própria formação, a partir do momento em que ele ganha voz e é escutado.

Esta forma diferenciada de criar os filhos é coerente com os resultados encontrados por Biasoli-Alves (1997), que relata que em meados do século XX começaram a surgir importantes mudanças no trato dos filhos, baseadas em aspectos como a valorização do afeto, do lúdico e da estimulação da criança. Acredita-se que essa mudança na forma de enxergar e criar o filho possa ter sido incentivada pelo advento nesta mesma época de ciências, como a Psicologia e a Pedagogia (Coll, Marchesi e Palácios, 2004), que começam a pensar a infância de forma diferenciada (Rosemberg, 1995), por meio das quais a criança passa a ser entendida como ativa em



seu processo de formação. Estes saberes científicos parecem, então, passar a dizer o que é adequado ou não na criação dos filhos para o bem-estar deles, o que tira um pouco a autonomia dos pais diante da educação que irão dar aos infantes e leva a reprodução no cotidiano de discursos que são inicialmente científicos. Acredita-se que a própria defesa, nesta geração, de aspectos como o diálogo possa ter sido assumida pela família devido à impregnação de discursos científicos que passam a circular nesta época.

Nos anos 70, já se podia falar em práticas de separação da sexualidade de procriação. O vínculo direto entre a sexualidade feminina e a maternidade pareceu se fragilizar, porém os ideais de boa formação dos filhos permaneceram (Souza, 1995). Começou a surgir a concepção de que o ideal era ter poucos filhos e criá-los com qualidade. Este se mostrou um reduto confortável para a multiplicação de serviços e práticas de planejamento familiar

Os dados mostram que nesta geração, a contracepção possuiu presença marcante. Todos os participantes fizeram uso de mais de um método contraceptivo. Os mais utilizados foram a camisinha, a pílula, a tabelinha, o DIU e a ligadura. A decisão pela contracepção em geral era do casal, mas a manutenção ainda fica mais por conta da mulher. A idéia da vasectomia, quando citada, parece não ter sido bem aceita pelos homens. O destaque do papel da mulher como responsável pela reprodução reforça a idéia da presença de uma representação tradicional da mulher – como aquela que é em sua essência voltada para a maternidade. Duas mulheres e um homem gostariam de ter tido mais filhos. Apenas uma mulher e um homem chegaram a planejar seus filhos, os outros os tiveram ao acaso, porém uma dentre estes últimos, optou pelo momento de parar de ter filhos.

Nota-se, nesta geração, uma presença maior de práticas contraceptivas. A mulher parece mais envolvida na administração destes recursos, pois muitos deles afetam diretamente seu corpo. Esta é uma das justificativas usadas por uma das participantes (Beth) ao defender que a escolha do método contraceptivo deva ser da mulher. Ela diz

**“eu acho que a mulher que deve decidir (risos). Que ela está envolvida, que está mais, né, eu digo, assim, em termos de opção pelo método, né. Eu acho que até, na minha cabeça, na minha idéia... deva ser aquilo que é mais saudável pra mulher”.**

A contracepção já passa a ser tratada com mais naturalidade e começa a ser pensada como importante aliada ao planejamento da família.

Todos os participantes consideram importante o planejamento familiar, principalmente quanto aos recursos necessários para a criação de um filho, tanto recursos financeiros, quanto de disponibilidade dos pais, como relata Beth

**“o planejamento familiar, aí eu acho que (...) independente de, é o número de filhos que você planeja, que tem que levar em conta a sua condição financeira, coisas assim, do que você quer dar pro seu filho (...) a meu ver, se o casal tiver condição de ter o momento deles, sabe, pra resolver algumas questões do começo do casamento, eh, eu acho que isso é super importante. (...) Eu creio assim que seja meio complicado, assim, você começar essas adaptação com um filho”.**

Um dos participantes traz uma idéia um pouco divergente ao falar que o planejamento deve vir antes do casamento e que ao se casar, o casal deve estar disponível para receber os filhos que devem vir. Apesar desta concepção diferente, pode-se afirmar que planejamento familiar, nesta geração, começa a se fortalecer, o que

mostra que a família começa a ser pensada e estruturada previamente, fato que não acontecia anteriormente. Acredita-se que esta demanda seja devida às condições sociais, econômicas e profissionais que passam a existir em meados do século XX, como a necessidade de maior profissionalização, a entrada da mulher no mercado de trabalho, dentre outros.

Entende-se que esta iniciativa em pensar a organização da família neste meado do século XX tenha relação direta com a diminuição no número de filhos por mulher, confirmada pelos estudos de Therborn (2006) que indicaram que o Brasil tem se encaixado em uma “norma” assumida pelas famílias de que o adequado é/era ter entre 2 e 3 filhos.

#### *4.2.1) Mudanças intergeracionais apontadas pela geração intermediária – geração nascida entre as décadas de 50 e 60 do século XX*

Refletindo sobre as mudanças intergeracionais em geral, diferentemente da geração anterior, todos os participantes homens apontam mudanças na importância dada ao filho nas diversas gerações, como se nota no relato de Anderson

**“eu diria que filho agora significa muito mais pra um pai do que significava antes, dado que a vida do filho hoje, ela tá totalmente aberta, eu acho que a importância do filho no passado, no caso a importância que eu tinha pro meu pai, não era muito mensurada talvez porque a vida tinha um certo tamanho, o finito era mais perto, o finito, a dimensão do meio era menor, (...)acho que a importância, o peso, o que significa um filho hoje é muito mais significativo do que era, o P. P. significa muito mais pra mim, e a A.M., do que eu poderia ter significado pros meus pais”.**

As mulheres negam estas mudanças, o que pode indicar que a representação do papel do filho para estas mulheres ainda seja o tradicional, ou seja, aquele não tem sido afetado muitas mudanças. As mudanças apontadas pelos homens são: a importância do filho aumentou devido às várias possibilidades que os filhos têm de se distanciarem de seus pais no mundo atual; passa-se da obrigação do trabalho para ajudar em casa à necessidade do estudo e do empenho em sua própria formação; e muda-se da obediência à possibilidade da palavra e do diálogo. Estas mudanças citadas no papel do filho estão em conformidade com as vivências de ter filhos apontadas. Aqui se percebe nitidamente que a importância do filho para a família mudou profundamente: o filho passa a ser mais valorizado como pessoa única, porque a possibilidade de “perda” devido ao distanciamento dele é maior; ele não é mais fonte de renda para a família, mas sim alvo de investimento, o que o configura como fonte de despesas; e, além disso, ele não é mais apenas um acolhedor de informações e formas de vida, mas é produtor de questionamentos, de reflexões, não somente em questões relacionadas a ele mesmo, mas a toda a família.

Quanto à forma de criar os filhos, todos concordam que existem diferenças. São elas: uma educação que sai da agressividade e da punição e chega ao diálogo, que sai a imposição da obediência e dá lugar à palavra por parte dos filhos, como exemplifica Breno

**“Tinha menos diálogo e mais assim, surra, porque muitas vezes você apanhava, vamos por assim, pra poder entender alguma coisa, né. (...) Essa foi a minha geração. A geração hoje, eu, por exemplo, com meus filhos é diálogo”.**

Maior liberdade é dada aos filhos; dificuldades impostas atualmente têm dado a criação dos filhos um aspecto desafiador e valores como o respeito e a adequação aos ambientes têm se perdido na formação dos filhos. Com relação às formas de criação dos filhos, a agressividade passa a ceder lugar a afetividade, os pais se aproximam mais dos filhos, como se vê no relato de Anderson

**“eu acho que o valor, o tempo passando, atenção, eu diria que os meus filhos tiveram muito mais atenção o que eu tive para os meus pais”.**

Estes dados concordam com o estudo de Trindade e colaboradores (1997) sobre paternidade nos anos 60 e 80, feito com 80 pais de pelo menos 2 filhos e escolaridades variadas (1º grau e nível superior), no qual os pais que tiveram filhos nos anos 80 – tal como os da geração aqui estudada - e os que possuíam maior escolaridade foram aqueles que mais deram importância a um bom relacionamento vivenciado com o filho, fazendo mais referência ao afeto e, conseqüentemente, a proximidade dos filhos. Com a possibilidade da escuta dos filhos, acaba sendo gerada uma liberdade maior para eles e alguns valores morais começam a serem questionados e, conseqüentemente, fragilizados.

Pensando as relações de gênero, mudanças são apontadas. A inserção da mulher no mercado de trabalho a coloca não mais em uma posição de submissão em relação ao homem, mas sim de parceria, como descreve Ângela

**“Porque, antigamente, a mulher não tinha voz ativa, ela não tinha... ela criava os filhos da forma que o marido exigia, porque ela também era submissa. Hoje não, hoje tanto a palavra dela quanto a palavra dele são iguais dentro da casa, sendo respeitada cada uma”.**

Porém a saída da mulher do espaço residencial a torna menos disponível para os filhos. Ela passa a ocupar espaços que antes eram apenas masculinos. O homem começa a quebrar alguns tabus com relação às tarefas tidas como femininas, mas este movimento é mais lento, como relata Carlos

**“já melhorou um pouco, que já passei, por exemplo, no meu caso, já passava a ajudar”.**

A autonomia feminina aumenta, até mesmo com relação à conjugalidade. Esta nova mulher vai determinar também uma nova família, pois movimentações na dinâmica familiar acabam ocorrendo em decorrência disto, tais como: o homem começa a perceber a necessidade de assumir tarefas que antes eram essencialmente femininas; a família precisa de lançar mão de novas estratégias para a criação dos filhos, que possam suprir a ausência da mãe.

Com relação à fecundidade e à contracepção, os participantes perceberam um uso crescente de contraceptivos, o que é facilitado pelo aumento da circulação de informações a este respeito. Foi também apontado que o número de filhos por família vem decrescendo. Este dado se coaduna com os índices sobre a fecundidade que mostram o declínio no número de filhos por família. (Berquó, 1998; IBGE,2000; Santos, 2006; Simões, 2006; World Population Data Sheet, 2004, 2005).

Como mudanças em geral entre as três gerações estudadas são citadas a possibilidade de diálogo entre pais e filhos; a própria inserção da mulher no mercado de trabalho; modificações na vivência da sexualidade feminina, como relata Carla

**“acho que a maior diferença mesmo é essa questão sexual né, a liberdade que é aos poucos a mulher ta conquistando”.**

Também são citadas as alterações de papéis e funções na família; inserção do planejamento familiar; as maiores possibilidades oferecidas em geral na atualidade e a liberdade acentuada dos jovens, como descreve Carlos

**“A diferença é a liberdade que tem. Na época, papai não tinha tanta liberdade, na minha época já era um pouco mais, e na época o meu filho, a liberdade já é muito grande, que eles acham que eles são donos da situação”.**

Esta dita liberdade é relatada pelos pais, em geral, com algum desgosto. Parece ser aonde a situação sai do controle deles e os filhos assumem a direção de suas vidas totalmente. Esta não parece ser uma posição de conforto para os pais, que, ao mesmo tempo em que se sentem impelidos a escutar seus filhos e a respeitar suas individualidades, se sentem acuados com a forma como às vezes os filhos se apropriam desta relação e usam disso para praticarem atos considerados pelos pais muitas vezes abusivos.

É necessário destacar o aumento na liberdade sexual por parte das mulheres, apontado como importante mudança intergeracional. A própria forma de tratar a contracepção nesta geração parece deixar isso claro. Todas as participantes fizeram uso de métodos contraceptivos e souberam descrevê-los naturalmente. Parece que as práticas contraceptivas permitiram uma separação da vivência sexual das mulheres do fato de ter filhos, ou seja, deu a elas a oportunidade de experienciarem a sexualidade sem necessariamente terem que procriar. Esta é uma mudança que interfere significativamente na vivência da fecundidade e até mesmo pode ajudar a justificar a diminuição no número de filhos, dados estes coerentes com o estudo de Remoaldo (2001) sobre planejamento familiar.

#### **4.3) Geração mais nova: Filhas e Filhos**

A geração aqui estudada é a que nasceu na década de 80 do século XX. Esta é a geração que está vivenciando sua juventude no início do século XXI. Já se pode dizer que a mulher se encontra inserida no mercado de trabalho e que as demandas pela escolarização de ambos os gêneros são cada vez maiores. As tecnologias avançam e se modificam constantemente. A rapidez e a alta produtividade são características que estão impregnadas nas vidas dos cidadãos em geral, inclusive nas das crianças. Parece ser nos anos 80 do século XX que este novo delineamento vem surgindo. Bilac (1995) aponta ser esta uma época impregnada pelo individualismo e pela necessidade de realização pessoal, que, no caso da mulher, não passaria necessariamente pela maternidade.

Esta mesma autora aponta que esta geração parece ser “do circuito mercantilizado dos bens de consumo e de serviço” (Bilac, 1995, p.58), porém muitas são as condições que afastam a classe média da possibilidade de consumo e os custos de serviços básicos, como os de saúde e de educação, são altos, o que acaba por aumentar o custo do ter filhos, justificando a desvantagem financeira da fecundidade.

Percebe-se que mudanças significativas também nas relações de gênero se concretizam nesta geração. Jablonski (1999) relata que a partir dos anos 80, especialmente com os movimentos de emancipação feminina, a identidade masculina passa a ser repensada e práticas relacionadas a ela, reavaliadas. Parece ser um momento de desconstrução daquele tradicional masculino em prol da elaboração de papel de homem que seja mais adequado ao momento. As próprias tarefas domésticas são exemplo disso: na ausência da mãe, que agora trabalha fora de casa, muitos são os



homens que nesta geração já assumem tarefas domésticas, apesar de isso não indicar uma divisão igualitária de papéis.

Os participantes são três homens e três mulheres que atualmente possuem entre 21 e 23 anos. Dos seis participantes, três estão cursando nível superior e três já possuem escolaridade superior completa, o que indica que o nível de escolaridade vem crescendo com as gerações. Todos são solteiros e três possuem namoros estáveis, mas todos planejam se casar no futuro. Duas mulheres e um homem já trabalham.

Para estes jovens, filho significa vivência de um *amor incondicional*, dá *continuidade à família*, é algo que dá *sentido à vida matrimonial*, que traz *companhia e amadurecimento aos pais*. É uma *alegria* grande, uma *benção divina*, um *passo a ser dado*. Mas filho também é *responsabilidade e desafio*.

É interessante ressaltar que para os homens o fato de “fazer” alguém é algo muito importante, parece estar relacionado com potência, capacidade de criação, o que pode ser verificado na expressão de Allan

**“ao mesmo tempo uma coisa muito boa, porque ver um filho seu, que você realmente fez ali, tal”.**

O filho também passa a ser *centro das atenções da família* e *alvo de formação*. E para a família, a importância do filho está em dar *continuidade* a ela e fornecer *sentido às práticas e aos laços afetivos*, bem como proporcionar *amadurecimento aos pais* e ser um *mediador* entre eles, como exemplifica Cauã

**“Eu acho que muitas vezes o filho serve para segurar um pouco as ondas, né, um pouco os atritos”.**

Nesta geração, percebe-se que para a significação de filho alguns itens se mantêm, como filho como *continuidade da família* e como *realização matrimonial*. Porém, vários outros elementos surgem, o que explicita uma construção do significado de filho diferenciada das gerações anteriores. Destaca-se dentre eles, filho como um *passo da vida a ser dado*; como *alegria e desafio*; como *mediador entre os pais*; e *centro das atenções* e a vivência de um *amor incondicional*. Allan relata em seu discurso

**“é talvez uma parte da vida, né, não sei como é ter, mas imagino que seja uma parte muito legal, como se fosse um próximo passo a ser tomado”.**

Esta fala indica como que na concepção deste jovem ter filho é uma etapa da vida, algo inerente a ela e uma fase que ele um dia terá que passar. Esta percepção pode ser justificada pela posição em que estes jovens estão – de ainda não terem filhos, mas de apenas esboçarem como seria isso. Ter filhos parece, aqui, algo lógico para a existência humana.

Pensar o filho como *alegria e desafio* também é uma característica desta geração. Esta parece ser a forma de se pensar os filhos que eles imaginam ter no futuro, pois ao mesmo tempo em que ter filhos se mostra como algo positivo, é também rodeado por um aspecto desafiador e traz até certo temor por ser algo novo que exige tanta responsabilidade, como expressa Allan

**“Ter filhos é uma mistura de dificuldade e de alegria”.**

O significado de filho como *mediador entre os pais* é um dado interessante, pois traz uma visão de filho que parece ter sido construída a partir de sua própria vivência na atualidade. É um foco diferenciado, mas mostra como que o filho é importante para as

relações familiares e conjugais, ou seja, ele tem papéis ativos na família, dentre eles o de mediador de algumas situações, como se percebe na fala de Cauã

**“Eu acho que muitas vezes o filho serve para segurar um pouco as ondas, né, um pouco os atritos, o filho serve para... depende muito, no meu caso... no meu caso serve mais para apartar os lados né, do que para qualquer outra coisa, talvez para ser pombo correio”.**

Para estes jovens, o filho também é o *centro das atenções* de uma família e a experiência de um *amor incondicional*. As práticas, rotinas e decisões são formuladas pensando neste filho em primeiro lugar. A vivência de um amor intenso direcionado a este filho justifica o porquê de ele ocupar este lugar de centro das atenções de uma família, como relata Bárbara

**“é uma coisa que você tem um amor incondicional, sabe, é uma coisa que ta acima de tudo, é um amor incondicional, por uma pessoa”.**

A este respeito, Bilac (1995) entende que à família moderna é imposta a concepção de que os pais são responsáveis pela educação da criança e pelo seu equilíbrio como futuro adulto, o que seria consequência de um bom desempenho na formação dos filhos por parte dos pais. Isto leva a elaboração de um modelo familiar “centrado na criança, de modo que o ‘fluxo de riqueza’ se orienta no sentido pais - filhos” (p.57).

As vantagens de ter filhos citadas por estes jovens são: a *realização de um sonho*, que indica realização pessoal; a possibilidade de *reconhecimento social* e de *continuidade da família*; *formar uma outra pessoa que reflete suas características*; filho como *motivação* para a vida; como *oportunidade de formação de família*; como *algo divertido* e como *companheiro*. As desvantagens apontadas são a *necessidade de sair de*

*si* e pensar no outro, as *preocupações* que os filhos trazem, as *noites de sono perdidas*, a *questão financeira* e a *possibilidade de falha na educação* de um filho.

Dentre as vantagens de ter filhos, destaca-se a *realização de um sonho*, citada prioritariamente pelas mulheres, dado que também apareceu no estudo de Coutinho (2008) para as mulheres que vivenciaram a juventude na década de 1980. Parece que ser mãe é um sonho para todas as participantes. A maternidade ainda parece estar bem interligada à realização pessoal da mulher, o que indica a permanência da representação de mulher como mãe. Ao mesmo tempo em que são elas também que citam o ter filho como possibilidade de reconhecimento social. Isto sugere que ser mãe também é posição de status social. Os homens citam vantagens tais como a *motivação* que um filho traz e a *oportunidade de formação de família*, mas o que se destaca é a ênfase que é dada à vantagem de *formar outra pessoa* que reflète suas características. Indica que para os homens formar uma pessoa que irá refletir traços seus é algo muito importante e ainda reafirma a importância para os homens da perpetuação de sua família, de sua espécie, de alguém como ele. Esta, também, parece ser uma forma de destacar virilidade inquestionável do homem, o que se dá pela semelhança do rebento com sua pessoa, ou seja, esta semelhança não deixa de ser uma forma de mostrar a capacidade deste homem de fazer sexo e produzir filhos.

Família para estas jovens pode ser definida como *espaço de educação e formação do indivíduo*. Ao mesmo tempo em que é “*tudo*”, como indica Bruno

**“*Tudo. (...) tudo, é... a base de tudo*”**

Isto mostra o papel preponderante da família na vida destas jovens.

Família também é um *conjunto de pessoas ligadas por fortes vínculos*, como o biológico e de convivência. É também espaço de *refúgio e proteção*, é um “*porto seguro*”, como diz Allan

**“Família é, (...) um porto seguro mesmo, pessoas que eu sempre convivi, que eu confio em todos”.**

Mas uma delas também entende família como *espaço de avaliação*, onde as pessoas serão avaliadas e bem-aceitas ou não, como demonstra Carina

**“tudo que eu faço eu penso: Será que minha família vai gostar?”**

Na concepção desta geração mais nova, família prioritariamente *espaço de formação*, é onde eles se sentem formados, orientados, educados e é também neste espaço que eles pensam em formar seus filhos. Ao mesmo tempo, toda esta orientação para vida gera uma segurança, que dá à família uma conotação de espaço de proteção, pois é onde se encontram pessoas em que se pode confiar e que lutarão sempre pela defesa deste filho. Simultaneamente a estas benfeitorias, a família parece ser também *espaço de avaliação*, pois nela estão inseridas as pessoas que irão aprovar ou não as atitudes, as decisões, os comportamentos daquele filho. Esta parece ser uma avaliação muito forte. Ser reprovado por aqueles que amam e protegem aquele filho pode indicar um risco alto, de perda de todas estas vantagens de ser filho no seio de uma família.

Para eles a família é de maneira geral constituída por pai, mãe e filhos e assim será a família que eles constituíram no futuro. Todos irão morar juntos em moradias próprias. Da mesma forma que para as gerações anteriores, a moradia não foi levantada como critério para a definição de família. Todos reconhecem a possibilidade da

existência de família sem filhos, mas fazem ressalvas e não acreditam que seja o adequado, como expressa Carina

**“Não! Existir, existe. (...) Pelo racional, eu sei que é uma família. Mas... se eu fosse casar e tal, eu acho que eu só me sentiria com a minha família a partir do momento que eu tivesse meus filhos, que aí você ainda acha que a sua família é sua mãe, seu pai, sua mãe, seu pai e seus irmãos. Quando você casa, tem seu marido e tem seus filhos, aí a sua família já não é mais seu pai, sua mãe e seus irmãos. Sua família são você, seu marido e seu filho”.**

Uma das participantes discorda e relata que a existência do filho é fundamental para a existência da família, como relata Bárbara

**“Eu diria que não. (...) o filho é uma coisa que não tem como você separar, então, um casal você olha e separa, filho não, filho é pra sempre”.**

Isto reflete o relevante papel que o filho ainda tem para a formação de uma família. Em situações especiais, o filho pode até não existir, mas é inadequada a constituição de uma família sem filhos.

Quanto às tarefas familiares, esta geração traz uma visão mais igualitária, porém algumas diferenciações ainda aparecem. Todos - homens e mulheres - pensam em dividir as tarefas domésticas e trabalhar fora de casa e esperam que seus cônjuges tenham a mesma mentalidade. Isto pode ser visto na fala de Alice ao discorrer sobre as responsabilidades familiares

**“Bem distribuída, (...) todo mundo tem que colaborar (...) Com os serviços da casa e sustento”.**

Esta visão é coerente com a realidade da sociedade moderna, que demanda versatilidade e trabalho extra-domiciliar para homens e mulheres. Contudo, um chega a apontar diferenças com base no fato de a tomada de decisões importantes na família ser responsabilidade do pai, como se percebe na organização familiar indicada na fala de Cauã

**“tudo vai ser na base da conversa né, que será respeitada a opinião de todos, mas que na hora de tomar uma posição, acredito que o homem na relação, ele tem que ter essa postura”.**

Isso indica que, a despeito de todas as mudanças apontadas, vestígios de tradições, como a autoridade da família ser de domínio do homem, ainda existem.

É relatado que em geral não deve haver diferença no trato de pai e mãe para com os filhos, mas alguns ainda destacam a sensibilidade da mulher como fator de maior aproximação entre mãe e filho, o que mais uma vez reforça a concepção tradicional de mulher como mãe, como alguém sensível e afetuoso. Esta é uma concepção que permanece ao longo do tempo como justificativa para que as mulheres sejam mais íntimas de seus filhos do que os pais e a ela sejam delegadas atribuições sobre os mesmos. Nos resultados, a mulher ainda aparece como afetivamente mais próxima aos filhos, apesar das relações afetivas entre pais e filhos estarem se estreitando – como apontam Balancho (2004) e Jabkonski (1999) ao apresentarem dados de que os pais mais novos se mostram mais próximos dos filhos e mais afetivos com eles.

Mas, em geral, os participantes desta geração - tanto homens, quanto mulheres - demonstraram ter a intenção de serem mais próximos a seus filhos e mais afetuosos com eles, do que seus pais ou seus avós foram. Isto pode ser constatado nas falas de Alice

**“eu seria mais carinhosa com a gente, eu ficaria mais ainda, grudado assim, não que minha mãe não seja, mas eu ficaria mais”**

E de Cauã

**“o ser mais presente, o ser mais atencioso, o ser mais carinhoso. Essa seria a diferença, até do meu avô para com meu pai, que eu acho que meu avô na época dele, são 12 irmãos, então é... mesmo na época dele mesmo é meio... o homem não mexe muito com isso (...) então seria essa a diferença do meu avô para o meu pai, do meu pai para comigo”.**

Os resultados aqui apresentados sobre as práticas de criação dos filhos concordam com os apresentados Wagner (2005), em um estudo com 200 genitores de crianças em idade escolar, que buscou comparar as condutas educativas de seus pais para com eles e de eles mesmos para com seus filhos. Este estudo mostrou que houve um aprimoramento nas práticas de educação dos filhos e certa negação das práticas educativas da família de origem. Este aprimoramento pode se traduzir em aspectos como aceitação da criança como pessoa; tê-la como centro – foco de carinho, atenção, busca por agradá-la; sensibilidade para os sentimentos; dentre outros aspectos. Ou seja, tudo isto também mostra que os pais mais novos têm buscado uma aproximação dos filhos, a qual permite a vivência de uma maior afetividade entre genitores e infantes e dá espaço para o filho ser enxergado como pessoa, como ser ativo e com vontades próprias.

É importante lembrar que a presença do pai como indício de um bom desenvolvimento do filho é agora cobrada pela sociedade, ou seja, a “paternidade responsável” é exigida socialmente, o que pode justificar esta maior participação masculina na vida dos infantes.



Nesta geração mais nova, em alguns momentos realmente surgem elementos que indicam expressão de afetividade destes “futuros pais”:

**“ver um filho seu, que você realmente fez ali, tal, a pessoa ter um afeto por você, acho muito legal” (Allan);**

**“Eu acho que amor é tudo. Porque amor... porque eu acho que primordial para um filho, que o filho precisa sentir do pai, que o filho precisa sentir pelos pais, é amor. Acho que resume em uma coisa o amor” (Cauã).**

Estes dados parecem estar de acordo com a tendência apontada pelo estudo de Trindade e colaboradores (1997) de que com o tempo os pais têm se aproximado afetivamente de seus filhos. Esta pode ser também uma consequência da própria transmissão intergeracional de vivência de afetividade entre pais e filhos entre a geração intermediária e a mais nova.

Com relação ao relacionamento conjugal futuro, as expectativas são boas. Todos esperam constituir relações que sejam baseadas na afinidade do casal, na confiança, no diálogo, na ausência de brigas, no companheirismo, na honestidade, ou seja, em aspectos positivos para a vida a dois. Isto parece indicar que o casamento, assim como os filhos, é desejado e bem visto pelos jovens em geral, apesar de muitas características na relação a dois terem mudado, como as próprias responsabilidades domésticas e para com os filhos. Esta concepção é coerente com a idéia de “um passo a ser dado na vida” relatado na significação de filho, ou seja, o casamento parece ser também desejado como etapa da vida a ser vivenciada plenamente.

Em relação à contracepção, todos, com exceção de uma mulher, fazem uso de contraceptivos. Todos eles dizem que a decisão pela contracepção é do casal, assim

como todas imaginam que será no futuro. Porém, ao contrário dos homens, as mulheres, de alguma forma, reconhecem que a manutenção do método acaba sendo responsabilidade da mulher. Os métodos mais citados são pílula, camisinha e, um homem chega a citar a pílula do dia seguinte. Eles pensam em manter o uso destes métodos até a chegada do momento que o casal julgar adequado para ter filhos. Todos pretendem planejar seus filhos e, assim, reconhecem a importância do planejamento familiar para a organização adequada da família. Quatro destes jovens pretendem ter dois filhos, e dois jovens pretendem ter quatro filhos, porém estes dois últimos jovens reconhecem as dificuldades e quase a inviabilidade de terem quatro filhos atualmente. É o planejamento que vai indicar a hora e as estruturas econômica e psicológica certas para ter filhos, como indica Bárbara

**“muito importante, porque não tem assim... você precisa planejar tudo (...) você tem que ta preparado psicologicamente, financeiramente pra essa mudança”.**

Percebe-se, então, uma presença efetiva da contraceção nesta geração. Todos, com apenas uma exceção, já fazem uso de métodos contraceptivos, mesmo ainda não sendo casados. Isto indica também uma vivência da sexualidade de forma diferenciada por parte destes jovens, apesar de haver semelhanças com a segunda geração como o fato de ser a mulher ainda a maior responsável pela manutenção dos métodos contraceptivos. A liberdade indicada pelos discursos de outras gerações pode ser confirmada por comportamentos diferentes dos da época deles, como este. O que parece ser autonomia para estes jovens, para as pessoas de gerações mais velhas parece um excesso de liberdade, que chega a tocar a libertinagem. É importante lembrar que aqui são jovens – homens e mulheres – que fazem uso de contraceptivos e falam disso sem

tabus, o que mostra que a aceitação da vivência da sexualidade aumentou em geral, mas especialmente para as mulheres, as quais ao longo da história sofreram muitas retaliações neste sentido, como já apresentado nas discussões sobre vivência da sexualidade nas gerações anteriores.

A idéia de planejar suas famílias também é muito presente entre estes jovens. Todos pensam em organizar suas famílias, escolhendo a hora certa de ter filhos e avaliando as condições e exigências necessárias para o bem estar da família diante da existência de um novo membro. Este pensamento é afinado com as demandas da sociedade atual – final do século XX e início do século XXI, especialmente no que diz respeito ao tempo dos pais de disponibilidade para os filhos, os custos para uma boa educação, dentre outros.

#### *4.3.1) Mudanças intergeracionais apontadas pela geração do final do século XX*

Pensando as mudanças entre as gerações, apenas dois destes jovens não vêem diferenças na importância dada ao filho. Os outros quatro apontam as seguintes: a diminuição no número de filhos, o que faz com que a importância de cada aumente; os filhos deixam de ser força trabalhadora para o sustento da família, como indica Carina

**“antigamente tinham-se muitos filhos. Eu acredito que além da questão da... não tinha anticoncepcional, (...) eu acho que tinha a questão também de ajudar na casa”.**

E passam a ser alvo de mais investimento, carinho e atenção, como expressa

Allan

**“Eu acho que os pais, pelo que eu vejo, pelo que eu quero fazer, ficar mais próximo dos filhos, acho que a distância era maior do meu avô, acho que ta diminuindo agora”.**

O fato de o número de filhos por família estar diminuindo mais uma vez é reconhecido e relatado. Isto afeta a importância dada ao filho na família, pois, segundo estes jovens, o valor individual aumenta à medida que o número de filhos diminui, como se vê no relato de Bárbara

**“antigamente que as pessoas tinham muito filho, porque quando você ouve em interior “ah, perdi um filho”, é natural, sabe, parece que não tinha aquele valor ato grande”.**

Os filhos também passam assumir outro papel, se considerada geração do início do século XX, eles deixam de ser mão-de-obra para a família ou força trabalhadora para o sustento dela e passa a ser alvo de investimento dos pais. Agora, a obrigação do filho, criança, adolescente e até jovem, é de estudar e fazer válidos os investimentos que os pais passam a direcionar para sua educação. Estes investimentos não são apenas financeiros, mas também de tempo destes pais, de cuidados, de carinho e atenção, para que o filho tenha as condições psíquicas, emocionais, materiais e de saúde necessárias para um bom aproveitamento da formação que venha a receber.

Com relação às práticas de criação dos filhos, foi citada uma tendência dos pais de tentarem controlar e restringir o ir e vir dos filhos, por conta dos perigos da atualidade, como indica Bruno

**“A criação do meu pai, acho que foi mais ainda... mais... vamos supor, até mais largado no sentido de pouca violência, né, depois ficou segurando**

**mais, como na minha época... na época que eu terei os meus filhos vai ser mais segurados por causa dessa questão da violência”.**

A tentativa de controle dos passos dos filhos é mais uma consequência do fato de se ter poucos filhos, o que reafirma o valor individual deles. Apesar de esta geração demonstrar mais aceitação da vontade do filho, indicando a existência de uma relação baseada no diálogo, a tentativa de controle dos pais para com os filhos ainda existe, mesmo que não seja baseada em retaliações e agressividade.

As próprias mudanças nos universos feminino e masculino dos pais podem estar possibilitando as mudanças citadas na forma de criação de meninos e meninas. Com funções mais igualitárias entre homens e mulheres, mostra-se incoerente e inadequada uma educação dos filhos com base nas antigas diferenças rígidas entre masculino e feminino. Esta menor diferenciação na forma de criação de meninos e meninas aparece enfaticamente no discurso de uma das participantes. Porém, a Jablonski (1999) relata que pesquisas mostram que em geral a criação de meninos e meninas ainda parece diferenciada, sobrecarregando-se as meninas com as atividades domésticas e indo de encontro com o discurso de igualdade entre os gêneros.

Sobre os papéis de gênero, o destaque é da mudança da mulher devido a sua inserção no mercado de trabalho. Ela sai de um papel de submissão para a autonomia, como relata Bruno

**“Acho que seu papel assim, que antigamente era de submissa, de não ter muita idéia, acabava que com isso você também não tinha o que passar, então essa transformação da mulher você acaba passando, então você começa ter mais conhecimento e com isso você começa a passar mais conhecimento também, então, isso gera, muda”.**

Isto provoca mudanças na organização familiar, dá mais independência a mulher e incita o homem a participar mais das tarefas domésticas. A inserção da mulher no mercado de trabalho e as decorrências disto são apontadas por todas as gerações estudadas como uma importante mudança intergeracional.

Em relação à contracepção, todos destacam o uso crescente de contraceptivos, que passou de um uso muito restrito à prática entre os jovens. Essas mudanças são justificadas pelo acesso a informação e às mudanças no estilo de vida, como da ruralidade para a vida urbana. Aqui, um dado novo aparece em relação às gerações anteriores – a mudança da ruralidade para a vida urbana. Parece que de alguma forma o meio rural se aproxima mais das tradições vivenciadas pelas gerações mais antigas, o que faz pensar que as mudanças na vivência da fecundidade neste ambiente se deram de maneira mais lenta que no ambiente urbano.

Ao final, outras mudanças intergeracionais são apontadas, tais como: as mudanças na formação das pessoas, o acesso mais fácil aos estudos, a maior concorrência por emprego, os riscos das drogas e da libertinagem, a inserção da mulher no mercado de trabalho, sua maior autonomia, a quebra de alguns preconceitos direcionados a ela, as mudanças nas relações de gênero, o aumento da violência, a diminuição no número de filhos e a aproximação deles por parte dos pais.

Por parte desta geração, pode-se dizer que os tempos atuais são pensados com muitas possibilidades. Possibilidade de maior e melhor estudo, de escolha de profissões variadas, ao mesmo tempo em que a concorrência é maior, pois as pessoas são mais qualificadas. A mulher está inserida no mercado de trabalho, os preconceitos podem ser discutidos. Porém, simultaneamente as possibilidades de acesso às drogas e à libertinagem também são maiores. A violência é uma ameaça que pode afetar as

famílias a todo o momento. Enfim, as diversas possibilidades estão colocadas e são apontadas nos discursos dos jovens desta última geração estudada.

## 5) CONCLUSÕES

*Com efeito são os filhos, com o seu nascimento mas também com seu crescimento, afastamento, casamento, etc., que perturbam continuamente a estrutura da família, que marcam as várias fases do seu ciclo de vida, que modificam os limites. (Saraceno e Naldini, 2003, p.21)*

### 5.1) Família e o significado de filho

Ao estudar a vivência da fecundidade no século XX por famílias brasileiras de classe média foi possível chegar a uma conclusão inicial que serve de base para muitas outras: o filho como elemento essencial à constituição da família.

Em primeiro lugar, é importante estudar qual é o entendimento de família que perpassou as diferentes épocas do século XX para que se possa vislumbrar a inserção do papel familiar do filho. Notou-se que nas diferentes gerações os elementos constituintes de uma família são pai, mãe e filhos, o que indica que a tríade que é base da chamada família nuclear ainda é pensada como configuração essencial. Algumas outras referências até são feitas a outras pessoas como genros, noras, tios, netos, mas são casos pontuais, voltados para a realidade que aquela pessoa vivencia.

A representação de família encontrada passou pela idéia de *um conjunto de pessoas unidas por fortes vínculos – afetivo, de sangue, de convivência - que constituem uma rede de apoio mútuo, gerando segurança, formação e orientação aos indivíduos*



*que dela fazem parte*. Em alguns momentos ela é definida como “*tudo*”, o que mostra como a instituição familiar é importante para os participantes em questão e permite imaginar que o mesmo ocorra na sociedade em que esta amostra está inserida – a sociedade brasileira. Esta significação de família pareceu ter sofrido poucas mudanças ao longo século XX, sendo estas as idéias centrais norteadoras de família para as diferentes gerações estudadas.

A partir do que se verificou ser o entendimento de família, é possível discutir qual o significado de filho para esta mesma família e como o processo de ter esse filho afetou as práticas e vivências familiares.

Os dados apresentados a seguir auxiliam essa discussão, pois aparecem em uma tabela que concentra os resultados de significado de filho, bem como outros aspectos que possuem relação direta com esta significação e colaboram para o entendimento da importância do filho.

QUADRO 02 – Importância do filho

Tema	Geração	Resultados
<b>Significado do filho</b>	Geração mais velha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recompensa e complemento da relação matrimonial;</li> <li>• Prioridade;</li> <li>• Sinônimo de família;</li> <li>• Amparo e suporte aos pais;</li> <li>• Companheiro;</li> <li>• Alegria;</li> <li>• Satisfação e realização pessoal;</li> <li>• Dom de Deus;</li> <li>• Fortalecimento da constituição familiar;</li> <li>• Continuidade à família.</li> </ul>
	Geração intermediária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização pessoal e matrimonial;</li> <li>• Continuidade da família;</li> <li>• Responsabilidade;</li> <li>• Fonte de alegria e de amadurecimento dos pais;</li> <li>• Fruto ou complemento matrimonial;</li> <li>• Símbolo afirmador de virilidade (para os homens).</li> </ul>
	Geração mais nova	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vivência de um amor incondicional;</li> <li>• Continuidade à família;</li> <li>• Sentido à vida matrimonial;</li> <li>• Traz companhia e amadurecimento aos pais;</li> <li>• Grande alegria;</li> <li>• Benção divina;</li> <li>• Um passo a ser dado;</li> <li>• Responsabilidade e desafio.</li> </ul>
<b>Importância do filho para a família</b>	Geração mais velha	<p>* Para 1/3 dos participantes desta geração, não existe família sem filhos. O restante aceita que um casal seja reconhecido como família, mas vigora a idéia de que seria uma família incompleta.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuidade à família;</li> <li>• Possibilidade de seguir o direcionamento dos pais;</li> <li>• Ser elo entre o casal;</li> <li>• Algo essencial a vivência familiar.</li> </ul>
	Geração intermediária	<p>* O filho é essencial, sem ele não existe família e, se vier a existir, esta família estará incompleta;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fruto da família</li> <li>• Complemento da união;</li> <li>• Crescimento e o amadurecimento aos pais;</li> <li>• Prosseguimento e significação à família;</li> <li>• Ocupa um espaço central na vida da família, sendo alvo das atenções e elemento organizador da família.</li> </ul>
	Geração mais nova	<p>* Todos reconhecem a possibilidade da existência de família sem filhos, mas fazem ressalvas e não acreditam que seja o adequado;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuidade a família;</li> <li>• Sentido às práticas e aos laços afetivos;</li> <li>• Amadurecimento aos pais;</li> <li>• Mediador entre os pais;</li> <li>• Centro das atenções da família;</li> <li>• Alvo de formação.</li> </ul>

<b>Vantagens</b>	Geração mais velha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filho como complemento da relação matrimonial; Possibilidade de continuidade da família e de criar pessoas boas e íntegras;</li> <li>• Alguém que vai seguir o direcionamento dos pais;</li> <li>• Investimento.</li> </ul>
	Geração intermediária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A realização pessoal;</li> <li>• Amadurecimento dos pais;</li> <li>• Complemento ao casamento;</li> <li>• Amparo na velhice;</li> <li>• Continuidade à família;</li> <li>• Contato com a juventude dos filhos.</li> </ul>
	Geração mais nova	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de um sonho;</li> <li>• Possibilidade de reconhecimento social;</li> <li>• Continuidade da família;</li> <li>• Formar uma outra pessoa que reflete suas características; Motivação para a vida;</li> <li>• Oportunidade de formação de família;</li> <li>• Algo divertido;</li> <li>• Ter um companheiro.</li> </ul>
<b>Desvantagens</b>	Geração mais velha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São em alguns momentos negadas e em outros apresentadas de maneira dispersa.</li> <li>• A possibilidade de um filho nascer doente;</li> <li>• Dificuldade econômica para a criação dos filhos;</li> <li>• A possibilidade de os filhos também se constituírem pessoas más;</li> <li>• Preocupação que eles geram.</li> </ul>
	Geração intermediária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preocupação com o bem-estar dos filhos e com as condições para criá-los (na opinião da maior parte das mulheres, pois os homens negam qualquer desvantagem)</li> </ul>
	Geração mais nova	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de sair de si e pensar no outro;</li> <li>• Preocupações que os filhos trazem;</li> <li>• Noites de sono perdidas;</li> <li>• A questão financeira;</li> <li>• A possibilidade de falha na educação de um filho.</li> </ul>

A pergunta proposta por este estudo “*Existe família sem filhos?*” deflagrou muitas reflexões e reavaliações nos participantes em geral. Apesar de a maioria conseguir chegar a alguma conclusão, esta muitas vezes era precedida de longos momentos de pausas, de questionamentos a eles mesmos e de tentativas de discussão do tema com a pesquisadora, o que pareceu mostrar que esta pergunta realmente se constituiu em um problema para os participantes. As respostas indicaram que, em geral, na concepção destas pessoas o filho é aspecto central e organizador da família, sem o

qual a instituição familiar parece não existir, ou se for considerada existente, apresenta a característica de ser incompleta, à qual está faltando algo, e algo muito importante. Isto indica que a representação de família ainda parece bem enraizada na existência de pelo menos um filho e não apenas na existência de um casal.

Apesar de existirem pequenas variações, entre as gerações estudadas, na concepção de que a constituição de família se dá a partir da existência de um filho, este dado permaneceu, o que indica que o papel estruturador da família atribuído ao filho parece ter resistido ao longo do século XX. Porém, é importante lembrar que esta mesma importância do filho foi vivenciada nas famílias de forma diversificada nas diferentes gerações. A geração mais nova parece ser a que mais mostra diferenças nesta vivência da fecundidade. O filho ainda é muito importante para a constituição familiar, mas parece existir uma aceitação maior de experiências familiares sem os filhos, apesar disso parecer se localizar no entendimento racional de possibilidades de família, o qual parece se distanciar um pouco do que poderia ser chamado de “sentimento de família”. Há um fragmento da fala de Carina que expressa bem esta concepção e apesar de já ter sido citado, pede-se licença para a sua repetição, pois sua função aqui é esclarecedora:

*“Não! Existir, existe. (...) Pelo racional, eu sei que é uma família. Mas... se eu fosse casar e tal, eu acho que eu só me sentiria com a minha família a partir do momento que eu tivesse meus filhos, que aí você ainda acha que a sua família é sua mãe, seu pai, sua mãe, seu pai e seus irmãos. Quando você casa, tem seu marido e tem seus filhos, aí a sua família já não é mais seu pai, sua mãe e seus irmãos. Sua família são você, seu marido e seu filho”.*

Examinando este aspecto central que o filho ocupa na família do século XX, percebeu-se que existem algumas características que permanecem ao longo das gerações

e que apóiam este aspecto. São significações de filho que apareceram em todas as gerações aqui estudadas. São elas: *complemento/sentido à vida matrimonial, continuidade da família, fonte de alegria e realização pessoal*. Quanto à realização pessoal, apesar de não ter sido citada como significado de filho na geração mais nova, fica bem claro que é algo inerente ao fato de ter filhos, quando estas pessoas são perguntadas sobre as vantagens de ter filhos.

Este grupo de significações de filho mostra que o fato de ter um filho passou ao longo do século XX pela experiência de as pessoas sentirem-se realizadas pessoalmente a partir do momento que efetivam sua capacidade de reprodução e geram alguém que dá toda uma significação própria ao que se entende por família. Este alguém parece completar o casal, mostrando-se, como os próprios participantes indicaram, como o “fruto” de um relacionamento de homem e mulher. É o nascimento de um filho que parece indicar que um casal se completou, se fundiu e se tornou uma família. Ao mesmo tempo, este “fruto” é o que dará possibilidade de continuidade desta família, pois ele também um dia poderá se reproduzir e deixar que esta família continue tendo seus “frutos”. Ter filho também se mostra essencialmente como uma possibilidade de vivência de grandes alegrias, o que pode ser entendido como consequência de todas estas satisfações que o filho parece trazer.

Não se pode negar, no entanto, que existem formas diferenciadas de família, inclusive famílias sem filhos, como as já citadas “dink families”. Porém, o presente estudo chama a atenção para o fato de que a representação de família ainda parece bem enraizada na necessidade de existência de um filho, a ponto de, no cotidiano destes participantes, ter aparecido certa dificuldade de reconhecer estas novas formas

familiares. Elas são até citadas, mas logo são enquadradas como “incompletas”, trazendo uma idéia de inadequação ao que se entende por família e se sente como tal.

Conclui-se a este respeito que ao longo do século XX, o filho ocupou um papel central e estruturador da família, mas esta centralidade foi significada de maneira diferente nas diferentes gerações.

Retomando a tabela 02, pode-se verificar que filho para a geração mais velha tem um significado diferenciado quando é apontado como *amparo e suporte aos pais*. Na geração intermediária o filho já começa a aparecer como sinônimo de *responsabilidade*, enquanto que na geração mais nova, além de ser *responsabilidade*, é também *desafio*. Isto indica que para a geração mais velha ter filhos parece ser algo que dava aos pais uma segurança em relação aos cuidados que eles poderiam necessitar, como amparo na velhice ou na doença e a possibilidade de algum retorno financeiro - o que pode também ajudar a entender a significação de filho como prioridade, citada também nesta geração. Na geração intermediária, isso começou a mudar. O filho é entendido como *responsabilidade*, e parece indicar que os pais desta geração já não o vêem mais como possibilidade de amparo, mas sim como alguém que é alvo deste amparo e por isso requer alta responsabilidade por parte de seus genitores. Esta responsabilidade é enfatizada na geração mais nova a ponto de ter filho ser descrito como um *desafio*, ou seja, nesta geração o filho é algo que requer muitas habilidades, disponibilidade e competência dos pais (há menção explícita, por exemplo, à possibilidade de falha na educação de um filho), ao contrário da geração mais velha, que parecia ter uma posição mais confortável em relação ao ter filhos.

Entende-se assim que ter filhos tem se mostrado, ao longo do tempo, como algo que gradativamente se tornou mais difícil, o que se confirma com declínio nas taxas de

fecundidade já apontadas neste estudo e reafirmadas pelos dados, pois se passou de um número máximo de 12 filhos por participantes na geração mais velha a uma intenção de se ter, em média, 2 filhos, na geração mais nova. Dois jovens citaram a possibilidade de terem 3 ou 4 filhos, mas reconheceram ser este um grande desafio.

É importante perceber que todos os participantes da geração mais nova têm o objetivo de ter filhos futuramente. Este dado é coerente como a concepção de filho apontada nesta geração de filho como *um passo a ser dado*. Isto está de acordo com o entendimento de família aqui exposto, o qual parece passar pela existência de um filho, ou seja, ter filhos e constituir família para estes participantes parece ser algo inerente à vida humana, realmente um passo a ser dado, uma etapa a ser atingida e cumprida - etapa esta que pode ser fonte de realização, levando à reflexão de que a não vivência desta etapa pode ser fonte de frustração.

Apesar de em todas as gerações o filho aparecer como elemento fundamental à constituição familiar, na geração mais velha isso parece ser ainda mais forte, pois nela, em muitos momentos, a significação de filho passa por elementos como *sinônimo de família e fortalecimento da constituição familiar*, o que indica uma íntima relação da existência de um filho com a existência da família, chegando ao ponto de uma ser sinônimo da outra. Este dado é reforçado pelo entendimento que esta geração mostra do papel de filho na família, como *algo essencial à vivência familiar*, o que ajuda a entender a grande importância do filho para a família desta época. Nas gerações posteriores, a individualidade do filho parece ganhar atenção gradativamente, o que parece ter conduzido ao entendimento de filho não mais como apenas um elemento da estrutura familiar, mas como alguém que, por ser único, deve ser alvo de um *amor incondicional*, conforme é apresentado na geração mais nova.

A religiosidade também se faz presente no discurso de alguns participantes, o que ajuda a entender as significações de filho como *benção divina/dom de Deus* apresentadas em diferentes gerações.

Filho também aparece como sinônimo de companhia para os pais em diferentes gerações, o que ajuda a reforçar sua função na família.

Percebeu-se que a significação de filho nas diferentes gerações tem função importante no entendimento de família, o que é amparado pelos dados apresentados pelos participantes quando se fala no papel do filho na família, chegando em alguns momentos a significação de filho ser igual ao seu papel na família, o que indica que estas concepções se entrelaçam. Isto pode ser verificado nas citadas funções de filho na família: *dar continuidade à família, ser fruto da família, possibilidade de seguir o direcionamento dos pais* - dados que também apareceram na significação de filho; *ser elo entre o casal, complemento da união* - o que intimamente se relaciona com a realização matrimonial também citada como significação de filho.

Porém ao longo do tempo, parece que as funções do filho na família foram se enriquecendo. Nota-se que nas gerações intermediária e mais nova o número de designações como importância do filho na família é maior. Além das já citadas, filho também passa a ocupar *um espaço central na vida da família*, sendo alvo das atenções e elemento organizador das práticas familiares. Ele também passa a ser *alvo de formação e dos afetos dos familiares*, o que mostra que a pessoa do filho começa a ganhar destaque e suas funções passam a se diversificar, não só estruturalmente, mas afetivamente.

Enxergar o filho como alguém com subjetividade, autonomia e características próprias e o fato de ele ocupar um espaço que demanda muito dos pais são informações



que ajudam a entender a citada função de filho na família como possibilidade de *crescimento e o amadurecimento aos pais*, que aparece apenas nas gerações intermediária e mais nova. A escuta e o diálogo com os filhos, que começam a aparecer na geração intermediária e parecem persistir na geração mais nova, reforçam a idéia de filho como um sujeito ativo em sua própria construção e na da família, o que colabora e, ao mesmo tempo, provoca a reavaliação de comportamentos paternos e maternos, conduzindo ao que os participantes parecem chamar de crescimento e amadurecimento dos pais. Na geração mais nova, isso parecer ir ainda mais além. O filho ganha o papel de *mediador entre os pais*, ou seja, uma maior intimidade entre pais e filhos permite que os filhos tenham voz e opinião sobre a própria relação conjugal dos pais e suas implicações familiares, inclusive sobre possíveis conseqüências dos atos dos pais.

As vantagens e desvantagens de ter filhos também estão intimamente interligadas à significação de filho e à sua importância familiar, por isso estes dados são tratados em conjunto.

Parece que filho é algo essencialmente vantajoso, pois suas funções e significações são, em grande parte, citadas como vantagens para as três gerações estudadas. São elas: filho como *complemento da relação matrimonial, continuidade da família, alguém que irá seguir o direcionamento dos pais, realização pessoal, amadurecimento dos pais, e oportunidade de formação de família*.

Além destas, outras vantagens de ter filhos são levantadas. Para a geração mais velha, filho é vantajoso por se constituir em uma oportunidade *de criar pessoas boas e íntegras* - o que e se coaduna com os valores morais tão enfatizados nesta geração, e também por ser uma forma de *investimento*. Este é um dado importante desta geração, pois ela é a única a levantá-lo. Filho como investimento parece indicar que, para esta

geração, a fecundidade podia trazer algum retorno financeiro para a família ou por produtividade no trabalho dos filhos ou por auxílios de orçamento dados pelo governo brasileiro nesta época.

Na geração intermediária, as diferenças que chamam a atenção são a possibilidade de *amparo na velhice* e de *contato com a juventude dos filhos*. É curioso que o amparo à velhice que tem sido item citado na geração mais velha, tenha aqui aparecido na geração intermediária. Isto mostra como as mudanças sociais e psicológicas das vivências humanas não são pontuais e estanques, mas são fluidas e se dão com o tempo. Aqui também aparece um conteúdo que bem exemplifica a transmissão intergeracional, que mesmo não sendo preocupação do presente estudo proporciona aqui o comentário de que a função do filho de amparar os pais na velhice tenha sido um valor transmitido para esta geração intermediária pela geração mais velha. O contato com a juventude também é um dado interessante, pois mostra uma forma de entender o filho como possibilidade de contato com as atualizações do mundo, suas inovações e assim conservar um pouco do que se entende como ser jovem.

Já para a geração mais nova, as vantagens de ter filhos, além de terem sido mencionadas em maior número, também são mais diversificadas - o que mostra que a visão externa sobre o ter filhos de quem ainda não é pai/mãe é positiva. São elas: *realização de um sonho, possibilidade de reconhecimento social, formar outra pessoa que reflète suas características, motivação para a vida, algo divertido, ter um companheiro*. Aqui, o filho parece idealizado como algo bom, divertido, que faz companhia aos pais, que dá ânimo para a vida, ou seja, algo muito bom a ser realizado. O filho também é aquele que vai refletir características dos pais, o que não deixa de ser uma forma de manutenção e continuidade da família.

Chama a atenção ter sido citada a vantagem de o filho ser possibilidade de reconhecimento social. Isto parece indicar que existe alguma forma de valorização social dirigida às pessoas que têm filhos. Os dados mostram que este reconhecimento social passa imediatamente pelo reconhecimento de existência de família, ou seja, o filho traz a vantagem de uma pessoa ser reconhecida socialmente como alguém que possui família, uma pessoa que não é sozinha, que é fecunda.

Com relação às desvantagens de ter filhos, parece ocorrer em alguns momentos uma tendência à negação da existência delas. Às vezes, a indagação aos participantes sobre as desvantagens dos filhos era algo que parecia gerar incômodo, pois esta questão abriu a possibilidade de se falar de alguns pontos negativos de uma vivência que deveria ser só amor. Acredita-se que tenha sido por isso que alguns participantes da geração mais velha e da geração intermediária tenham negado qualquer desvantagem em ter filhos, pois ter filhos parece ser algo essencialmente bom.

Porém, ainda assim, algumas desvantagens são apontadas. A que apareceu nas três gerações é a *preocupação* com o bem-estar do filho. Trata-se de um bem-estar que envolve principalmente aspectos como segurança e recursos materiais e financeiros suficientes para a criação dos infantes. A geração mais velha também trouxe a *possibilidade de um filho nascer doente*, o que traria gastos, dificuldades e não seria produtivo. A geração intermediária se permitiu reforçar bastante apenas o aspecto da preocupação com os filhos. E a geração mais nova levantou a possibilidade de *noites de sono perdidas* e a *necessidade de sair de si e pensar no outro*. Esta última “desvantagem” chama a atenção, porque parece ir de encontro a uma característica marcante da sociedade capitalista moderna, que vem se acentuando com o passar do tempo: o individualismo. O ter filho parece requerer um despojamento que incita os pais

a saírem de seus interesses individuais e a passarem a ter que pensar em outro alguém, no caso, o filho.

Portanto, percebeu-se que o filho tem papel essencial na constituição familiar, que ele ainda é elemento que determina o sentimento de existência de família. Mas também se percebe que esta posição central que o filho possui foi e é vivenciada de maneira diferenciada nas diferentes épocas. Notou-se que a realidade social e econômica de cada época foi norteadora da construção de significação de filho nas diferentes gerações apesar de ainda se encontrar um veio central que parece permanecer, ao longo do tempo, do que se entende como filho.

## *5.2) Vivência da fecundidade por famílias brasileiras do século XX*

### *5.2.1) Relações de gênero e práticas de criação de filhos*

A partir da significação de família, de filho e da importância deste para a família, o presente estudo buscou entender como a fecundidade foi experienciada pela família brasileira por três gerações do século XX.

Para tanto, temas norteadores foram identificados e seus dados analisados de forma que foram geradas algumas conclusões importantes. Estes temas foram: as relações de gênero na família, as práticas de criação de filhos, contracepção e planejamento familiar.

Percebeu-se que as relações de gênero são norteadoras de muitas decisões e responsabilidades assumidas na família. As diferenças muitas vezes apontadas entre homens e mulheres, especialmente quanto à maternidade e à paternidade, e as modificações que se deram nestas vivências ao longo do século XX ajudaram a

desenhar a vivência da fecundidade pelas famílias brasileiras nas diferentes gerações estudadas.

A primeira geração, a geração mais velha, foi a que mais apresentou fortes diferenciações entre tarefas de homens e mulheres. Esta geração ainda vivenciava as funções familiares como divididas em internas (afazeres domésticos e cuidados com os filhos) e externas (trabalho remunerado e provimento material). Esta divisão era repetida quanto ao gênero, o que atribuía à mulher as responsabilidades interna e aos homens, as externas. Esta vivência colocava a mulher mais próxima dos filhos, mas íntima do espaço doméstico e de suas necessidades, o que possibilitava um cuidado mais apropriado do lar e dos filhos, enquanto o pai se encarregava das necessidades materiais. Assim, percebeu-se que nesta geração, quem cuidava dos filhos e do trabalho doméstico era inteiramente a mulher. O homem pareceu mais distante dos filhos, até mesmo afetivamente. A presença do homem na vida dos filhos se dava mais nas cobranças, especialmente com relação aos estudos, no aconselhamento e no lazer. A mulher fornecia cuidados básicos aos filhos, como alimentação e higiene. Os cuidados da mulher favoreciam o bom zelo da prole, o que ajudava as famílias a não se preocupassem tanto em restringir o número de filhos.

A vida conjugal também era regida por estas diferenças de gênero, nas quais o homem tinha direito de vivenciar a realidade externa da casa, não só no trabalho, mas nas relações sociais e nas práticas sexuais. Estas eram práticas tradicionais aceitas e reforçadas, de forma que permitia muitas atividades aos homens em contraposição à extrema vigilância sobre a mulher. Isso justificava situações de infidelidade masculina e imposição da vontade do homem na vida conjugal, que apareceram nos dados coletados. A separação conjugal existiu, mas a mulher separada não estabeleceu qualquer outro

relacionamento afetivo, mantendo-se fiel ao seu antigo esposo, ao contrário do homem que se separou. Apesar disso, parte considerável dos pareceres quanto à vida conjugal foram positivos.

Na geração intermediária, uma mudança importante veio iniciar alterações profundas nas relações de gênero e na família: a entrada da mulher no mercado de trabalho. Foi nesta geração em que muitos acontecimentos sociais possibilitaram que a mulher atingisse a condição de poder exercer o trabalho externo. Foi quando a mulher precisou deixar de cuidar unicamente do ambiente interno da família. Isto afetou diretamente a prática de criação dos filhos – as estratégias para cuidar dos filhos precisaram ser reelaboradas e alguns recursos externos começaram a ser acionados. Os discursos começaram a mudar e o tema da divisão de tarefas e responsabilidades domésticas e com os filhos começaram a aparecer. Mas o discurso ainda se mostrou distante da prática, pois apesar de algumas mães trabalharem fora, ainda eram elas as responsáveis pelo cuidar básico dos filhos e pela organização da casa, mesmo que isso se desse com auxílios externos, como o da empregada doméstica. Porém, não se pode negar que alguns tabus começaram a ser quebrados e os homens começaram também a assumir algumas atividades antes exclusivas das mulheres, apesar de isso ter ocorrido de maneira bem moderada e circunstancial.

Na geração intermediária as mulheres ainda eram vistas como mais próximas a seus filhos, porém parece começar a existir um interesse dos pais em maior participação na vida dos infantes e na vivência de uma afetividade mais evidente entre pais e filhos. O diálogo pareceu sobrepor-se a antigas práticas de retaliação na educação dos filhos.

É também nesta geração que se percebe que o número de filhos foi reduzido – como ilustração, no presente estudo nenhum destes participantes teve mais que três

filhos. Elementos novos na significação de filho aparecem, como, por exemplo, fonte de amadurecimento para os pais. Todo este contexto parece colocar no filho um valor individual que disparou nos genitores um maior interesse pela intimidade afetiva e emocional em relação aos seus filhos e pelo próprio saber que os filhos podem ajudar os pais a construírem.

As relações conjugais, nesta geração, foram tratadas com mais clareza, demonstrando a importância da reciprocidade dos comportamentos e dos valores do casamento. O divórcio teve presença e desta vez a mulher divorciada já estabeleceu outra relação conjugal. Ou seja, nesta geração, a mulher já passou a ter mais espaço para buscar a vida conjugal que julgasse adequada aos seus anseios e necessidades, podendo interromper relações insatisfatórias e buscar outras mais adequadas, ao contrário da geração anterior.

Na geração mais nova, o discurso é pela igualdade de gênero. Tanto homens quanto mulheres devem ser responsáveis por todas as tarefas familiares, tanto as internas quanto as externas, apesar de, em relação aos cuidados com os filhos, as mulheres ainda serem consideradas como mais capazes.

As condições sociais e econômicas parecem ser justificativas para que estes jovens pensem em ter poucos filhos, porém se deseja que a relação estabelecida com seus filhos seja intensa, baseada no amor e no companheirismo entre pais e filhos. O diálogo é a principal estratégia indicada para a educação dos futuros infantes. Porém, certo distanciamento físico dos filhos parece ser inevitável com homens e mulheres trabalhando fora de casa, ainda que os períodos de proximidade possam ser especialmente bem aproveitados. É neste momento em que recursos externos como creches e escolas, ou até mesmo empregadas domésticas ou babás, são reforçados como

necessários à criação dos filhos. Esta não parece ser uma situação confortável para estes futuros genitores, mas no momento não há alternativas realizáveis.

Com relação à conjugalidade, todos se mostram dispostos a realmente dividir as tarefas familiares e estabelecerem casamentos baseados no companheirismo, na confiança e no diálogo. Parece ser este um discurso coerente com a igualdade de gênero, no qual tanto mulher quanto homem expõem suas vontades e opiniões e arcam com as mesmas responsabilidades. Porém, ainda não se pôde conferir se realmente o discurso irá ser coerente com a prática.

Notou-se que as mudanças nas relações de gênero foram consideráveis e atingiram várias outras práticas familiares, até mesmo as formas de criação dos filhos. A divisão de papéis naturalizados a partir da vivência de tradições deu espaço à maior negociação entre homem e mulher que tem formatado novas tendências nas relações conjugais e familiares. O filho também alcançou maior autonomia, de forma que passou a ser mais escutado. Tudo isso modificou as relações pais e filhos, ganhando importância a afetividade. Os pais parecem ter a intenção de viver maior proximidade com seus filhos, mas nem sempre isso é possível, pois as demandas da sociedade atual impelem tanto pai quanto mãe a trabalharem fora de casa, o que leva à redução do tempo disponível para os filhos.

### *5.2.2) Contracepção e planejamento familiar*

Outros dois fatores também tiveram influência significativa na vivência da fecundidade no século XX: a contracepção e o planejamento familiar, pois a partir deles ter filhos pôde ser planejado.



Percebeu-se que na geração mais velha o uso de anticoncepcionais era muito restrito, mas isso não significou que práticas contraceptivas não estivessem presentes. Estratégias como a própria evitação do ato sexual foram usadas por alguns participantes, especialmente pelas mulheres. Mesmo que fosse uma época que aceitasse um número maior de filhos, foi possível verificar que já era intenção de algumas pessoas evitar a concepção ou até mesmo organizar as gravidezes. A diferença é que nesta época, além de métodos anticoncepcionais serem arcaicos e restritos, a evitação de filhos parecia ser algo velado, rodeado de tabus, não discutido pelos casais e não valorizado pela sociedade. Não se falou em planejamento familiar, mas verificou-se que algumas estratégias já eram acionadas para a organização do ter filhos.

Na geração intermediária, os métodos contraceptivos estiveram muito presentes. Métodos mais elaborados também passaram a estar mais acessíveis à população, apesar de ainda existirem alguns entraves, principalmente os preconceitos. É nesta geração que se nota uma redução significativa no número de filhos em relação à geração anterior, o que certamente foi facilitado pelos anticoncepcionais. Apesar de ser a contracepção geralmente discutida pelo casal, a responsabilidade por ela era basicamente da mulher. Mesmo com a presença de métodos anticoncepcionais, a idéia do planejamento familiar ainda não estava totalmente assentada nesta geração, conclusão esta pautada no fato de poucos participantes terem planejado seus filhos.

Já na geração mais nova a contracepção é prática entre os jovens, até mesmo porque a atividade sexual não está mais somente restrita ao casamento. O acesso mais fácil e com menos preconceitos aos anticoncepcionais facilitaram a existência de maior liberdade sexual, inclusive por parte da mulher, pois eles ajudaram a viabilizar a separação da sexualidade da finalidade única de procriação. O planejamento familiar é

tema vigente e todos os participantes pretendem planejar seus filhos. Até mesmo os participantes das outras gerações consideram o planejamento familiar na atualidade como necessário e adequado.

### 5.2.3) *Considerações finais*

Tudo isso ajuda a entender a vivência da fecundidade no século XX e ajuda a visualizar causas para as mudanças ocorridas.

A organização do ter filhos não é uma intenção recente, mas é só a partir de meados do século XX que isso fica viabilizado, principalmente pelo acesso aos métodos anticoncepcionais. O planejamento familiar começa a ganhar força e atualmente é visto como necessário e é prática corrente (pelo menos entre os brasileiros que não vivem dificuldades econômicas extremas), principalmente pelas exigências sociais de que homens e mulheres são alvos, especialmente com relação à profissão e à produtividade. Esta é uma mudança intergeracional importante que parece que irá continuar norteando a vivência da fecundidade pelas famílias.

Outras mudanças intergeracionais citadas pelos participantes, as quais merecem destaque, são:

- a importância do filho parece ter aumentado, devido à necessidade da vivência da afetividade e aos riscos que se tem de perdê-lo, mas principalmente pela redução do número de filhos, o que aumentou o valor de cada um;
  - a forma de criar os infantes foi modificada, passando de punições ao diálogo e à afetividade, além de estarem mais disponíveis recursos externos e tecnológicos.
- A necessidade de uso de recursos externos é justificada principalmente pelo fato

de a mulher ter se inserido no mercado de trabalho, o que a afastou da criação direta e exclusiva de seus filhos;

- Quanto às relações de gênero, as mulheres ganharam mais autonomia e independência o que provocou mudanças familiares e nas relações de casais, além de uma reavaliação dos papéis masculinos, embora tal reavaliação por vezes pareça estar apenas no discurso;
- Na sexualidade, houve mudanças significativas que permitiram que as práticas sexuais passassem do escondido, proibido e velado a uma sexualidade assumida por parte de homens e mulheres e com possibilidade de separar esta vivência da reprodução.

Assim, conclui-se que a fecundidade é fenômeno importante na vida humana, e é afetada diretamente pelas práticas sociais, econômicas e afetivas da época em que é vivenciada, o que veio confirmar a hipótese inicial do presente estudo. A família brasileira passou, assim, por momentos de significação diferenciada da fecundidade ao longo do século XX, mas alguns fatores permaneceram em vigência, principalmente o papel que o filho tem para a idéia de família.

O filho ainda é tido como essencial para se considerar que uma família está constituída, ainda que a realidade mostre que novas estruturas familiares surgiram, sendo que algumas delas não incluem filhos. Acredita-se que estas formas diferenciadas de família realmente são coerentes com exigências da realidade atual, mas ainda não constituem modelos reconhecidos e partilhados socialmente como família. A estrutura familiar que ainda se tem em mente como ideal de família é a da tríade característica da família nuclear, na qual o filho é fundamental. Essa tríade que nas gerações passadas era apenas uma configuração de partida, hoje é muitas vezes o ponto de chegada, algumas

vezes transformando-se em quarteto, mas cada vez mais raramente ultrapassando tal “limite populacional”.

## REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Estudos populacionais (ABEP). *Publicações da ABEP*. Recuperado em: 01 de abril de 2008, de [http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno\\_id=028&nivel=0](http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=028&nivel=0)
- Balancho, L.S.F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386.
- Barbieri, C. (Ed.). (2007, 7 out.). Os que não se multiplicam. *Revista Família Brasileira*. Folha de São Paulo, 56-57.
- Barros, M.L. (2006). Introdução: sobre gerações, famílias e políticas sociais. Em M.L. de Barros (Org.), *Família e Gerações* (11-15). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bauer, M.W. Gaskell, G. e Allum, N.C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Em: M.W. Bauer e G. Gaskell., *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático* (17-36). Petrópolis. Vozes.
- Benicá, C.R.S.; Gomes, W.B. (1998). Relatos de mães sobre transformações em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3 (2), 177-205.
- Berquó, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. Em L.M. Schwarcz (Org.), *História da vida privada no Brasil – Contrastes da intimidade contemporânea* (412-437), São Paulo, Companhia das Letras.
- Biasoli-Alves, Z.M.M e Silva, M.H.G.F.D. (1992). Análise qualitativa dos dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, nº02, 61-69.
- Biasoli-Alves, Z.M.M (1997) Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.

Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998). A Pesquisa em Psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em: G. Romanelli e Z.M.M. Biasoli-Alves, *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (135-157). Ribeirão Preto. Legis Summa.

Bilac, E.D. (1995). Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. Em I., Ribeiro; A.C.T. Ribeiro (Orgs.), *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira* (167-190). São Paulo: Loyola.

Bilac, E.D. (2003). Família: algumas inquietações. Em M.C.B. Carvalho (org.), *A família contemporânea em debate* (29-38). São Paulo: EDUC/Cortez.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1999). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto. Porto Editora.

Campo, S. del; Rodríguez-Brioso, M. del M. (2002). La gran transformación de la familia española durante la segunda mitad del siglo XX. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 100 (2), 103-165.

Canzian, F. (Ed.). (2007, 7 out.). Homem paga em cash; mulher em jornada. *Revista Família Brasileira*. Folha de São Paulo, 48-50.

Cechetto, F.R. (2004). *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro. Editora: FGV.

Coll, C. (2004). Concepções e tendências atuais em psicologia da educação. Em: C. Coll, A. Marchesi, J. Palácios, *Desenvolvimento Psicológico e educação: Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar, vol. 01* (19-42). Porto Alegre. Artes Médicas.

Coutinho, S.M.S. (2008). *“A dona de tudo”*: o que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Sato. Vitória, ES.

Dias, A.C.G.; Lopes, R.C.S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo, Maringá* (8), num. esp., 63-73.

Diniz, G.; Coelho, V. (2005). A história e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. Em: T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (138-157). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio.

Féres-Carneiro, T. (1999). Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. Em T., Féres-Carneiro (Coord.), *Casal e família – entre a tradição e transformação* (96-117). Rio de Janeiro: Nau.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Franco, M.L.P.B. (2003). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano Editora.

Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (1), 47-57.

Gouvêa, M.C.S. (2003). Infância, Sociedade e Cultura. Em Carvalho A., Salles F. e Guimarães, M. e Debortoli, J.A. (Orgs.), *Desenvolvimento e Aprendizagem* (13-29). Belo Horizonte: UFMG.

Guedes, S.L.; Lima, M.S.. (2006). Casa, família nuclear a redes sociais em bairros de trabalhadores. Em M.L. de Barros (Org.), *Família e Gerações* (131-160). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), *Censo demográfico de 2000*. Recuperado em: 16 de janeiro de 2008 / 19 de março de 2009, de [http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2000/nupcialidade\\_fecundidade/notas.pdf](http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2000/nupcialidade_fecundidade/notas.pdf)

Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. Em T., Féres-Carneiro (Coord.), *Casal e família – entre a tradição e transformação* (54-69). Rio de Janeiro: Nau.

Population Reference Bureau (2004) *World Population Data Sheet, celebrating 75 years of PRB (1929-2004)*. Recuperado em 20 de março de 2008, de [http://www.prb.org/pdf04/04WorldDataSheet\\_Eng.pdf](http://www.prb.org/pdf04/04WorldDataSheet_Eng.pdf)

Population Reference Bureau (2005) *World Population Data Sheet, celebrating 75 years of PRB (1929-2004)*. Recuperado em 20 de março de 2008, de [http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet\\_Eng.pdf](http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet_Eng.pdf)

Remoaldo, P.C.A. (2001). O passado, o presente e o futuro do planejamento familiar em Portugal. *Revista de Demografia Histórica*, XIX (I), segunda época, 139-155.

Rocha-Coutinho, M.L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

Rocha-Coutinho, M.L. (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. Em M.L. de Barros (Org.), *Família e Gerações* (91-106). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Romanelli, G. (2003). Autoridade e poder na família. Em M.C.B. Carvalho (org.), *A família contemporânea em debate* (73-88). São Paulo: EDUC/Cortez.

Rosemberg, F. (1995). A criação dos filhos pequenos: tendências e ambigüidades contemporâneas. Em I., Ribeiro; A.C.T. Ribeiro (Orgs.), *Família em processos*



*contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira (167-190)*. São Paulo: Loyola.

Saraceno, C., Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família* (M.D.Guerreiro, Trad.). Temas de Sociologia. 2ª edição. Editorial Estampa: Lisboa.

Sarti, C.A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 13 (2), 11-28.

Santos, T.F. (2006). Prefácio. Em: C.C.S. Simões (2006), *A transição da fecundidade no Brasil: análise de seus determinantes e suas questões demográficas* (11-13). São Paulo: Arbeit Factory Editora e Comunicação.

Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. (5) 8, 47-60.

Simões, C.C.da S. (2006). *A transição da fecundidade no Brasil: análise de seus determinantes e suas questões demográficas*. São Paulo: Arbeit Factory Editora e Comunicação.

Souza, G.A.A. (1995). A formação de proles e a criação de filhos na Bahia. Em I., Ribeiro; A.C.T. Ribeiro (Orgs.), *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira (167-190)*. São Paulo: Loyola.

Therborn, G. (2006). *Sexo e poder: a família no mundo de 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

Torres, A. (2000). A individualização do feminino, o casamento e o amor. Em C.E. Peixoto, F.E.; Sigly; V. Cicchelli (Orgs.), *Família e individualização* (135-156). Rio de Janeiro: FGV.

Trindade, Z.A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 9 (3), 535-546.

Trindade, Z.A.; Andrade, C.A.; Souza, J.Q. (1997). Papéis parentais e representações de paternidade: a perspectiva do pai. *Psico*, 28 (1), 207-222.

Trindade, Z.A. e Menandro, M.C.S. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia*, 7 (1), 15-23.

Trindade, Z.A., Menandro, M.C.S. e Gianórdoli-Nascimento, I.F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. Em M.M.P. Rodrigues & P.R.M. Menandro (Orgs.), *Lógicas Metodológicas – trajetórias de pesquisa em psicologia* (p.71-92). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora.

Turato, E.R. (2003). Decidindo quais indivíduos estudar. Em: E.R., Turato, *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa* (351-368). Petrópolis. Vozes.

Vaitsman, J. (1994). Flexíveis e plurais – Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco.

Wagner, A. (2005). Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. Em: T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (33-49). Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio.

**ANEXOS**

## ANEXO 01

***Roteiro de entrevista***

***Sexo:*** \_\_\_\_\_ ***Escolaridade:*** \_\_\_\_\_

***Idade:*** \_\_\_\_\_ ***Profissão:*** \_\_\_\_\_

***Estado Civil:*** \_\_\_\_\_ ***Há quanto tempo?*** \_\_\_\_\_

***N° de filhos:*** \_\_\_\_\_ ***Filhos adotivos ou naturais?*** \_\_\_\_\_

***Sexo dos filhos (em ordem):*** \_\_\_\_\_

***Idades dos filhos (em ordem):*** \_\_\_\_\_

1) O papel do filho e concepções de fecundidade e de família:

1.1) Qual o significado de “filho” para você?

1.2) O que é família para você?

1.3) O que a fecundidade/ter filhos significa pra você?

1.4) Qual é a importância dos filhos para a família?

1.5) Na sua opinião, quais são as pessoas que compõem uma família (família mínima)?

1.6) Existe família sem filho?

2) Organização familiar e práticas de criação dos filhos:

- 2.1) Quais são as pessoas que compõem sua família?
- 2.2) Quem mora na sua casa?
- 2.3) Quais são as responsabilidades de cada uma das pessoas de sua família?
- 2.4) Como os filhos são cuidados no dia-a-dia (rotina)?
- 2.5) Os filhos foram planejados? Quais os motivos para isso?
- 2.6) Quais as vantagens e desvantagens do ter filhos?
- 2.7) Você teria mais ou menos filhos? Por quê?

3) Relação entre fecundidade, gênero e conjugalidade:

- 3.1) Como é sua relação com seu(a) companheiro(a) – (impressões da pessoas sobre a conjugalidade)? O que você gostaria que fosse diferente?
- 3.2) Você acha que existem diferenças nas tarefas familiares entre homem e mulher? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?
- 3.3) Existem diferenças entre homem e mulher no cuidar dos filhos? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?

4) Contracepção, esterilização, aborto:

- 4.1) Você usa ou já usou algum método contraceptivo/para evitar gravidez? Por quê?
- 4.2) Qual método você usa ou usou?
- 4.3) Quando começou a usá-lo e por quê?
- 4.4) *Se parou de usá-lo*: Por que parou de usá-lo e quando?
- 4.5) Foi uma decisão individual ou do casal?

4.6) A responsabilidade da manutenção do método contraceptivo é de quem?

(Individual ou do casal?)

4.7) Qual é a importância da do planejamento familiar, na sua opinião?

5) Mudanças entre as gerações:

*As perguntas relatadas a seguir dizem respeito à mulher mais jovem das famílias estudadas. Em outros casos, serão feitas as comparações convenientes com as pessoas da mesma família e do mesmo gênero.*

5.1) Você vê diferenças na importância dada aos filhos na sua família em relação à família da sua avó e da sua mãe? Quais?

5.2) Você vê diferenças na forma como sua família cria os filhos em relação à família da sua avó e da sua mãe? Quais?

5.3) Você vê diferenças dos papéis do homem e da mulher na sua família em relação à família da sua avó e da sua mãe? Quais?

5.4) Você vê diferenças na forma de lidar com a fecundidade e a contracepção na sua família em relação à família da sua avó e da sua mãe? Quais?

5.5) Você acha que existem outras diferenças entre a sua família, a família da sua avó e a da sua mãe? Quais? O que é mais marcante para você?

## ANEXO 02

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)**

(1ª Via)

*“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”* (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “Vivência da fecundidade da família brasileira no século XX”, recebi da Mestranda Thaís Caus Wanderley, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a investigar as vivências, valores e representações que as famílias brasileiras construíram ao longo do século XX a respeito da fecundidade, como capacidade e disponibilidade em ter filhos.
  
- Que a importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre a história psicológica e social das famílias brasileiras quanto ao ter filhos, a partir da compreensão dos significados a eles atribuídos, assim como produzir conhecimentos que dêem

subsídios para que novas políticas sociais sejam pensadas em relação às taxas de fecundidade e natalidade.

- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo dos temas Família e Fecundidade; fornecer subsídios para que questão mundial da fecundidade seja aprofundada.
  
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: Serão pesquisados 6 conjuntos de sujeitos de famílias diferentes, todas de classe média. Cada conjunto será composto por três pessoas do mesmo sexo, mas de gerações distintas da mesma família – 3 conjuntos com filhas, mães e avós e 3 conjuntos com filhos, pais e avôs, totalizando 18 sujeitos a serem entrevistados. Estes participantes responderão a questões sobre concepções de fecundidade e família; organização familiar e práticas de criação dos filhos; relação entre fecundidade, gênero e conjugalidade; contracepção; e mudanças constatadas entre as diferentes gerações.
  
- Que participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada concedida a pesquisadora, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
  
- Que, sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

- Que a minha participação neste estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

**Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa:**

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari , Nº. 514, Goiabeiras

Cidade: Vitória - ES

CEP: 29075910

Telefones p/contato: 4009-2501

<p>(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)</p>	<p>Thaís Caus Wanderley (Rubricar as demais páginas)</p>